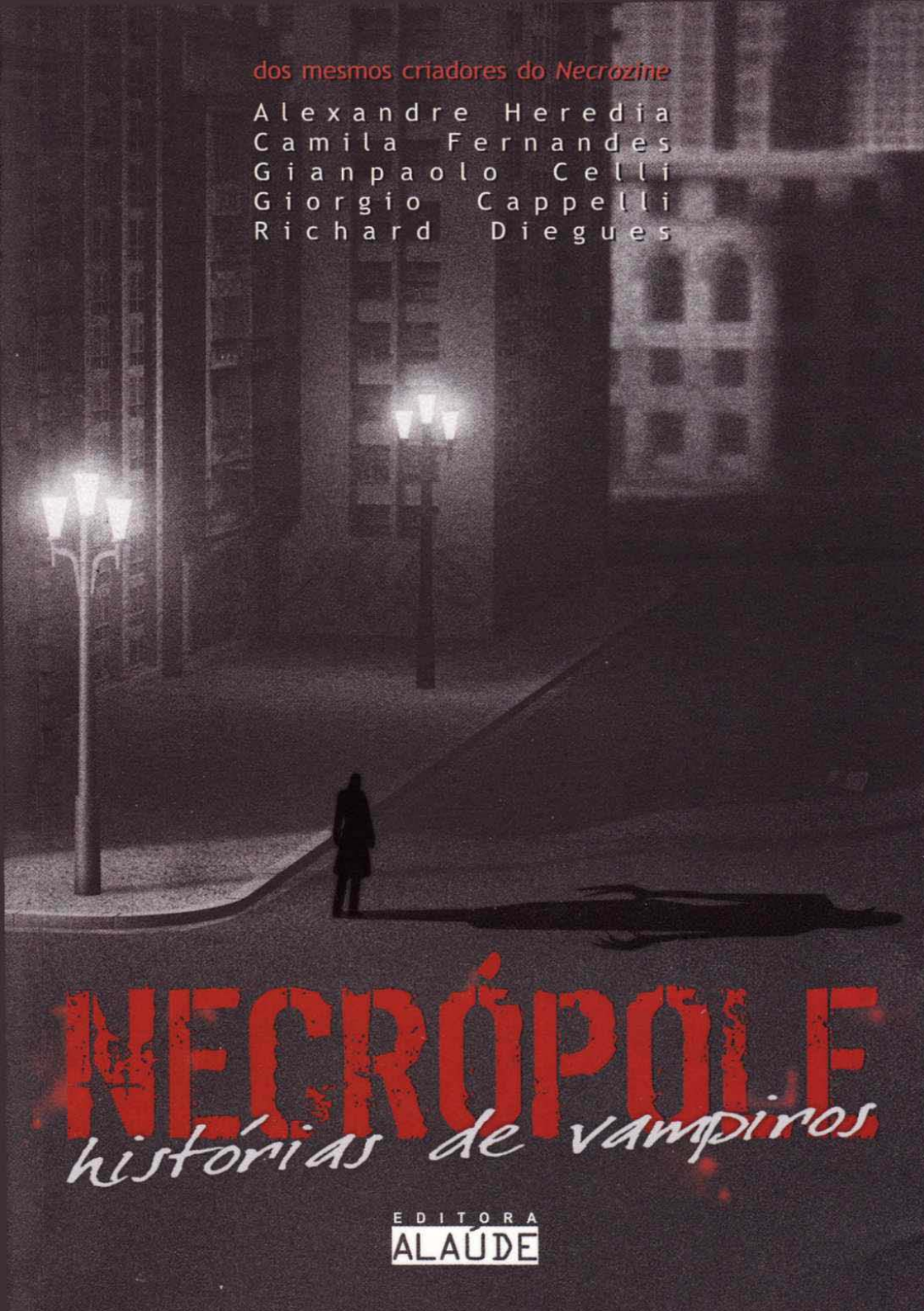




dos mesmos criadores do *Necrozine*

Alexandre Heredia
Camila Fernandes
Gianpaolo Celli
Giorgio Cappelli
Richard Diegues

NECRÓPOLE

histórias de vampiros

EDITORA
ALAÚDE



Há tempos escrevemos sobre os seres que sugam nossa vitalidade — estão aí mitos e contos folclóricos pertencentes a dezenas de culturas para atestar a universalidade e a pertinência de uma certa indagação humana.

Não questionamos a existência de vampiros; isso já parece verdade estabelecida, dados a profusão de histórias sobre eles e o fascínio que despertam. Indagamos, isso sim, como são eles, de que maneira atuam, até que ponto vai sua fome de sangue e vida.

Talvez venha daí a angústia que muitos dos personagens vivenciam: vale a pena privar outro ser de sua vitalidade para prolongar uma pseudovida, uma existência eterna, mas vazia de significado, de amor?

É sobre essa angústia e essas indagações que as histórias aqui relatadas refletem. E que melhor habitat existe para seus personagens do que a metrópole, o universo multifacetado do caos urbano, que neste início de século praticamente define a perplexa sociedade humana?

Em narrativas diversas, ora delicadas, ora cruéis, os autores mergulharam na figura folclórica do vampiro imemorial e emergiram trazendo histórias perturbadoras de uma ameaça que metaforiza tantas das nossas inquietações.

Após a leitura, resta-nos a tentativa de compreensão do universo vampírico nesta metrópole que vira *Necrópole*. Tão distantes, mas ao mesmo tempo tão próximos, na dicotomia repulsa-fascinação que permeia o imaginário popular.

Quem ousará questionar a existência deles?

Rosana Rios
escritora

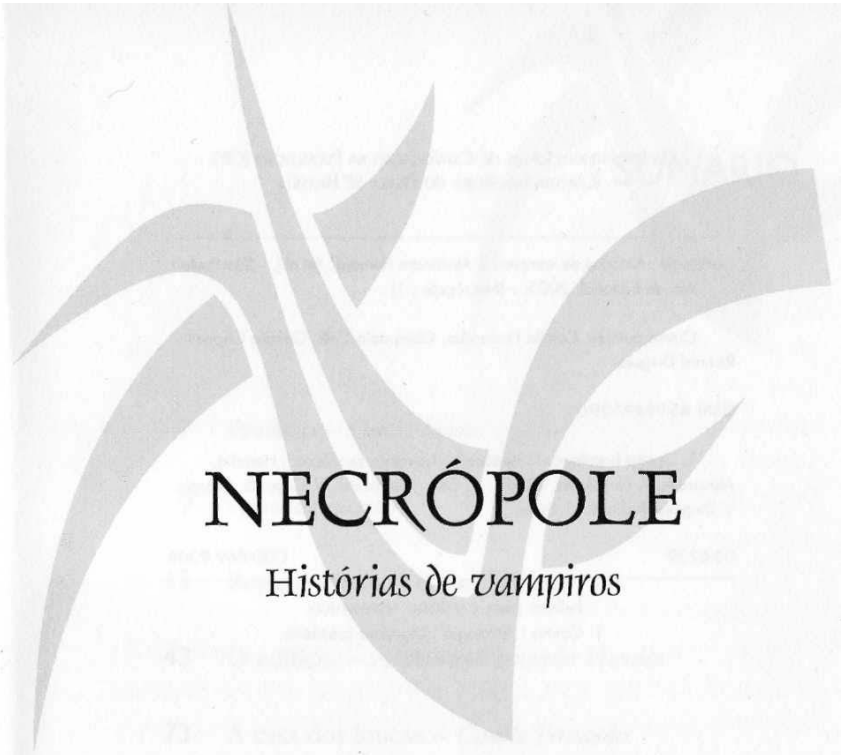
Necrópole: histórias de vampiros é uma obra que aparece no cenário editorial brasileiro para preencher a lacuna que ainda persiste nas publicações de suspense e terror.

A idealização deste livro originou-se de um trabalho criado pelos mesmos escritores que participam desta obra, praticamente com o mesmo formato: o *NecroZine*, um periódico bimestral, com contos de suspense e terror, distribuído em eventos culturais como forma de propagação do gênero literário.

As histórias do zine envolvem vampiros, lobisomens, assassinos seriais, assombrações, personagens lendários, canibais e criaturas inofensivas que, do dia para a noite, se tornam ameaças. Os elementos terror e suspense são bem dosados, o que tem agradado até aos não-entusiastas do gênero, por sua sutileza e suas narrativas bem conduzidas. Os leitores são envolvidos pelas tramas nas histórias fortes de Alexandre, pelo toque sedutor de Camila, a acidez marcante de Gian, a ironia bem-humorada de Giorgio e a profundidade psicológica de Richard.

Tudo isso fez com que o *NecroZine* alcançasse uma grande aceitação e o apoio para que a obra se desdobrasse em algo maior: o projeto *Necrópole*, culminando com o livro que você tem em suas mãos neste momento.

Por esta e por outras, você percebe que *Necrópole* é mais do que um simples livro. Ele é o fruto de uma proposta forte, desenvolvida em meio a sonhos e regada com muito sangue!



NECRÓPOLE

Histórias de vampiros

Alexandre Heredia

Camila Fernandes

Gianpaolo Celli

Giorgio Cappelli

Richard Diegues

EDITORA
ALAÚDE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro. SP Brasil)

Necrópole: histórias de vampiros / Alexandre Heredia...
[et al.]. — São Paulo: Alaúde Editorial, 2005. — (Necró-
pole; 1)

Outros autores: Camila Fernandes, Gianpaolo Celli, Gior-
gio Cappelli, Richard Diegues

ISBN 85-98497-29-0

1. Contos brasileiros — Coletâneas — Literatura brasileira
I. Heredia, Alexandre. II. Fernandes, Camila. III. Celli,
Gianpaolo. IV. Cappelli, Giorgio. V. Diegues, Richard. VI.
Série.

05-6239 CDD-869. 9308

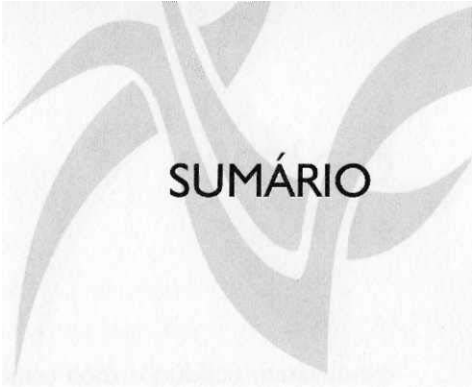
Índices para catálogo Sistemático: 1. Contos: Antologia:
Literatura brasileira 869. 9308

Editor: Antonio Cestaro

Revisão: Camila Fernandes, Giorgio Cappelli e Verena
Peres

Capa: Camila Fernandes, David Hoffmann F Fabiana
Fernandes

Projeto Gráfico e Diagramação: Fabiana Fernandes



SUMÁRIO

Prefácio — *Giulia Moon*

Agradecimentos

Rogai por nós — *Richard Diegues*

O edifício — *Alexandre Fernandes Heredia*

A casa dos loucos — *Camila Fernandes*

Acerto de contas — *Giorgio Cappelli*

Anatomia imortal — *Gianpaolo Celli*

A graphic element at the top of the page features a light gray background with a stylized, abstract design in a darker gray. The design consists of several curved, overlapping shapes that suggest a sense of movement or a stylized letter 'M'. Centered over this graphic is the word "PREFÁCIO" in a bold, black, sans-serif font.

PREFÁCIO

CONVIVENDO todas os dias (e noites) com o público maravilhoso da *web*, vi nascer e crescer vários talentos. E, entre esses novos escritores, destacaram-se estes cinco amigos de chope e guaraná, dispostos a enfrentar, com muita juventude, imaginação e vontade, os monstros e fantasmas do anonimato. Portanto, não poderia deixar de considerar o convite para escrever este prefácio uma grande honra. Vamos lá, então, ao trabalho!

O caminho que os Necroautores escolheram para o livro de estréia do quinteto foi o de nos conduzir pelas ruas e avenidas sombrias de uma metrópole. *Necrópole*, que significa ao mesmo tempo “cemitério” e “cidade dos mortos”, não poderia denominar melhor estes cinco contos de vampiros. Vampiros, sim. Assustadores, violentos, loucos, cruéis. Carrascos e vítimas dos humanos. Mas sempre vampiros, subsistindo na obscuridade de uma megalópole moderna, fazendo-nos meditar sobre a imortalidade, a juventude eterna, a necessidade de predar para sobreviver. Questões inconclusivas, e por isso mesmo sempre atuais, que garantem o nosso eterno fascínio por estas criaturas.

Em *Necrópole*, cada conto é diverso do outro como se viessem de dimensões diferentes. Nada mais natural, partindo de cinco escritores de personalidades fortes, que trazem em comum duas grandes qualidades: o frescor e a criatividade.

No conto *Rogai por Nós*, Richard Diegues tece um réquiem solene e impiedoso sobre os mitos da Mãe Santíssima, religião, imortalidade e castidade. Seu pedaço desta *Necrópole* deve ser apreciado com atenção, curtido em cada detalhe, cena por cena.

Alexandre Heredia nos envia de supetão aos guetos, à umidade e ao fedor de uma *Necrópole* sem *glamour* e sem heróis.

Seu conto *O Edifício*, após uma narrativa cheia de suspense, deixa ao final um arrepio de pavor. Prova de que lá está um ótimo conto de terror.

A Casa dos Loucos de Camila Fernandes mistura uma prosa leve e ágil com cenas absolutamente cruéis. Narmando a sua história num ritmo alucinante, a única representante feminina da *Necrópole* mostra com sobras que, de frágil, a sua escrita não tem nada!

O conto de Giorgio Cappelli é uma ilha de leveza nesta *Necrópole* trágica. Em *Acerto de Contas*, Giorgio mistura ação e bom humor numa história que poderia acontecer com um amigo ou parente. Se ele fosse um vampiro, é claro!

Gianpaolo Celli disseca com a precisão de um cirurgião todos os medos que guardamos no fundo de nossas almas. Preparem os corações, pois ele drenará todo o seu sangue frio ao atirá-lo no aterrorizante conto *Anatomia Imortal*.

Todos os contos demonstram maturidade e profundo conhecimento da difícil arte de “contar bem”. São autores jovens, surpreendentes e criativos, surgindo para ocupar o lugar ao qual têm direito na sua estante. E, agora que já sentiram o gostinho das narrativas que compõem esta *Necrópole*, não percam mais tempo. Façam como eu: recostem-se numa cadeira confortável e mergulhem na leitura mais prazerosa. Ultrapassem as fronteiras desta megalópole sem sol. Caminhem junto com os Necroautores pelas ruas escuras e solitárias.

Cuidado, porém. Talvez nunca mais encontrem a porta de saída. Mas, com certeza, estarão em ótima companhia!

Giulia Moon

Diretora de criação e sócia de uma agência de comunicação em São Paulo. Publicou dois livros de contos: “Luar de Vampiros”, 2003, pela Scortecci Editora, e “Vampiros no Espelho & Outros Seres Obscuros”, 2004, Landy Editora.

Para conhecer os contos e poemas da Giulia, acesse: www.giuliamoon.com.br

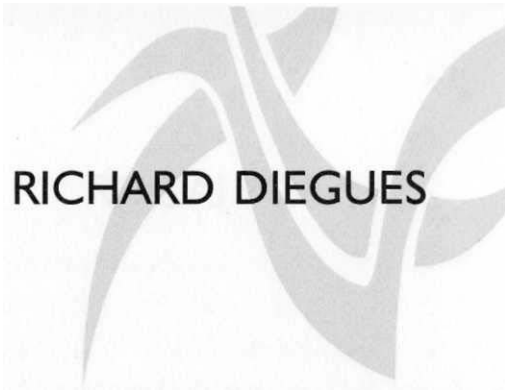


AGRADECIMENTOS

Os AUTORES gostariam de agradecer a todos aqueles que acreditaram neste trabalho e, direta ou indiretamente, contribuíram para a sua realização.

E aos que não acreditaram, por nos dar o incentivo necessário para contradizê-los.

A vocês, o nosso muito obrigado.



RICHARD DIEGUES

PERSONAGENS que se apresentam a si mesmos, sem a necessidade de longas descrições. A atmosfera de suspense que aflora e se desenvolve na narrativa fluente, sem pressa, cativa o leitor. Eis os grandes achados de Richard Diegues.

De seu primeiro trabalho, *Magia — Tomo I, até* este conto, percebe-se o rápido amadurecimento artístico de Diegues. Os diálogos de *Rogai por nós* expressam tamanho peso psicológico que poucas palavras bastam para entendermos perfeitamente a motivação do protagonista.

A melancolia do personagem Marcos, longe de torná-lo um conformista, impele-o a vencer seus traumas, mesmo diante dos piores horrores. Ao confrontar-se com seu destino, ele entende que a morte, tão próxima em certos momentos de sua existência, nem sempre é uma solução possível.



ROGAI POR NÓS

Nada posso lhe dar que já não exista em você. Não posso abrir-lhe outro mundo além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo e isso é tudo.

Hermann Hesse

O GOTEJAR era hipnótico e Marcos tinha consciência de que estava parado havia mais de duas horas observando aquilo. Sentia que, se passasse mais algum tempo ali, perderia totalmente a sua chance de retorno. Calculava que em meia hora estaria morto.

Em um último esforço desesperado, contorceu-se ensandecido e uma das mãos finalmente escapou da correnteia, o suor gelado auxiliando-o muito na empreitada. O velho gargalhava em sua cadeira de rodas enquanto ele soltava o restante dos membros. Quando terminou, ficou de frente para ele e sentiu seu próprio coração batendo

fraco, não obstante a força que despendera para se libertar. Estava morrendo.

Ajoelhando-se, apanhou a grande garrafa que já estava quase cheia e ergueu-a, com mais esforço do que necessitaria normalmente. Seus olhos fitavam ora a garrafa, ora o velho.

— Você está fraco e indefeso. Os seguranças estão armados. Ou isso ou a morte. Essas são suas escolhas — sibilou o velho, como se proferisse uma sentença imutável.

Batalhas e vidas se perderam em momentos de indecisão. Marcos não desejava ser mais uma vida perdida. Reinaria no inferno se essa fosse sua única saída, pois já não acreditava no paraíso. Tinha pessoas para ajudar. O líquido desceu (rio c grosso pela sua garganta, mas, apesar da repulsa, ele o engoliu.

— Depois que acordar, não se esqueça de mim — disse o velho ao ouvir a garrafa tombar vazia juntamente com o rapaz. — Você tem que me matar. Entendeu?

O desmaio se mostrou inevitável e Marcos, apesar de toda a sua determinação em permanecer consciente, deixou que as pálpebras se cerrassem. Tentou se lembrar de tudo que vivera até ali e como as coisas haviam se desencadeado. Retornou quatorze anos no passado.



Seus olhos se fixaram na mão estendida e a sensação que o invadiu foi uma imediata vontade de se erguer, de aceitar o apoio daquele gesto simpático. No entanto, uma pequena mancha vermelha, como um sinal de alerta, maculando a dobra interna de um dos dedos à sua frente

arreatou-o de seus sonhos e jogou 0 mais uma vez de encontro à realidade. Coisas terríveis aconteceram. O que mais o incomodava era o fato inegável de que havia sido o causador do ocorrido. Fosse ou não aquilo que desejara, era culpado.

Em um gesto abrupto, encostou o queixo sobre o peito e cerrou os olhos, tentando ocultar a visão daquela mão.

Com a triste certeza de que se enganara havia poucos momentos, rezou para a verdadeira Virgem, não a que o auxiliara e lhe estendia a mão, mas sim a que estava acima do bem e do mal. Unindo os dedos entrelaçados junto ao peito, orou por diversas vezes, repetindo a cantilena que aprendera ainda antes de seus sete anos de idade.

Mesmo após ouvir os passos se distanciando, ecoando pela nave central da igreja, permaneceu imóvel, entoando sua ladainha por mais de uma hora ininterrupta. Pedia à mãe de Deus que o perdoasse pelo engano e rogava para que um dia a culpa e a dor pudessem ser sanadas.

Exausto pelos acontecimentos do dia, Marcos chegou a um ponto em que suas lágrimas secaram e, alheias à angústia que ainda sentia, deixaram de rolar por sua face. O mesmo acabou ocorrendo com suas palavras e as orações foram lentamente morrendo em sua garganta, encerrando-se apenas em seus pensamentos.

Ao erguer a cabeça e reabrir os olhos, a imagem do Cristo Crucificado estava lá, sobre o altar, com a cabeça inclinada naquele ângulo anormal parecendo estar voltada exatamente em sua direção. O olhar triste e resignado não demonstrava nada; aqueles olhos não estavam ali para consolá-lo e muito menos para recriminá-lo. Girou a cabeça e avistou a imagem da Virgem à sua direita, notando

que o mesmo ocorria com a face dela, que, apesar de não estar em uma posição tão extrema, parecia perfeitamente voltar em sua direção um par de olhos ambíguos.

— Apenas imagens — balbuciou, olhando para a estatueta da Virgem. — Mesmo você é apenas uma imagem. Eu pedi a sua ajuda e acreditei que a senhora tinha vindo em meu auxílio. — Ele fungou e passou a manga da blusa pelo nariz em um gesto exagerado. — Eu acreditava, compreende? Acreditei que a senhora havia vindo me amparar.

Ergueu-se e caminhou até ficar próximo da imagem.

— Quando rezei pedindo para que me protegesse, acreditava que seria possível. Por isso, considerei um milagre quando a vi chegando para me oferecer amparo. Acreditei realmente que era a senhora quem havia ouvido minhas preces. Esta é a casa de Deus e tudo se faz possível, nada de mal pode conspurcar estas paredes, nada de mal pode manchar este santuário. O mal não deveria entrar aqui. Não na casa de Deus.

Olhou por cima do ombro para o confessional e notou que a vela dentro dele ainda permanecia acesa e a sombra do padre se permitia entrever através das cortinas rendadas. Retirou os aparatos de coroinha e deixou-os sobre o banco à sua frente. Seu sonho de se tornar um sacerdote quando alcançasse a idade oportuna lhe pareceu sem sentido e muito distante; apenas um sonho de criança, abandonado e esquecido. Não perdera a fé em Deus, mas sabia que Ele não estava ali naquela igreja.

Um gosto acre invadiu-lhe a garganta; tentou engolir a saliva, mas sua boca estava seca. Parecia que, a cada passo que dava em direção ao confessional, aquele gosto

metálico se acentuava. Pensava no adendo da casa sacerdotal onde morava desde os nove anos de idade, quando fora deixado por um pai que nunca tivera. O padre Joshua o havia encontrado na porta da igreja, faminto, perdido e com o esboço de uma oração fragmentada saindo de seus lábios. Conversaram durante um bom tempo, até que, por fim, ele o convidou para morar ali com outros meninos abandonados. Não houve burocracia. Naquele local, encontrou um lar e um ideal de vida. Quando completou doze anos, começou a dar assistência ao padre nas missas como coroinha. A que fora celebrada algumas horas atrás havia sido a sexta missa em que o auxiliara.

Esquecendo esses pensamentos, foi até o confessionário e abriu a porta sem cerimônia. Normalmente não faria aquilo, limitando-se a entrar na cabine da direita e fazendo a sua confissão através da treliça de madeira. Mas, depois do que acontecera naquela tarde, sentia-se no direito de encarar o padre nos olhos durante a confissão. Sentia que tinha de fazê-lo.

Quando abriu a portinhola da cabina, retesou os ombros, temendo que o padre gritasse. Nunca gritara antes, mas ele também nunca havia transgredido as regras daquela forma. Não houve grito algum e isso o deixou aliviado. Os olhos de Marcos encontraram os dele e um misto de repulsa e ódio o invadiu. Imediatamente baixou o olhar, tentando evitar o contato, mas nesse ato encontrou as mãos do padre. Teve que se controlar para não sair correndo ao ver aqueles dedos gordos e roliços. Tudo ao seu redor estava escuro e ele desejava que a vela dentro do confessionário também estivesse apagada. Seria mais fácil.

— Perdoe-me, padre, pois eu pequei. — Proferiu a frase por tantas vezes em sua curta vida que as palavras

saíam firmes, independentes de seus sentimentos. — Não me confesso desde esta manhã, mas, como sabe, contrái diversos pecados neste período.

Esperou para ver se o padre tomaria alguma atitude, se faria algo como atacá-lo. Temia realmente que tentasse agredi-lo da mesma forma que havia feito pouco antes da missa e um espasmo involuntário percorreu seu corpo. Sentiu uma grande repulsa ao lembrar-se das mãos do padre e forçou-se conscientemente a prosseguir.

— Quando fui ter com o senhor esta manhã — murmurou, tentando firmar a voz — eu desejava apenas um conselho seu. Quero ser um padre. — Fez uma pausa curta e corrigiu a própria frase: — Eu queria ser um padre. Fui saber se poderia me ajudar, pois sempre o respeitei e o tratei como se fosse um pai. Considerava o senhor como um pai para todos nós.

Marcos ouviu um ruído familiar de passos e se deu conta de que não estavam sós dentro da igreja. Pensou em olhar para trás, em direção à porta, mas sentiu que precisava terminar com o padre antes de se concentrar em outras coisas; caso contrário, não teria coragem de concluir a confissão que iniciara.

— Nunca acreditei que um padre fosse capaz de fazer o mal a outra pessoa. Estudei a Bíblia e sei que ela é composta basicamente de violência, mas é um livro. A violência não faz parte da Igreja, assim como... — ele tentou baixar o tom de voz que havia elevado, mas não conseguia controlar sua raiva —... a sodomia não deveria fazer.

Ergueu os olhos e viu que o rosto do padre continuava imutável. A boca entreaberta como se fosse falar,

mas nenhuma palavra saía dela. Olhos fixos, mas totalmente inexpressivos.

— Eu havia ouvido histórias, visto outros garotos entrando em sua cela e demorando a sair. Não achava que algo assim poderia acontecer. Não queria acreditar. — Nesse momento, olhou por cima de seu ombro e viu um vulto a poucos metros. Ignorou-o, pois sua atenção tinha outro foco.

— Eu não tinha para onde ir, não tinha família, amigos, não tinha nada, por isso o senhor abusou de mim. Agora, sei que não fui o primeiro. — Aproximou-se, ficando a menos de um metro do padre. — Mas tive fé e orei para a Virgem. Esta tarde, depois que me violentou e me deixou sem opção, ajudei a celebrar a missa, pois não conseguia pensar, não tinha escolha. Sentia uma raiva intensa, mas ao mesmo tempo não sabia o que faria depois, por isso me resignei a executar os serviços. Durante toda a missa, eu rezava em silêncio para que a Virgem me ajudasse. Suplicava para que ela me tirasse deste lugar.

— E, de certa forma, foi isso o que aconteceu.

A voz veio de algum ponto atrás dele, muito próximo. Era uma voz baixa e rouca, mas ainda assim era do tipo que agradava aos ouvidos. Aos de Marcos, soava como a voz que sairia da imagem da Virgem se ela se dignasse a falar. Durante a missa, rezava e olhava para a imagem sobre o pedestal, implorando para que respondesse às suas preces. Não era preciso que Marcos voltasse a cabeça para saber que às suas costas havia novamente uma mão estendida. Ele sentia isso.

— E isso aconteceu — disse, corrigindo a frase que ouvira. — Ela veio em meu auxílio e me afastou do mal. Afastou-me do seu mal. Eu tenho muito a ser perdoado,

mas não tanto quanto o senhor. Não peço perdão pelo meu ódio, pois apenas o tempo me trará a paz. Na realidade, o senhor terá muito mais a acertar com Deus do que eu.

Ele não tinha nada mais a acrescentar. Não tinha mais motivos para brigar ou mesmo sentimentos para desabafar. Sabia que de nada adiantaria se os tivesse.

Deu um passo à frente, colocando uma mão de cada lado da cabeça do padre, pouco abaixo das orelhas, segurando-a e sentindo a barba áspera e a flacidez da pele pegajosa em seus dedos. Olhou-o no fundo dos olhos como se estivesse se despedindo. Na verdade, estava. Decidira-se a acolher aquela mão que sabia ainda estar estendida atrás dele. Deixaria a igreja e sabia que nunca mais seguiria o caminho religioso.

Ergueu a cabeça que estava apoiada no colo do padre sobre as palmas das mãos roliças e recolocou-a no pescoço dele em um último gesto de compaixão. Equilibrou-a da melhor forma possível, deixando-a da maneira mais natural que conseguiu. Depois de ter reposto a cabeça em seu lugar habitual, segurou as mãos do padre e virou as palmas para baixo, tentando ocultar o sangue que as manchava: o pouco sangue que a sua santa havia deixado naquele corpo. Não havia visto o que ocorrera, mas tinha certeza de que fora ela quem o decapitara. Mesmo assim, não a temia. Ela o salvara e prometera cuidar dele.

Apagou a vela do confessional com as pontas dos dedos e virou-se com a mão estendida. Sentiu o toque áspero e frio e deixou-se guiar para fora, seguindo pelo corredor central entre os bancos. Aceitara a mão e o auxílio, juntamente com a promessa de uma nova vida, viesse acompanhada do que quer que fosse.



Duas garotas passaram por Marcos no corredor e seus olhos demonstravam admiração. Não foi a beleza do rapaz que gerou essa emoção nelas, pois, aos vinte e seis anos de idade, já havia perdido boa parte do charme da puberdade. Não se tornara um homem feio, mas também não era do tipo que se vislumbra em capas de revistas ou que merecesse um segundo olhar. Naquele momento elas o invejavam; chegara o dia da viagem para ele, ambição ainda distante para ambas.

Nenhuma atenção foi retribuída por Marcos a elas, pois Diogo acenava com o braço estendido acima da cabeça no extremo oposto do salão e a seu lado estava Flávia. Vivia naquela mansão desde que Madame Agnes o retirara da igreja aos doze anos de idade, o que significavam catorze anos. Conhecera dezenas de amigos nos anos que passara ali, mas nunca se apegara tanto a alguém como à dupla diante dele. Eram como irmãos dentro daquele lugar. Quando foi chegando perto, reparou que um garoto estava com eles e que observava com grandes olhos esbugalhados a sua aproximação.

— Benjamim, esse é Marcos — Flávia falou para o garoto assim que Marcos se aproximou. — Você vai ficar no lugar dele agora, quero dizer, vai dormir no quarto em que dormia. Vamos, cumprimente-o. — Ela deu um pequeno empurrão nas costas do garoto, instigando-o a ir para frente.

Com um tropeço, o garoto se aproximou e olhou para cima, em direção ao seu rosto. Parecia apavorado e um calafrio percorreu a espinha de Marcos ao se ajoelhar à

sua frente para tentar ficar a uma altura confortável para ele.

— Benjamin, não é? — Perguntou, pousando as mãos nos ombros do garoto. — Quantos anos você tem? Nove? Dez?

— Vou fazer dez — respondeu, olhando para o sorriso de Marcos. — O senhor vai me deixar ficar com a sua cama?

Os três riram e o garoto ficou um tempo olhando ao redor, até que entendeu que o motivo da risada havia sido sua pergunta. Mesmo sem compreender, acabou rindo também.

— Sim, Madame Agnes vai me levar para uma viagem e creio que você poderá ficar com a minha cama.

— Madame Agnes é a Dona Regina? — Ele parecia realmente confuso, mas já não aparentava estar apavorado. — E a mulher que me salvou?

Tentou se recordar de quantas vezes lhe fizeram essa pergunta, apenas variando os nomes. Diogo se aproximou e se agachou ao seu lado.

— Alguns a chamam de Madame Agnes, outros de Regina — Diogo falava tentando parecer engraçado. — Eu a chamo simplesmente de Senhora. A Flávia a chama de Orna e alguns a chamam de Mãe. Se quiser chamá-la de Dona Regina, não tem problema, ela não liga para esse tipo de coisa, acredite.

“Minha Santa, Virgem Maria, não importa realmente. Tudo é falso”, pensou Marcos, lembrando-se de quando chegara àquela casa, um pouco mais velho do que o garoto e tão assustado quanto ele. Conhecia muitas histórias, quase todas, de quase todos. Sabia que Madame Agnes havia resgatado cada um dos que moravam naquela

casa de situações terríveis. Seus métodos em geral não primavam pela sutileza e podiam ser tão terríveis quanto a própria situação. Ele havia sido violentado, Flávia fora vendida pela mãe para uma casa de prostituição no lado nobre da cidade, Diogo fora jogado pelo padraсто em um barranco próximo a uma rodovia. Cenas cotidianas em uma metrópole como aquela, e todas passariam despercebidas, não fossem os finais inusitados e correlacionados. “Para mim, apareceu como uma santa, para Diogo, como uma rainha e para Flávia, como uma avó caridosa. Certamente foram falsas impressões que já se dissolveram nos anos passados.”

“E você, pequeno Benjamim? Do que ela o salvou para que a veja como uma rainha?”, pensou, sabendo que a pergunta ficaria apenas para si, pois não teria tempo de perguntar.

— E para onde você vai viajar? É legal lá? — Benjamim perguntou, parecendo mais à vontade e deixando as lembranças ruins para quando a noite chegasse e as luzes se apagassem.

Os três se entreolharam e o desconforto ficou pairando no ar, quase palpável. A pergunta não podia ser respondida pelo simples fato de que nenhum deles tinha realmente uma resposta.

— Com certeza é um lugar muito legal — respondeu Flávia, afagando os cabelos do menino. — Agora, você vai com o Diogo conhecer Ele vai lhe apresentar vários garotos da sua idade para você fazer amizade. Vai ver que somos uma grande família. —

Retirou a mão da cabeça dele e enlaçou o braço de Marcos. — Agora, eu vou ajudar este sortudo a arrumar as

malas, pois assim que escurecer a Oma deve estar por aqui.



Marcos cutucou de leve o braço de Flávia com o cotovelo e ela fez o mesmo. Estavam assim havia mais de dez minutos, desde que escurecera. Estavam deitados na cama e nenhum dos dois queria se levantar para acender a luz.

— Gostaria de não ter que partir — Marcos sussurrou.

— Você tem escolha, lembra? Oma nos dá livre-arbítrio a respeito da viagem. Se não quiser ir realmente, basta dizer a ela.

— Livre-arbítrio. — Ele saboreou a palavra durante alguns segundos. — Eu queria ficar aqui na mansão. O problema não é a viagem, mas ficar longe daqui. Se eu não for com ela, também não poderei ficar aqui, não é? Não nos resta muito a escolher. Nenhum de nós tem família nem um lugar para ir. Nada de posses, nem profissão e praticamente não conhecemos o mundo que nos cerca. Madame Agnes nos abrigou e não deixou que nos faltasse nada, mas em contrapartida nos privou de viver realmente. Somos como cordeiros confinados.

Marcos se calou e ficou pensando no que acabara de falar e concluiu que realmente não tinham muita escolha, rejeitar a viagem seria uma traição. O livre-arbítrio de que Flávia falava como uma opção válida, na realidade, não existia. Deviam muito para rejeitar as poucas coisas que lhes eram pedidas.

— Vai sentir a minha falta? — perguntou, segurando a mão da garota, mudando de assunto para descontrair.

— Eu sempre sinto falta dos amigos — ela respondeu ironicamente, brincando com ele. — A cada ano um de nós parte e um novo chega — disse, apertando a mão dele, e virou-se de lado, ficando de frente para ele. — Você não sabe mesmo para onde a Oma o está levando?

Ele também virou o corpo de lado e ficou apoiado sobre o cotovelo, bem próximo a ela.

— Não, a Santa nunca diz o local para onde vamos. — Ele passou a mão sobre o braço dela, acariciando-o e disfarçando o fato de ter usado o apelido mordaz de “Santa”. — Mas não se preocupe, pois vou dar um jeito de me comunicar com vocês.

Ela o abraçou, colando seu corpo ao dele.

— Certamente lá também devem existir regras. Acredito que devem ser mais rígidas do que as que temos aqui. — Separou um pouco o seu rosto do dele, apenas o suficiente para conseguir encará-lo. — Ninguém nunca mandou notícias depois que partiu. Sabemos apenas uma coisa ou outra que a Oma nos conta.

— Serei o primeiro. — Ele se sentia perturbado por aquela proximidade de seus corpos e pela iminência de nunca mais se encontrarem. — Não foi sempre essa a reclamação de Madame Agnes? O fato de que esqueço as regras? — Ele aproximou sua boca da dela e a beijou, sem encontrar resistência alguma.

Flávia ansiava pelo beijo e também por terem começado mais cedo aquilo tudo. Vinte e um anos e nunca beijara um homem. A experiência mais próxima daquela que já tivera havia sido na ocasião em que sua mãe a ven-

dera e Madame Agnes a arrebatara do que seria o seu primeiro cliente.

A sensação de urgência se mesclava com a dúvida se tornaria a vê-lo. Tinha esperança de que todos os que saíam da mansão fossem para o mesmo lugar, mas, além da incerteza, teria que aguardar pelo menos quatro anos para reencontrá-lo.

Deixou de lado seus pensamentos e resolveu aproveitar o momento. Foram muitos anos reprimindo desejos. Havia regras dentro da mansão e uma delas proibia relações sexuais. Mas os hormônios agiam e sentimentos reprimidos eram como frestas em represas. Parte das roupas que usavam já estavam pelo chão e nenhum deles sabia dizer qual estava mais afoito.

— Ainda existem regras por aqui, e elas independem de a noite ser de despedidas.

O susto foi tão grande que Marcos caiu da cama e esparramou-se de costas no chão. Flávia cobriu os seios nus com um braço, enquanto com o outro vasculhava o piso em busca de sua blusa. Recuperado do susto, Marcos ergueu-se nos cotovelos, olhando primeiro para a porta, vendo-a entreaberta e ficando em dúvida se havia ou não passado o ferrolho interno.

— Oma, desculpe. Eu...

— Acalme-se, Flávia. Já fui jovem um dia, por isso criei as regras. — Madame Agnes falava calmamente e o sorriso em seu rosto acompanhava as palavras. — Entende como as coisas perdem rapidamente o controle? Espero que entenda. Agora, vista-se e desça. Marcos e eu partiremos em vinte minutos. — Ela se inclinou e olhou para Marcos, que ainda continuava no chão, a calça parcialmente aberta e naquele momento muito justa em seu

corpo. — E você, meu querido, jogue um pouco de água fria no rosto antes de descer, está bem?

Dizendo isso, virou-se e encaminhou-se para fora do quarto como se nada houvesse acontecido. Marcos olhou para ela enquanto saía e, acompanhando o seu andar displicente, pensou por um momento que ela poderia não ir embora tão rápido. Ainda estava excitado e a olhada que ela lhe dera servira para aumentar a sensação. Nesse momento, ela olhou por cima do ombro e o encarou com visível censura, dando a Marcos a impressão de que ela lera seus pensamentos. Não era força de expressão, realmente acreditava nisso e somente parou de prender a respiração quando a viu virando-se e ouviu seus passos se distanciando pelo corredor. Quando olhou para baixo, descobriu que não necessitaria mais da água fria.



Despedir-se de todos na casa consumiu mais de vinte minutos e, nesse intervalo, Madame Agnes o aguardava dentro do carro com o motorista ao volante e o motor ligado. Para Marcos, a sensação de angústia era maior do que a de dúvida. Ao entrar no carro, acenou para todos, forçando-se ao máximo para sorrir quando o portão automático se ergueu e o carro ganhou a rua lentamente.

— Desculpe-me — falou depois de alguns minutos.

— Eu já disse que não foi nada. Estou sendo sincera quando digo que não me importei. Flávia é uma bela mulher e gosta de você. — Ela escorregou no banco e chegou mais próximo a ele, apoiando a mão sobre sua coxa. — Algumas vezes eu me sinto mais jovem do que

em outras, mas em todas me lembro bem do que é a atração física entre um homem e uma mulher.

A mão dela parecia velha, principalmente se comparada ao restante. Ela virou a palma para cima e por um momento uma pequenina mancha vermelha, como uma gota de sangue, parecia manchar um dos dedos. Ele piscou os olhos com força e, ao reabri-los, a mancha havia desaparecido. Sabia que ela não desaparecera, mas estivera apenas em sua memória. Lembranças de uma época em que aquela mesma mão o auxiliara.

— Para onde estamos indo, minha... — ele refreou a palavra “santa” em sua boca, trocando-a a tempo — ...querida?

— Partiremos apenas amanhã — ela respondeu, recolhendo suavemente sua mão. — Esta noite eu o levarei para uma outra propriedade minha. Tenho algo que gostaria de lhe mostrar.

O movimento foi sutil, mas ele sentiu que havia sido calculado quando ela deixou a alça do vestido caída, sem se preocupar em recolocá-la no lugar. Sua pele era radiante e foi impossível evitar olhar para seu colo e seu pescoço. Não era jovem, aparentava ter quarenta anos, mas inconscientemente Marcos achava que deveria ter mais de cinqüenta. O rosto impecável certamente se conservava devido a cremes e plásticas, mas a verdadeira idade de uma pessoa fica estampada em suas mãos. E as marcas senis estavam nelas, poucas, era bem verdade, mas estavam lá. Olhou-a por inteiro e concluiu que, independentemente da sua idade, não resistiria. Se ela o quisesse como homem, ele lhe retribuiria como tal.



O carro deu várias voltas, mas não se afastou do centro da cidade. Marcos não sabia onde estavam, pois foram poucas as vezes em que saíra da mansão. Entraram em uma rua privativa, tranqüila e com poucas casas. O carro diminuiu a velocidade em frente a um muro alto, coberto de unhas-de-gato e um pesado portão de madeira correu para o lado imediatamente.

O carro deslizou através do portão e Marcos depa-rou-se com um terreno imenso, com apenas uma casa no centro dele. Era sinistro ver aquele gramado maior do que um campo de futebol com apenas uma casa. Quando desceu do carro, viu dois seguranças ao lado da porta da casa e reparou em uma guarita semi-oculta pela vegetação no canto direito do terreno. Muita segurança para um lugar tão tranqüilo.

— Não estranhe os seguranças, Marcos. Tenho aqui muitos objetos valiosos. Coisas antigas e raras — ela falou, vendo que observava a guarita. — Vamos entrar.

Quando se encaminharam para a casa, os seguranças que ladeavam a porta liberaram a passagem. Ambos tinham um porte intimidador, mas não foi isso o que chamou a atenção de Marcos, mas sim um esgar de sorriso contido que se formava no canto de suas bocas. O motivo não lhe era muito claro, mas preferiu não pensar no ocorrido e atribuir aquela impressão ao fato de ele estar entrando de mãos dadas com uma mulher em uma casa onde possivelmente passariam a noite acordados. Sabia que não era o primeiro a ser trazido ali. Acreditava também que não seria o último.

Quando entrou na casa, teve uma grata surpresa. A ante-sala apresentava um esmero incomum na decoração, com quadros e pequenas estatuetas colocadas sobre mó-

veis antigos e colunas finamente trabalhadas. Certamente a preocupação com a segurança do local tinha fundamento e isso amainou um pouco a angústia que sentia.

— Isso tudo é muito bonito, Madame Agnes — comentou enquanto olhava para uma estatueta representando uma gueixa, que lhe parecia ser entalhada em marfim. — Tudo lhe pertence?

— Sim, eu negocio artes e algumas coisas mais. — Ela se aproximou, colocando a mão sobre suas costas. — Essa se chama “A Água e a Pétala”, veio de um colecionador japonês com quem negociei no ano passado. — Ela deslizou a mão sobre suas costas e ele sentiu um arrepio percorrer suas espáduas e terminar o percurso em sua virilha. — As gueixas fazem parte da cultura japonesa e realizam um trabalho importante, liberando os homens de preocupações sexuais e permitindo que amadureçam mais rapidamente. Homens privados dos prazeres da carne demoram mais para chegar à idade adulta. Muitos hormônios se mantêm ativos em sua corrente sangüínea e milhares de reagentes químicos atuam em seus cérebros.

Ele desviou os olhos da estatueta da gueixa e encarou Madame Agnes. Pensava que aquele era o seu próprio caso e que ela tinha motivos para privar os habitantes da mansão do sexo. Controle era um deles. Os olhos dela eram tão escuros que se tornava praticamente impossível divisar as pupilas. Sua boca era pequena e apresentava rugas miúdas nos cantos, mas a maquilagem cuidava de ocultar muito bem esses detalhes. O conjunto do rosto era uniforme, o que lhe conferia uma jovialidade impressionante. Muitos dos sinais do tempo deveriam ter sido retirados por hábeis bisturis e os que restaram estavam disfarçados com esmero sob camadas bem aplicadas de cos-

méticos. Era bela, sem dúvida alguma. Marcos recorreu-se de um dia, que lhe parecia ter ocorrido séculos atrás, no qual vira aquele rosto pela primeira vez. Ele o confundira com o rosto da própria Virgem, balbuciando que o ajudasse, contando o que havia ocorrido a ele e quem fora o seu algoz. Não se lembrava bem de como ela se livrara dele, pois a mente humana tende a esquecer da dor com o passar do tempo, mas se recordava muito bem dos olhos do padre Joshua e de ter recolocado a cabeça dele sobre o pescoço antes de seguir com ela. Era bela, mas tinha algo quase sobrenatural oculto em seu íntimo.

— Porque me olha dessa maneira? — Ela sorria enquanto diminuía a distância entre eles. — Você me acha bela, não é? Deseja-me como mulher, meu querido? Muitos anos sem conhecer o sexo, não? Eu quase sinto os hormônios borbulhando em seu corpo.

Ele sentiu novamente o ímpeto de agarrá-la. Vinte e seis anos e ainda desconhecia a arte do sexo, mas sabia que ela lhe ensinaria. Imaginou que isso devia ser uma preparação para o que enfrentaria após a viagem. Sua mente já vislumbrava uma casa de conveniência na Europa ou na Ásia, onde trabalharia como se fosse uma gueixa em versão masculina. Essa seria a explicação mais simples para tanta bondade com as crianças que ela acolhia; mantinha-as e sustentava-as até que chegassem à idade adulta e depois dispunha de seus corpos nos recônditos de alguma metrópole.

Olhou-a, fitando sua boca, seus seios e sua cintura. Voltou a pensar na exuberância daquela mulher. Tornara-se um homem e a desejava. Não se preocupava com o que viria depois, sentia que não teria muita escolha. Em seu íntimo, sabia que sua vida não seria ruim, mesmo se

precisasse se prostituir em um outro país; ela cuidaria dele tão bem quanto sempre cuidara.

— Não consigo olhar para você sem ver a imagem de uma santa. — Ele enlaçou a cintura dela com a ponta dos dedos, pois ainda mantinha algumas reservas. — A mais bela das santas; você me lembra a própria Virgem.

— Então rogue por mim, meu querido. — Ela lhe agarrou a nuca e o beijou avidamente.

Toda a excitação e as chamas que se acenderam com Flávia algumas horas atrás retornaram com vigor redobrado naquele momento. Ele estava afoito e sentia que explodiria se não a tivesse naquele momento, mas ela deteve suas mãos no momento em que tateavam o fecho de seu vestido.

— Aqui não é o lugar adequado. Os seguranças caminham pela casa. Vamos para o subsolo, lá teremos privacidade. — Ela se afastou, cruzando a sala em direção a um corredor.

Seguindo-a, Marcos passou por duas portas que julgou serem quartos. No final do corredor, onde Madame Agnes o aguardava, uma escadaria de madeira descia para um setor inferior, aparentemente um porão. Somente não sentiu receio de descer pelo fato de os degraus estarem bem iluminados, assim como o local onde terminavam.

No final da escadaria, seus breves temores se dissiparam. Nada do que ele esperava ver ocupava aquele espaço. Imaginara que ia se deparar com um depósito ou uma lavanderia, mas se enganara redondamente. O local era tão bem ornamentado quanto o restante da casa, com obras de arte por todos os cantos. Ficou contente por reparar também que, no canto oposto, uma grande cama se encontrava arrumada e não conteve o sorriso ao imaginar

que realmente teriam privacidade naquele recinto. Quando ela se adiantou e fechou a porta, perscrutou ao redor e viu que, além da porta por onde passaram, havia apenas uma outra ao fundo, nada de janelas por onde se poderia espiar. Estavam a sós e não seriam interrompidos.

— Aqui teremos o sossego de que precisamos — ela falou, parecendo ler seus pensamentos.

Encantadoramente, ela ergueu os braços e os estirou em sua direção. Mais uma vez, teve um relance passageiro de uma gota de sangue em um de seus dedos, mas não precisou nem mesmo piscar para que ela desaparecesse. Aproximou-se e segurou suas mãos, sentindo prazer com o toque e se deixando conduzir por ela. Seria o seu aprendiz e faria tudo o que lhe pedisse. Ela o girou até que ficasse de costas para a cama e ajudou-o a tirar a camisa, depois o encaminhou até o colchão macio e fez com que se deitasse, montando-o como a um cavalo. Ele levou as mãos até as alças de seu vestido e foi detido.

— Não tenha pressa, meu jovem — disse, sorrindo com um ar de falsa censura. — Temos muito tempo. Erga esses braços afoitos, vamos.

Obedecendo ao pedido, ergueu os braços no sentido da cabeceira da cama e ela deslizou suas unhas pelo direito, até segurá-lo, e lentamente o atou com uma faixa de couro que se encontrava presa na lateral da estrutura. A mulher sorriu maliciosamente, vendo o misto de desconforto e excitação que circulava pelo rosto de Marcos. Ele se deixou levar pelo jogo, posicionando o outro braço para que ela pudesse amarrá-lo com maior facilidade.

Quando ela terminou de amarrar seus tornozelos e ele acreditou que passaria a torturá-lo eroticamente, ela simplesmente saiu de cima dele e se sentou na beirada da

cama. O seu sorriso ainda estava lá, mas ela se limitava a passar a mão sobre o volume que ele ostentava sob as calças.

— Vamos ficar somente nisso? — perguntou com malícia.

— Não, meu querido. Não vamos ficar somente nisso — ela respondeu, levantando-se da cama e caminhando até a porta que ficava na parede imediata à cama, dando duas batidas nela e retornando ao seu lugar sobre o colchão.

Não agradava a Marcos a idéia de que a qualquer momento um dos seguranças cruzasse aquela porta, mas tinha a impressão de que era exatamente isso que ocorreria. Começava a ficar apavorado e tinha certeza de que, se um daqueles homens surgisse, gritaria de pavor.

Com o coração praticamente saltando no peito, ficou ainda mais aterrorizado quando a porta se abriu. Mesmo se não estivesse amarrado, ficaria imobilizado. Um homem, possivelmente um dos seguranças, passou pela porta, mas ele não se apavorou com essa visão. O que fez seu coração praticamente parar de bater foi o objeto que ele empurrou para dentro do quarto e deixou próximo à cama antes de sair.

A cadeira de rodas ao seu lado emanava um cheiro desagradável que Marcos não sabia realmente se vinha da cadeira ou de seu ocupante. Queria falar algo, mas, naquele momento, não conseguia pronunciar nada, tampouco separar os olhos daquela figura.

Não sabia o que o deixava mais apavorado naquele momento, se era o fato de estar amarrado e indefeso ou a visão do velho na cadeira. Acreditava que ambas se fun-

diam em proporções equivalentes para causar as sensações que experimentava.

O rosto do ancião era apavorante por si só. A idade era difícil de ser avaliada, pois a pele da face estava totalmente encarquilhada, com dobras e vincos profundos. Os olhos pequeninos e vazados ficavam encovados debaixo de pálpebras ressecadas e rachadas. A cabeça desprovida de fios de cabelo tinha o couro tão fino que se podia perceber as ranhuras do crânio. Uma das orelhas estava abaixo da linha devida, quase na altura do maxilar, como se a pele houvesse derretido e novamente secado quando ela já deslizara um pouco de seu local original. Os lábios que se deixavam entrever no centro das bochechas dependuradas estavam flácidos e cobertos com uma crosta seca e avermelhada, que aparentava um dia ter sido muito pegajosa. Pela fenda da boca era possível vislumbrar uma gengiva esbranquiçada e totalmente despojada de dentes. No lugar onde deveriam estar seus braços e pernas, nada havia além de tocos cicatrizados. O que o mantinha ereto na cadeira eram grossas faixas de couro transpassadas pelo seu tronco, como as que atavam Marcos à cama. No entanto, o que dava mais angústia aos seus olhos eram dois tubos plásticos conectados ao peito do velho. Eles pareciam estar fincados próximos, ou até mesmo diretamente, no local onde deveria estar o seu coração. Seguindo-os com os olhos, Marcos chegou até um suporte fixado ao lado da cadeira, onde uma grande garrafa se conectava a um deles. O outro pendia frouxo, lacrado por um pequeno objeto plástico.

— Por Deus — Marcos conseguiu por fim balbuciar e percebeu que o velho ergueu levemente a cabeça ao ouvir sua voz. — O que é isso?

— Marcos, meu querido. Esse é Isaac — respondeu Agnes, erguendo-se e colocando-se ao lado da cadeira. — Sua aparência não é muito boa agora, mas ele está muito bem, não é, Isaac?

— Vadia — o velho disse com uma voz clara e sonora, voltando bruscamente o rosto para ela. — Cadela maldita.

Ignorando as palavras dele, ela empurrou a cadeira até que ficasse praticamente encostada à cama.

— Você deve estar pensando em que inferno se meteu, não é, Marcos?

A mão direita da mulher pousou sobre o seu abdome, mas dessa vez o que ele sentiu foi um calafrio de medo, não de prazer. Ao virar a cabeça na direção dela, reparou que estivera hipnotizado pela figura aterradora de Isaac de tal forma que não despregara os olhos dele até o momento.

— O que vocês querem de mim? — falou muito alto, controlando-se para não gritar, pois sabia que de nada adiantaria fazê-lo naquele lugar.

— Eu não quero nada — falou o velho em um tom ainda mais alto. — Não mais. É a vadia quem quer algo, rapaz. — A voz tornou a ser baixada. — Você está morto, apenas não sabe ainda. Não tenha falsas esperanças. Você está morto.

Aquela voz impressionava Marcos mais do que as palavras. Era como sentir um aroma maravilhoso de flores e notar que o mesmo partia de um amontoado de excrementos.

Era impressionante ver que o velho se mantinha vivo mesmo com uma aparência deplorável como aquela. Não era natural e Marcos sentia o dedo do demônio ali-

sando aquela pele modorrenta. Pensava nesse dedo quando notou em sua mente que ele poderia estar deslizando por uma pele muito mais agradável ao toque do que a do velho.

Na mansão, certa vez, um garoto recém-chegado comentou abertamente sobre a aparência de Madame Agnes. Chegou a cogitar que ela tivesse um pacto com o demônio para se tornar rica e se manter jovem. Acreditava que todos seriam sacrificados um dia e que a viagem era apenas um pretexto. Todos na casa riram nervosamente, pois alguns fatos condiziam com isso, mas ninguém havia tido coragem de pronunciar aquilo em voz alta. Ela parecia extremamente bem conservada, tinha uma força exacerbada e por vezes aparentava ler os pensamentos deles. Era rica e, acima de tudo, sustentava todos eles sem manifestar um interesse específico. Mas o que mais combinava com a idéia do sacrifício era o fato inegável de ela manter todos sexualmente puros. Qualquer filme ou romance retrata o sacrifício de virgens ao demônio.

“Você é um demônio, Isaac?”, pensou, tendo a certeza de que obteria sua resposta em breve. Mas então lhe veio à mente uma outra recordação de alguns anos atrás. Nela, ele via o corpo do padre Joshua, mas o que lhe chamava a atenção era justamente o que não havia visto: o sangue que deveria escorrer pelo pescoço degolado. Evitara durante anos essa cena e procurara esquecer esses pormenores.

Agora, tinha em mente um bom motivo para se lembrar deles. Nos filmes que vira, não era assim que funcionava, mas foram poucos, realmente, e forçou-se a pensar que eram apenas filmes. A realidade certamente era diferente das telas. Fora Madame Agnes quem matara o

padre e sumira com o seu sangue, e esse era um fato inegável. O padrão estava claro e já havia passado por sua mente, mas ele não o enxergou antes devido a certos detalhes, tais como ela se alimentar normalmente, jantando na mansão durante as comemorações, e sair durante o dia, sob o sol, sem problemas, mesmo claramente preferindo a noite. Também entrava em igrejas tranqüilamente. Havia inclusive assassinado um padre dentro de uma, sem temer em momento algum os objetos sagrados.

A associação do sangue com a aparência bem conservada lhe remeteu imediatamente a uma idéia e ele a expressou antes mesmo que reparasse que falara.

— Você é uma vampira — foi o que balbuciou.

A gargalhada que partiu de Agnes deu-lhe a impressão de ser do tipo impossível de conter, uma daquelas que sairia mesmo que estivesse com a boca amordaçada. Ela ficou rindo por mais de um minuto e Marcos limitava-se a olhar para ela, assustado como a criança que fora um dia.

— Eu não sou uma vampira, minha criança — ela disse, ainda rindo. — Mas não se preocupe. Muitos já me perguntaram isso. Eu bem que gostaria de ser, acredite. Se meu velho amigo aqui conseguisse fazer isso, certamente eu já teria me tornado uma — disse, dando uma leve palmada amistosa no peito de Isaac.

— Você é um vampiro? — Marcos perguntou, dirigindo-se a Isaac. O velho balançou a cabeça afirmativamente e terminou o gesto, deixando-a colada ao peito.

Ele olhou novamente para a aparência do ancião e não conseguia acreditar na idéia, mesmo que ela parecesse explicar como ele ainda estava vivo. Aquela definitivamente não era a imagem que ele teria de uma criatura i-

mortal. Madame Agnes completava muito melhor o tipo que ele tinha em mente.

— Apesar de não aparentar, ele é um vampiro. — Ela se inclinou para a cadeira de rodas e apanhou a ponta do tubo solto que saía do peito de Isaac. — Ele parece um velho caquético, mas, se ainda tivesse seus braços e pernas, certamente a história seria outra. — Retirando a peça plástica da ponta do tubo, Agnes revelou uma grossa agulha e fez menção de aproximá-la do braço de Marcos, que imediatamente começou a tentar se afastar e forçar as amarras. — Calma, meu querido. Homens muito mais fortes do que você já tentaram escapar dessas amarras e não conseguiram. — Ela apoiou a mão fortemente em seu peito, subjugando-o na cama com uma força impressionante. — Se ficar quieto, poderá viver por mais tempo.

Sem aviso algum dessa vez, ela fincou rapidamente a agulha em seu braço. Parecia ter muita prática naquilo, pois acertou uma veia apenas nessa tentativa. Marcos parará de se debater e a curiosidade misturava-se com o medo. Um grande pedaço de esparadrapo que pendia da lateral da cadeira foi apanhado por ela e usado para fixar a agulha em seu braço.

Marcos via o seu sangue saindo lentamente a cada batida de seu coração e o tubo transparente ia se enchendo dele, subindo em direção ao orifício no peito do vampiro. Madame Agnes inclinou-se e o beijou rapidamente, mas ele não lhe deu atenção, ignorando-a mesmo quando se dirigiu para a porta e saiu, prometendo voltar em breve. Sua curiosidade estava totalmente voltada para o que ocorreria quando seu sangue chegasse à outra extremidade do tubo.

Os centímetros foram pouco a pouco sendo suplantados e seu coração se acelerava cada vez mais. Quanto mais rápido batia, mais sangue era impelido pelo tubo e ele compreendeu o que ela queria dizer ao fazer a associação entre sua calma e seu tempo de vida. Sabia que deveria se acalmar e tentar controlar as batidas do coração, mas era impossível naquele momento.

Quando o tubo se completou até o ponto em que sumia no peito de Isaac, os olhos de Marcos mudaram o foco para o rosto dele. Passaram-se três ou quatro minutos, até que o peito do velho deu um pequeno salto e ele inspirou o ar longamente, erguendo a cabeça devagar, até que o seu rosto apontasse para o teto. Marcos ficara novamente hipnotizado pela cena.

Os lábios do velho se fecharam e tornaram a se abrir por três ou quatro vezes, sorvendo o ar ruidosamente.

— Sim, o seu sangue chegou ao meu coração e já começou a circular pelo meu corpo — Isaac falou, trazendo a cabeça para a posição normal. — Em breve, terá percorrido minhas veias e retornará para a outra cavidade, onde acabará descendo pelo outro tubo, até a garrafa presa nessa cadeira.

Marcos observava a garrafa e foi subindo os olhos pelo tubo ainda transparente, sem nenhum sinal de sangue.

— E para que tudo isso? — Perguntou atônito, não conseguindo fechar as lacunas. — Para que você possa viver?

— Não, garoto. Eu sou um vampiro e posso viver indefinidamente. Se pudesse escolher, estaria morto agora. — Ele soltou um grande suspiro e Marcos viu o sangue começando a sair pelo outro tubo, preenchendo-o como

havia feito com o outro, mas desta vez com um sangue quase negro. — Você gostaria de viver assim? Imagine minha vida sendo cego e desprovido de meus braços e pernas. Privado de minha liberdade.

O sangue avançara por todo o tubo e começou a pingar lentamente no fundo da garrafa, tornando-se o novo foco hipnótico de Marcos.

— Estou nestas condições desde que fui caçado e esquartejado há tanto tempo que não sei precisar. Trezentos, quinhentos, setecentos anos? Não sei, realmente não tenho mais certeza do tempo.

Ele parou por um momento e mexeu levemente o tronco na cadeira de rodas, visivelmente desconfortável.

— Os malditos me caçaram e me apanharam durante o dia. Antes que eu pudesse reagir, fui enrodilhado em uma rede e dilacerado pelos cães e pelos machados. Pernas, braços, olhos, dentes. Tudo arrancado e atirado em alguma cova ou fogueira.

Marcos começava a se tornar dispersivo e sabia que era devido à perda de sangue. Olhou para a garrafa e viu que havia menos de um centímetro daquele líquido pegajoso, mas não sabia calcular o quanto dele estava circulando pelo corpo da criatura. Não conseguia raciocinar claramente e calculou que uma boa parte do seu sangue havia se esvaído para ele.

— Fui atirado em uma cova e soterrado por pedras, jogaram a água do Nazareno, várias hóstias, rosas, alho e todo o aparato que você possa imaginar para me deixar dentro daquele buraco. Imagina o inferno por que passei, garoto? Os desgraçados acreditavam que um dia meus braços e pernas voltariam a crescer, como se eu fosse um lagarto. Antes tivessem me ateado fogo ou arrancado mi-

nha cabeça. Isso não seria melhor do que viver da maneira como vivo hoje? A cabeça de Marcos se moveu lentamente, concordando.

— Quando a vadia me encontrou e percebeu o que eu era, tentou tomar de mim o dom maldito. Ela se considerava uma bruxa na época. Saqueava túmulos antigos em busca de artefatos e ossos. Vendia tudo o que encontrava, dizendo possuir poderes ocultos, e parece que sempre conseguia encontrar algum idiota que se deixasse levar por sua conversa. Sempre foi uma vadia, mas tinha algum conhecimento e reconheceu o que eu era.

Ele parou por um momento e voltou a se ajustar, o que Marcos pensou ser resultado da circulação que novamente cruzava aquela carcaça.

— Ela foi corajosa, isso eu tenho que admitir. Bebeu do meu sangue, acreditando que isso a tornaria uma vampira, mesmo que eu lhe dissesse que não funcionaria. Alguns simplesmente não têm o que é necessário para se tornar um vampiro. Eu sei pelo cheiro. É claro que não funcionou, mas ela insistiu por diversas vezes e descobriu uma outra coisa ao fazer isso.

— Que o seu sangue poderia ser um elixir — falou Marcos, sentindo a visão turva, mas sem desviar os olhos da garrafa que se enchia lentamente.

— Sim, meu caro. Força, longevidade e algumas outras coisas. Poder sem conseqüências. No começo, ela me dava apenas o sangue de animais; depois, passou a me dar sangue humano. Com o tempo, ela foi se aperfeiçoando e seus métodos ficaram tão terríveis que nem mesmo eu poderia suplantá-la. — Isaac ficou pensativo por um instante, mas, por fim, resolveu prosseguir. — Ela drena o sangue das pessoas até a morte com esse maldito

aparelho de sucção, “a bomba”, é como ela o chama, e depois as degola por puro prazer. Agnes é perversa e já cometeu centenas de assassinatos para alimentar as suas experiências e conseqüentemente a mim. Usou homens e mulheres, crianças e velhos, negros e brancos. Sempre tentando aperfeiçoar o sangue, encontrar algo mais potente, até que descobriu qual era o melhor deles. Eu sei que já deve ter concluído sozinho que ela usa o sangue de virgens para isso, estou certo?

— Homens e mulheres — Marcos respondeu com a voz engrolada. — Não importa, desde que sejam virgens, não é? Com os órgãos amadurecidos. Não era controle, afinal, nem bordéis pela Europa. Tudo gira em torno do nosso sangue.

— Sim. Ela mantém várias casas espalhadas por toda a cidade. Precisa de jovens virgens, pois neles existe uma maior concentração de hormônios. Quanto mais hormônios, mais o fator de rejuvenescimento é ativado. A cada mês ela traz uma nova vítima para cá. Ela chama vocês de cordeiros, sabia? “Meus cordeirinhos”, é o que ela diz. Sem família, amigos ou alguém que se importe. Também sou um cordeiro, se você quer saber. Sou mantido vivo apenas para que meu corpo ative o sangue. Não quero participar disso. Se eu pudesse morrer em seu lugar, iria de boa vontade, mas, como vê, é impossível para mim. Sabe o que ela vai fazer com seu corpo, cordeirinho? Vai separar as partes e queimar tudo para que não sobre nenhuma pista para ser seguida. O que acha da idéia?

Marcos estava perdendo as forças. Limitava-se a olhar para a garrafa, sua vista ficando cada vez mais embaçada. Sabia que desmaiaria em breve e que depois disso morreria.

Ouvia a voz de Isaac ao longe, aparentemente ainda contando sua história macabra, mas para ele não fazia diferença, já não ouvia mais nada. Estava perdendo a noção de tempo, mas acreditava já estar ali há mais de duas horas. Começou a imaginar o motivo de o monstro estar lhe contando tudo aquilo e por fim compreendeu.

— Eu tenho o cheiro, não é? O cheiro que você não encontrou em Agnes. Eu tenho o demônio em meu corpo, pronto e ansioso para receber o sangue.

Viu o velho balançando a cabeça afirmativamente, o sorriso frouxo nos lábios carcomidos. Reuniu forças para uma última tentativa e libertou uma das mãos. Como um autômato, livrou o restante das amarras. A sua consciência ainda o atormentava quando apanhou a garrafa e virou o sangue garganta abaixo. Não temia que não funcionasse porque sabia que já estava morto, de qualquer maneira.



Ao acordar com os gritos do velho vampiro, tentou se erguer, mas, antes que tivesse consciência disso, já estava de pé. Sabia, de alguma forma, que havia funcionado. Não se sentia normal, mas também não sentia dor alguma. Ouvia o velho gritar “ela está vindo”, e aparentemente ela também ouviu. Marcos não se permitiu raciocinar e, antes que percebesse, já destroçava a moldura de um dos quadros mais próximos, improvisando uma arma. Quando Agnes desceu a escada, não conseguiu expressar uma única palavra, pois Marcos fincou uma das afiadas arestas que retirara do quadro diretamente em sua garganta.

Os olhos dela estavam abertos quando ele a viu dando um último suspiro. Arregalados seria a palavra. Assustadores também serviria. Mas o que mais o impressionou foi quando a mão dela tombou sobre o piso gelado e uma pequena gota de sangue se deixou notar na dobra de um de seus dedos. Ele se ajoelhou ao seu lado, apanhou a mão dela e recolheu a gota que a maculava com a língua. Não chorou e nem se sentiu triste.

Enquanto eliminava os seguranças, arrastava seus corpos para dentro da casa e ateava fogo à construção, era constantemente acompanhado pela sinfonia de gargalhadas de Isaac. Ele ria tão alto que mesmo o crepitar das chamas e os estalos da construção ardente não conseguia abafar o som que emergia lá de dentro. Ficou no jardim, ajoelhado sobre a grama, apenas olhando, e, quando o teto finalmente veio abaixo, ele desviou os olhos para o céu e pensou na sua verdadeira Santa.

“Rogai por nós, os pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém.”



ALEXANDRE HEREDIA

NESTE CONTO, O cimento e o vidro ganham vida com as sombras e a cidade mostra seu lado mais feio, sujo e mau. Alexandre Heredia consegue mesclar desespero e fantasia com tal agilidade e precisão que o dia-a-dia ganha um tom doloroso e macabro.

Cada um dos personagens surge de maneira natural e eles são tão verdadeiros e humanos que temos, muitas vezes, a impressão de conhecê-los realmente.

A trama de *O Edifício* mostra-se ingênua e envolvente, e a realidade é tão mesclada à fantasia que, ao final, nós nos perguntamos se o que temos nas mãos não é uma lenda urbana sem heróis, na qual o único vilão é a nossa imaginação.



Eu me arrependo de ter nascido, foi o que minha mãe me disse.

Charles Manson

NENHUMA lenda formal cercava aquela edificação. Era apenas mais um cortiço no centro da cidade, semi-abandonado e despojado de sua glória antepassada.

Fora construído para ser um hotel durante uma época mais romântica, quando o progresso inevitável ainda era apenas um sonho a ser alcançado. Sonho este que transformaria aquela região recém-saída da completa ruralidade em um chique e formoso bairro residencial. Enormes mansões foram construídas para alojar a nova elite burguesa e o bairro tornou-se um recanto extremamente valorizado. Mas, como o desenvolvimento e a industrialização são como uma moderna Caixa de Pandora, as imponentes casas gradualmente foram substituídas por imensos edifícios de apartamentos, a maioria dotada de

galerias de comércio em suas bases, com o neon piscante e decadente ofuscando um pouco o resplendor de outrora.

O hotel fora erguido durante a fase dourada da região, quando aquele ainda era um bairro residencial de alto padrão. Sua fachada espelhava a pompa e a nobreza que eram marca de sua época, quando as coisas ainda eram feitas para durar.

Infelizmente, em algum momento do passado, algo transformou para sempre as cercanias do hotel. As ruas, antes limpas e seguras para passeios bucólicos de fins de tarde, de repente ficaram cobertas de sujeira, decadência e, posteriormente, pornografia e prostituição. O prédio, antes destinado a hospedar visitantes ricos e empresários importantes, se tornou um estabelecimento de quinta categoria, destinado a receber apenas quem não tinha dinheiro suficiente para algo melhor. Depois, nem mesmo isso.

Hoje, o velho edifício é apenas uma sombra que se estende desproporcionalmente à ruína dos vizinhos e seus apartamentos foram transformados em cortiços miseráveis. Após a morte do último dono do hotel, um alcoólatra incorrigível, ninguém reclamou sua posse e o prédio foi finalmente abandonado, com as grandes e ainda elegantes portas em arco escancaradas para a invasão. Hoje, um censo para se descobrir quantas famílias lá vivem seria impossível, pois nenhum fiscal em sã consciência entraria naqueles corredores. Lá, a lei dos homens não existe mais.

O velho hotel transformou-se num microuniverso entrópico sem estrelas.



- Tá com medo, galeguinho? Vai afinar?
— Não! — mentiu Felipe. — Não é isso...
— Ele tá com medo. É um mariquinha.

O garoto respirou fundo, tentando ignorar a provocação. A verdade é que ele estava, sim, apavorado. A porta à sua frente não inspirava confiança e o corredor mal-iluminado onde estavam tampouco colaborava para quebrar aquele cenário lúgubre.

O subsolo era a única parte do edifício que não fora ocupada. Havia muita umidade proveniente dos inúmeros vazamentos nos encanamentos enferrujados e o cheiro de mofo era quase insuportável, pois a ventilação inexistia. A única luz vinha da porta de acesso no final do corredor, que os garotos haviam mantido aberta de modo a enxergarem sua travessura.

— Eu disse que ele não ia ser macho — provocou Barata de novo. — Ele é só papo.

— Olha, pirralho — interrompeu Toninho, meio impaciente. — Ou você entra, ou sai andando. A gente combinou.

Felipe tremeu. Queria sair correndo daquele lugar aterrorizante, voltar para o colo de sua mãe e chorar. Barata tinha razão, ele era um covarde, uma criança assustada e mimada, e, naquele momento, não tinha a menor vergonha de assumir aquilo.

Mas sua mãe não era uma alternativa viável. Estava trabalhando, como fazia todas as noites, e provavelmente chegaria só de madrugada, fedendo a perfume, cigarro e lágrimas. Culpa de Juvêncio, seu namorado, que arrumara aquele trabalho tão desagradável para ela quanto para Felipe.

— Chega! — gritou Barata, irritado. — Vam'bora, Toninho.

— Não! — interveio Felipe, com uma segurança forçada. — Eu vou.

— Arrel!

O garoto deu dois passos à frente, parando com o rosto bem próximo à maçaneta. A porta, apesar de arruinada pela umidade, ainda parecia funcionar perfeitamente. Ordenou a seu braço que se erguesse e, trêmulo como uma gelatina num terremoto, segurou a bola de metal enferrujada.

— Duas horas? — perguntou ele, sem deixar de fixar o mecanismo, talvez temendo que de lá saísse uma aranha ou algo mais apavorante. Não era uma pergunta, mas um pedido de misericórdia, uma súplica por um relaxamento de sua pena.

— É, galeguinho — respondeu Toninho, ignorando qualquer traço de piedade. — Duas horas, e a gente te deixa em paz. Quem sabe, se você não chorar muito nem se borrar nas cuecas, a gente até te deixa entrar no bando.

Felipe engoliu em seco. Seria ótimo poder entrar na turma do Toninho. Eles eram espertos, malandros e sempre conseguiam coisas bonitas, como a jaqueta de Barata ou mesmo o relógio que Toninho ostentava como se fosse um troféu. Sua mãe nunca trazia para ele coisas bonitas. Ela vivia reclamando que não tinha dinheiro, que o pai dele não pagava a pensão (apesar de ele nunca ter descoberto onde ficava a tal pensão...) e que tinha que reservar o pouco dinheiro que ela ganhava para comprar comida. Era por essa razão que ele estava vestido apenas com roupas sujas e rasgadas, pequenas demais para ele, que sua mãe havia trazido não sabia de onde.

Odiava sua mãe! Eles eram muito mais felizes quando estavam morando com sua avó. Bom, pelo menos ele era, pois as duas viviam brigando, principalmente por causa da maldita pensão que seu pai não pagava. Como se aquilo fosse problema delas!

Mas, no final das contas, sua avó perdeu a paciência e os enxotou de casa. Chegaram a dormir algumas noites na rua até que sua mãe conheceu o tal do Juvêncio.

Felipe não simpatizou com ele logo de cara. Era feio como um gambá e falava com um sotaque estranho, arrastado, quase incompreensível. E freqüentemente o chamava de “franguinho”, o que era bastante irritante.

Mesmo assim, fora graças a ele que eles puderam morar no prédio. Juvêncio conhecia umas pessoas que conheciam outras e estas últimas disseram que podiam colocá-los no décimo segundo andar do velho hotel, dividindo um quarto com mais oito famílias.

Felipe gostou do quarto em que fora instalado, pois era quentinho e seco e, em comparação com a rua, chegava a ser quase um palácio. Mas sua mãe não partilhou da mesma alegria, não conseguindo parar de chorar por algum tempo.

Infelizmente, a felicidade dele durou pouco. Logo na primeira noite, sua mãe explicou que precisava ir trabalhar com o Juvêncio e que ele teria que ficar sozinho por algumas horas. Felipe se assustou com a perspectiva e fez uma cena, chorando e esperneando. Levou um bofetão ardido na cara por causa daquilo e se calou, magoado. Era a primeira vez em que sua mãe batia nele daquela maneira.

Não conseguiu dormir na primeira noite, entristecido com sua mãe, assustado com os ruídos que as outras

famílias faziam, mas, principalmente, angustiado com algo que não conseguia explicar. Era uma sensação de aperto no peito, como se as paredes imundas do velho edifício estivessem se fechando sobre ele.

No dia seguinte, enquanto sua mãe dormia, saiu da cama disposto a explorar o local. Sua aventura não durou muito, pois assim que desceu o primeiro lance de escadas foi abordado por Toninho e seus amigos. Não foi um encontro amigável, mas uma recepção cheia de provocações e xingamentos que ele nunca tinha ouvido antes, nem mesmo durante as brigas de sua mãe com sua avó. Naquele primeiro confronto, foi brutalmente hostilizado, humilhado e ridicularizado de uma maneira tão sórdida que ele não conseguiu conter suas lágrimas, por mais que tentasse. Aquilo apenas serviu para que a tortura se acentuasse ainda mais. Acabou sendo salvo por um velho senhor fedorento, que enxotou os garotos, levando-o amorosamente para uma cama estropiada em seu quarto, que também dividia com algumas famílias. Ofereceu-lhe alguns biscoitos moles, que Felipe comeu por educação. Queria sair logo dali, voltar para perto de sua mãe, mas o velho não deixava, abraçando-o e acariciando sua cabeça. Ele falava coisas sem sentido, mas Felipe pôde perceber que eram em sua maioria elogios e se acalmou um pouco. Aquilo era sem dúvida melhor do que ter que encarar de novo o Toninho e sua turma, e, além do mais, estava com fome.

Infelizmente, sua mãe apareceu, arrancando-o brutalmente do colo do bom homem, gritando como se fosse uma louca. Não entendeu por que ela fez aquilo, já que ele havia sido seu salvador. Ela tinha era que dar aquela bronca no Toninho e não naquele senhor bacana.

Nos dias seguintes, sua situação não melhorou. As perseguições de Toninho e sua turma se intensificaram e não havia nenhum local seguro onde ele pudesse se esconder. Sua mãe pouco ajudava, pois normalmente passava o dia dormindo e, quando estava acordada, não conseguia parar de chorar. Isso quando o Juvêncio não aparecia de repente e a levava embora, argumentando que havia aparecido algum trabalho de última hora. E era dessa maneira que os dias iam se arrastando na triste vida de Felipe, até que ele finalmente decidiu revidar.

Chamar sua atitude de patética seria um exagero, mas foi algo bem próximo disso. Durante mais uma sessão de humilhações perpetradas pelos delinquentes, Felipe se ergueu, lágrimas escorrendo em seu jovem rosto, e atacou Zeca, o mais novo e aparentemente mais fraco do bando. Conseguiu dar dois socos inócuos no rosto dele antes que fosse novamente subjugado. O que havia se iniciado como uma simples provocação se tornara agora um brutal espancamento, que poderia ter conseqüências mais sérias se o próprio Toninho não intervisse.

Para a total surpresa de Felipe, o líder de seus algozes admirou sua reação, oferecendo a ele uma chance de se livrar dos insuportáveis tormentos. Disse que, se ele tinha coragem suficiente para revidar, mesmo estando em tamanha desvantagem, ele deveria ter coragem para sobreviver ao “teste”.

Sua decisão foi imediatamente rechaçada por todo o grupo sob o pretexto de que Felipe não merecia a chance, que era um fraco, um filho de mamãe, etc. Toninho refutou todos os argumentos e, valendo-se de sua posição de liderança natural, convenceu um por um, fosse por uma contra-argumentação incontestável, fosse pela força.

E o grande “teste” ao qual ele se submeteria parecia simples quando contaram. Duas horas na decrepita sala do zelador no subsolo, o único cômodo que não estava ocupado no velho edifício.

“E sabe por que ele não foi ocupado?”, perguntou Toninho, com um desagradável sorriso sádico. “Porque lá foi enterrado o corpo do antigo zelador, um vampiro assassino que matou e sugou o sangue de muitos hóspedes e funcionários no tempo em que o prédio ainda era um hotel. Dizem que ele matou mais de vinte pessoas antes de ser descoberto e pego. Fincaram uma estaca de madeira no peito dele, mas mesmo assim ele não morreu, ficou só paralisado”.

Toninho explicou também que o corpo inerte do vampiro havia sido colocado em um vão na parede e o buraco, enchido com cimento, pois o dono do hotel imaginou que aquilo seria o suficiente para se livrar do monstro, e ele não queria que a história vazasse, pois traria uma péssima reputação ao hotel.

Felipe se arrepiou ao relembrar a história. O metal gelado da maçaneta parecia dar pequenos choques nas pontas de seus dedos suados. Sentia as batidas de seu coração em seus ouvidos e não sabia se teria coragem de atravessar aquela fronteira tão ínfima. Estava a apenas um giro de mão de seu destino e não se sentia nem um pouco seguro de que aquela era uma boa idéia.

— É pra hoje? — perguntou novamente Barata, com sua insistente irritação. — A gente tem mais o que fazer.

— Deixa ele, Barata — interveio Toninho, fazendo Felipe quase acreditar que ele havia finalmente se apiedado e que iria livrá-lo de sua provação. Quase.

— Deixa ele o cacete! — respondeu Barata, dando dois passos à frente. — Não tenho a noite inteira pra esperar esse frango se decidir.

Num movimento brusco, Barata agarrou Felipe pela gola da camiseta ao mesmo tempo em que escancarava a porta. Em seguida, arremessou sua vítima no aposento, fechando a porta com uma batida forte.

Felipe, assustado com o movimento brusco, perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente no chão de concreto empoeirado, ralando o cotovelo. Gritou apavorado e rapidamente retornou à porta, virando a maçaneta várias vezes em completo terror histérico. Pela madeira apodrecida era possível ouvir as risadinhas de Barata, que segurava a porta fechada com força.

— Duas horas, galeguinho — berrou ele. — Só duas horinhas!



Seriam provavelmente as duas horas mais longas da vida de Felipe. Inicialmente, não conseguiu sequer abrir os olhos, a garganta embotada num choro desesperado, a testa encostada na porta mofada e as mãos crispadas na maçaneta. Suas súplicas por liberdade foram prontamente repelidas por Barata, que parecia se divertir imensamente com a aflição dele.

Mas aos poucos foi se acalmando, o terror paulatinamente sendo substituído por um imenso cansaço. Suas lágrimas teimaram em secar, por mais que ele insistisse que o choro continuasse, e um formigamento tomou conta de seu corpo. Sua mão foi a primeira a se render, largando a maçaneta e caindo pesadamente ao lado de sua

coxa. Depois os joelhos cederam, forçado-o a se agachar no chão imundo. Fungou ruidosamente, desentupindo seu nariz bloqueado por sua crise infantil. Com isso, sentiu pela primeira vez o cheiro terrível do aposento em que se encontrava. Era um fedor que misturava mofo, lixo, mijo e podridão num grau quase insuportável. Mas, em seu cansaço, não fez menção de se proteger dele.

Relutantemente, abriu os olhos para a escuridão, ao mesmo tempo em que virava o corpo para sentar-se. Não conseguiu enxergar absolutamente nada e considerou isso uma bênção. Nem queria saber que tipo de imundície causava aquele cheiro terrível. Motivado pelo cansaço, decidiu esperar as duas horas passarem daquele jeito, sentado ao pé da porta.

Infelizmente, seus olhos rapidamente se ajustaram à penumbra e ele aos poucos conseguiu enxergar as paredes de sua prisão. Percebeu que aquilo nada mais era do que um quarto vazio, abandonado e decadente, e esforçou-se para relaxar um pouco.

Mas, agora, destituído da bênção da ignorância, sentiu cada vez mais o terror retornar em seu íntimo. Seu coração disparou novamente e seus olhos se arregalaram numa tentativa de visualizar a causa de seu medo. Seus ouvidos zumbiam, sua garganta secou e sua respiração se tornou intermitente. Mesmo assim, não conseguia entender a razão daquele desespero. A sala não havia mudado nada, a porta continuava fechada e as paredes imundas continuavam no mesmo lugar. Mesmo assim, sentiu o coração na boca e um terror tão grande que o congelou por completo.

E, quanto mais o garoto se apavorava, mais a sala se tornava clara, como se o aposento estivesse se alimen-

tando de seu medo infantil. Já era possível distinguir as imensas manchas apodrecidas na pintura, provenientes das inúmeras infiltrações do velho prédio. No centro do teto, pendurado por um fio grosso que saía de um buraco, encontrava-se um soquete com uma lâmpada. Aquilo deu um certo alento ao apavorado garoto, pois ele sabia que os monstros do escuro morriam de medo da luz. Pelo menos, era o que sua avó costumava dizer.

Tomado pela esperança de tornar aquela tortura menos cruel, ergueu o corpo e bateu a parede atrás de um interruptor. A tarefa seria mais simples caso ele conseguisse desviar o olhar da lâmpada, mas ele temia que ela desaparecesse se parasse de fitá-la. Encontrou o interruptor com a mão direita e rapidamente apertou-o, já aliviado com a perspectiva de iluminar aquele lugar.

Sua esperança veio por terra quando sentiu o choque elétrico percorrer seu indicador, passando rapidamente para a extensão de seu braço, ao mesmo tempo em que a velha lâmpada estourava num brilho amarelado e pífio. Caiu no chão novamente, com o braço dolorido e inútil pendendo a seu lado. Foi quando descobriu onde poderia encontrar mais lágrimas.

Mas aquelas não eram mais lágrimas de medo ou dor. Eram, isso sim, de intensa fúria. Sua visão se tornou turva e um grito quase gutural nasceu de suas entranhas, rasgando sua garganta e brotando de sua boca escancarada. Ergueu-se tropeçadamente e saltou em direção à porta, esmurrando-a descontroladamente, seu grito dando-lhe forças que nunca imaginara ter. As tábuas tremeram e rangeram, chegando a se esfacelar nos trechos mais podres da superfície. Centenas de farpas pontiagudas penetraram na pele de suas mãos, lacerando terrivelmente a

carne jovem, mas nem isso foi suficiente para amainar sua fúria. Ele nada sentia além de ódio e desespero e continuou batendo até atingir acidentalmente a cabeça de um prego enferrujado que sobressaía na madeira podre, rasgando sua mão terrivelmente, numa agonia insuportável. Gritou de dor, mas recebeu como resposta apenas a constante risada aguda de Barata.

Frustrado, vagueou pelo recinto, as mãos à sua frente deixando escorrer sangue quente no piso. Seu grito transformou-se em um lamento, até que seu corpo exausto pediu arrego e ele caiu de joelhos, o rosto inundado.

“Maissss...”

As lágrimas cessaram imediatamente quando ouviu aquela voz, quase um sussurro em seus ouvidos. Seus olhos se arregalaram com o susto e seu corpo se paralisou com a perspectiva de não estar sozinho naquele lugar. Esqueceu-se até mesmo da dor que sentia em sua mão ferida. Perscrutou a penumbra nervosamente, sentindo gotas de suor frio escorrerem por sua testa. Os ombros se retesaram, a respiração se tornou sôfrega, todo o seu corpo num estado de alerta primai, como um animal acuado.

Ergueu-se cambaleante com a ajuda dos cotovelos. O que era aquilo? A voz não tinha vindo da porta, então não poderia ser mais uma brincadeira de Barata. Não, ela tinha vindo de dentro, de uma direção que não pôde precisar, como se tivesse ecoado direto em sua mente.

Recordou-se imediatamente da história que Toninho contara, do tal vampiro que havia sido emparedado naquela sala, e sentiu um frio percorrer suas entranhas com a lembrança. Seria ele quem o estava chamando daquela maneira? Oh, meu Deus, e se ele estivesse ainda ali, esperando para alimentar-se de sua próxima vítima?

Um ruído de gotejar o despertou de seus devaneios. Pensou inicialmente que fosse alguma infiltração nas paredes, mas rapidamente percebeu que na verdade era o sangue que escorria de suas mãos que formava uma pequena poça a seus pés. Cruzou os braços em volta do corpo, numa tentativa de estancar o fluxo com suas próprias roupas.

“Maisssss...”

Sentiu o coração disparar. O monstro estava vivo e com certeza faminto. Devia estar sentindo o cheiro de seu sangue naquele momento, o que tornava Felipe uma presa indefesa. Precisava sair dali, implorar para que Toninho e Barata o libertassem, mas não conseguiu se mover, petrificado de terror. Seus olhos se voltaram para a poça rubra à sua frente e, para seu horror, percebeu que ela já havia secado quase completamente, tornando-se nada mais que uma mancha escura no chão.

Subitamente, notou que o ambiente se tornava gradualmente mais claro e cada vez menos opressivo. Já não fedia tanto e nem dava o medo de antes. Era apenas um porão, nada mais.

Tomado de uma súbita inspiração, esticou os braços à sua frente, apertando o punho ferido para que o sangue escorresse novamente. Com efeito, a cada gota que se precipitava ao chão, mais o ambiente se tornava acolhedor, cálido e iluminado por uma luz fantasmagórica, mas quase quente, como se fosse proveniente de lâmpadas comuns.

Caminhou vacilante até a parede oposta à porta, onde agora se via claramente a mancha de cimento sem acabamento sob a qual provavelmente estava sepultado o corpo do vampiro, e tocou-a com a palma ensangüentada.

Sentiu a parede sugando seu sangue como uma esponja sedenta e, para sua surpresa, compartilhou do prazer da criatura ao recebê-lo. Seu medo havia desaparecido, substituído por uma imensa calma e tranquilidade. Era uma sensação quase inebriante, como o colo de sua mãe quando ele estava às vésperas do sono. Relutantemente, retirou a mão apenas para verificar a estampa escarlate com a forma de sua palma rapidamente se tornar negra e seca.

“Maisss...”



— Deu?

— Arrã. Duas horas. Abre a porta.

— Vem, galego. Acabou!

Toninho e Barata ficaram ao pé da porta, temerosos em entrar no recinto imerso na escuridão. Toninho ainda colocou a cabeça um pouco para dentro, tentando escutar algum ruído, mas não ouviu absolutamente nada.

— Galego! — gritou. — Galego, você tá aí?

— Será que ele morreu?

— Cala a boca, Barata! Morreu de quê? Ele tava sozinho.

— Eu é que não vou entrar aí atrás do pirralho. Vai saber o que aconteceu com ele.

— Tá com medo do vampiro?

— Sei lá, meu. Vam'bora que senão a gente pode se enrolar com essa história.

— Embora porra nenhuma! A gente pôs ele aí, não pode abandonar ele desse jeito.

— Vai você que eu tô fora. O galego que se dane. Se morreu, morreu.

— Fica quieto, cara! Se ele morreu, a gente tá ferado!

— Só se encontrarem o corpo. E ninguém desce aqui. Se você quiser buscar ele, vai lá. Eu tô indo embora.

— Bundão!

— Otário!

Toninho ficou olhando o companheiro se dirigir até a saída e parte dele queria acompanhado. Dane-se o moleque. Provavelmente devia ter desmaiado de medo e, quando acordasse e percebesse a porta aberta, voltaria correndo para a saia da mãe.

— Cacete!

Sabia que não podia ir embora. Um inédito senso de responsabilidade se apossou dele, junto com uma piedade imensa. O garoto era o quê? Dois anos mais novo que ele, no máximo? Devia estar apavorado, encolhido no canto, inundado de lágrimas e mijo. Não podia deixá-lo daquela maneira.

Respirou fundo e entrou na sala.



Já passava da quatro da tarde quando Maria acordou novamente para sua vida miserável. Virou-se e abriu relutantemente os olhos para a realidade. Sentiu dores por todo o corpo, causadas tanto pelo péssimo colchonete que lhe servia de cama quanto pelo cansaço da noite agitada. Cliente desgraçado, fez muito mais do que haviam combinado. Devia ter cobrado o dobro.

Com esforço, ergueu o corpo até se sentar. O movimento trouxe mais uma agonia quando sentiu a cabeça latejar da ressaca provocada pelas bebidas vagabundas que tomara na véspera. A boca estava empapada, com um gosto horrível.

Tocou com a ponta dos dedos o joelho esfolado e praguejou em seu íntimo.

Instintivamente, voltou o olhar para a cama de Felipe, encostada à parede, e não se surpreendeu ao veda vazia. Ele nunca estava por perto quando ela acordava. Levantou-se e caminhou até o banheiro. Após esperar um pouco para que se desocupasse, entrou e passou o trinco. Olhou-se no espelho arruinado e não se reconheceu. A pesada maquiagem havia borrado com as lágrimas e a esfregação da noite, dando a seu rosto fatigado uma aparência grotesca que parecia mais um arremedo humano do que uma pessoa de verdade. Abriu a torneira e deu graças ao fato de que de lá ainda saía água. Limpou o rosto e escovou os dentes freneticamente, como se aquele gesto prosaico tivesse a capacidade de lavar também sua alma atormentada.

Quando saiu do banheiro, voltou para seu canto no aposento disposta a preparar algo para comer, mas sentiu um cheiro insuportável de repolho cozido, provavelmente um resto de feira que estava sendo preparado em algum lugar no quarto superlotado numa panela amassada e cheia de água suja dos encanamentos enferrujados, e aquilo só serviu para tirar completamente seu apetite. Decidiu procurar por seu filho.

Assim que abriu a porta, quase foi atropelada por dois garotos que jogavam futebol no corredor, utilizando uma lata vazia que retinia irritantemente como bola. Al-

guém gritou um palavrão. Era possível ouvir um rádio proferindo maldições ao demônio em algum lugar indecifrável naquele mar de gente.

— Dona Zefa, bom dia — disse ela a uma senhora que passava pelo corredor. Recebeu um sorriso forçado como resposta. — A senhora viu o Lipe por aí?

— A última vez em que o vi foi ontem de noite, com o Toninho e os meninos, depois que você saiu.

— Com o Toninho? Será que eles se acertaram?

— Moleque briga e brinca da mesma maneira, filha. Devem estar aprontando alguma por aí.

Maria sorriu um pouco. Seria ótimo que seu filho conseguisse ter um pouco de infância, nem que fosse naquele lugar horroroso. Prometeu novamente a si mesma tirado de lá assim que conseguisse juntar algum dinheiro.

— Ontem à noite? — perguntou, finalmente se dando conta da situação. — Mas ele foi dormir depois, não?

— Eu não vi, menina. Não sou babá do pirralho. Ele estava na cama quando você chegou?

Maria tentou se recordar se havia visto seu filho na cama naquela manhã, mas não conseguiu uma lembrança clara. Estava bêbada e exausta quando chegou e nem olhou direito na direção da cama do filho. Nunca conseguia olhar para ele depois que chegava de seu... trabalho. Sentia muita vergonha.

Um arrepio percorreu sua nuca, juntamente com um sentimento de aflição incontável que apenas as mães sentem. Onde estava seu filho? Por que ele não havia dormido em sua cama?

Tomada por um súbito pânico, disparou em direção à escada, descendo rapidamente dois lances e dirigin-

do-se imediatamente para o quarto do velho que havia tentado seduzir Felipe anteriormente. Se ele houvesse feito algum mal a seu filho, iria matá-lo!

Quando chegou ao local, encontrou o mendigo em sua cama improvisada com trapos e lixo, de calças arriadas, acariciando indolentemente o pênis flácido, completamente alheio à realidade a sua volta. Maria sentiu o sangue ferver ante aquela visão grotesca e, sem pensar, agarrou o velho pela gola de sua camiseta esburacada.

— Onde ele está? — gritou, histérica. — Onde está meu filho? O velho, tomado pela surpresa do gesto, arregalou os olhos e engasgou uma resposta. Maria não deu a ele tempo de se recompor.

— Cadê meu filho, seu puto? Cadê ele?

Ele até tentou responder, mas não conseguiu nada além de um balbuciar incompreensível, pois sua mente já estava entorpecida o suficiente com a aguardente barata que bebera naquela tarde e não conseguia compreender direito por que aquela mulher o estava agredindo daquela maneira.

Maria, cada vez mais furiosa, sacudiu-o violentamente e esbofeteou seu rosto duas vezes, tentando conseguir as respostas que queria. Foi quando sentiu que ele segurava em sua perna com uma das mãos ásperas e que aquela situação o devia estar excitando bastante, pois seu pênis tinha uma ereção assustadora.

— Porco desgraçado! — berrou ela, soltando a gola do mendigo e livrando sua perna do abraço asqueroso. Não conseguiu se conter e chutou-o no peito com o pé descalço. Em seguida chutou seu rosto, fazendo-o tombar de costas no chão. O velho gemeu, mas sorriu, e sua ereção não diminuiu, o membro erguido como que zom-

bando da cara de Maria. Enfurecida, começou a pisotear aquela coisa repulsiva. O mendigo se encurvou com a dor, mas ela não esmoreceu, torcendo o pé diversas vezes.

Só parou quando sentiu braços firmes envolvendo sua cintura e pescoço e puxando-a para longe. Gritou e chorou, frustrada por ter sido privada daquele prazer tão sádico, tão libertador. Queria esmagar os testículos do desgraçado até não sobrar nada!

— Pára, porra! — ouviu alguém gritar em seu ouvido. — Tá maluca?

— Me solta, Juvêncio! Eu vou matar esse filho da puta!

A resposta de Juvêncio foi lacônica, mas eficaz. Torcendo o braço de Maria, que chegou a estalar na altura do ombro, jogou-a na direção da parede e em seguida pressionou seu corpo sobre o dela, imobilizando-a. Maria ainda tentou se debater, mas logo percebeu que seria impossível se libertar.

— Me solta!

— Te acalma, ou vou acabar quebrando teu braço. O que é isso? Deu para bater em velho agora? Espero que pelo menos ele esteja pagando por isso.

Maria bufou como um touro bravo, fazendo um esforço para se acalmar. Quando Juvêncio percebeu que o corpo dela havia relaxado um pouco, soltou seu pulso e se afastou.

— Que merda é essa? O que tá acontecendo?

— O Felipe sumiu.

— Quem?

— Meu filho!

— Ah, é isso? E por esse motivo você tava espancando o seu Manoel?

— Ele tentou seduzir o Lipe ainda outro dia.

Juvêncio riu alto.

— O velho Mané é assim. Ele já fez mais de um moleque de donzela aqui no prédio. Mas fica sossegada que, se foi isso, teu filho só vai ter problemas para sentar alguns dias.

— Cala essa boca! — gritou Maria, descontrolada ao imaginar seu filho sendo violado por aquele velho imundo. Recebeu um bofetão como resposta.

— Abaixa o tom pra falar comigo, piranha. Lembra que fui eu quem te pôs aqui, e posso muito bem tirar. Tá a fim de voltar para a rua?

— Não! Desculpe.

— Assim é melhor. Vem, vamos encontrar teu moleque logo, que eu te arranjei um cliente e você tem que se arrumar.

Maria suspirou, correndo atrás do gigolô que disparava pelo corredor a passos largos.

Onde estaria aquele moleque? Que péssima mãe ela era, trazendo-o até aquele cortiço, onde tragédias aconteciam todos os dias. Que futuro um garoto teria vivendo daquela maneira? Seus dedos buscaram automaticamente o crucifixo pendurado em seu pescoço e seus lábios murmuraram uma prece angustiada.

Já Juvêncio era mais prático, preferindo a ação à fé. Rapidamente interceptou um rapaz que vadiava pelos corredores, agarrando-o firmemente pelo braço magro. Ele até tentou ensaiar uma fuga, mas foi logo dissuadido com uma forte sacudida.

— Cadê o moleque, Barata?

— Ai, me larga! Do que é que você tá falando? Juvêncio intensificou o aperto.

— Felipe. Tampinha, loirinho. Você sabe muito bem do que eu tô falando. Desembucha!

— Me solta! Ai!

— Calma, Juvêncio! — interveio Maria, pouco certa de que aquela era a melhor forma de fazer um interrogatório. O rapaz não devia ter mais de onze anos e nada garantia que ele soubesse do paradeiro de seu filho.

— Cala a boca, Maria. Vai, moleque! Fala ou quebro teu braço.

— Tá bom, tá bom! A última vez em que eu vi ele foi na sala do zelador, no porão. Ele tava com o Toninho.

— E cadê o Toninho?

— E eu vou saber? O cara não é grudado em mim.

— O que vocês estavam fazendo lá na sala do zelador?

— Nada, pô!

A resposta não pareceu agradar Juvêncio, que aplicou uma forte bofetada com as costas da mão no rosto do garoto. Maria sobressaltou-se com o golpe violento, mas permaneceu calada.

— De novo. O que vocês estavam fazendo lá?

— A gente queria dar um susto no frango, só isso. Só que ele se apavorou e não saiu mais de lá. Fui embora, mas o Toninho ficou para ajudar.

— Oh, meu Deus! — desesperou-se Maria. — Vocês deixaram meu filho sozinho lá?

— Tá surda, dona? Não disse que o Toninho ficou com ele?

— Vamos até lá — decidiu Juvêncio, sem soltar o braço do garoto. — E você vai com a gente. Se aconteceu alguma coisa com o moleque, você tá ferrado.

Antes que Barata tivesse chance de argumentar, Juvêncio o empurrou para a frente, em direção à escada, que eles desceram rapidamente. Chegando ao porão escuro, Maria se arrepiou com a perspectiva de seu filho estar naquele lugar, ferido ou morto. Sentiu as entranhas gelarem. Juvêncio mantinha Barata bem seguro, e juntos se dirigiram até a porta da sala do zelador, que se encontrava fechada. Com a mão livre, o gigolô testou a maçaneta e verificou que estava destrancada. Escancarou a porta, tentando enxergar alguma coisa no vão escuro.

— Lipe! — gritou Maria. — Lipe, meu filho, você está aí? Apenas o silêncio respondeu, e não foi uma resposta satisfatória.

— Vamos, moleque — disse Juvêncio para Barata. — A gente vai junto procurar. Maria, fica aqui.

— Ei, não vou entrar nessa merda nem fodendo!

Ante a recusa de Barata, Juvêncio sacou do bolso traseiro da calça um canivete articulado, que armou, girando-o agilmente duas vezes no ar e colocando a lâmina gelada e reluzente no pescoço do rapaz com a rapidez de um raio.

— Eu não pedi e não vou falar de novo. Vamos, para dentro. Barata imediatamente percebeu que o homem não estava brincando, e entrou, sendo seguido de perto por Juvêncio.

Maria estava aflita demais até mesmo para chorar. Do vão da porta tentava enxergar alguma coisa na escuridão, mas o máximo que conseguiu foi ver os vultos de Juvêncio e Barata por alguns instantes. Depois, nem mesmo isso.

Quinze segundos após os dois desaparecerem, Maria ouviu um ruído surdo, seguido de um gemido de dor e

do grito de pavor de Barata. Seu coração quase foi à boca e instintivamente ela se arremessou para dentro do aposento, sem se preocupar com a própria segurança, apenas querendo tirar o filho daquele lugar de uma vez por todas.

Deu alguns passos, completamente cega pela escuridão, até que sentiu que alguém tocava em seu pé. Saltou para o lado, soltando um grito histérico. Com os olhos arregalados pelo susto, conseguiu enxergar que quem a tocara fora Barata, que se arrastava pelo chão. Imediatamente se jogou sobre ele, disposta a ajudado a se erguer, mas, quando envolveu seu corpo com o braço, percebeu que a barriga do garoto estava encharcada. Ergueu a mão para que ela ficasse um pouco iluminada pela luz mortíça que provinha da porta apenas para constatar que ela estava coberta com sangue.

No mesmo momento, a porta se fechou violentamente, mergulhando o recinto na mais completa escuridão.

Maria gritou. Esqueceu completamente de Barata, que agonizava a seus pés, e ergueu-se afoitamente. Deu dois passos para trás, respiração ofegante, até tropeçar em algo que a derrubou sentada no chão. Tateou o concreto para tentar desvendar o que a tinha derrubado apenas para descobrir o corpo de Juvêncio, que aparentemente jazia sem vida no chão empoeirado.

Sem conseguir parar de gritar e chorar, arrastou-se na direção em que imaginava ter ficado a porta, esfolando as mãos e os joelhos no chão áspero. Tinha que sair dali, pedir ajuda, resgatar seu filho daquele pesadelo. Tinha um louco lá dentro que estava matando pessoas e provavelmente já havia matado Felipe, mesmo que ela se recusasse a acreditar naquilo. Precisava ter fé, precisava ter esperan-

ça. Seu filho estava vivo, só precisava ser resgatado. E eles poderiam fugir daquele lugar para sempre. Voltariam para a casa de sua mãe. Maria engoliria o orgulho e até mesmo aceitaria as regras absurdas impostas por ela. Tudo por seu filho, seu amado Lipe, a luz de sua vida. Só precisava encontrá-lo.

De repente as pontas de seus dedos tocaram uma parede. Estendeu a mão, apoiando-se nela, e continuou se arrastando, procurando pela maldita porta que havia desaparecido completamente.

— Lipe! Filho, responde! Eu vou buscar ajuda! Lipe!

Sua visão estava se acostumando à escuridão e ela conseguiu perceber o tênue fecho de luz que passava pelo vão da porta fechada, junto ao batente. Estava a apenas alguns metros, só tinha que se arrastar mais um pouco.

Foi quando sua mão encostou em algo viscoso, que barrava seu caminho, e ela se retraiu. Provavelmente era alguma infiltração de esgoto e ela não podia perder tempo com frescuras, por isso continuou tateando, na esperança de remover ou circundar aquele obstáculo e prosseguir em sua jornada até a luz. Arrastou-se um pouco mais e sentiu sua mão afundar naquela massa viscosa, e retirou-a, enojada. Tateou um pouco mais até perceber que aquilo não era esgoto, nem lixo ou outra coisa do gênero. Era mais um corpo, um cadáver completamente destroçado de criança, largado no chão em uma posição pouco natural, como se tivesse sido atirado ali displicentemente.

Maria se retraiu, incapaz de se mexer. Seria seu filho que estava ali, desfigurado daquela maneira sórdida, com as tripas espalhadas pelo piso? Não conseguiu se controlar o suficiente para investigar, temerosa da verda-

de, e encolheu-se à própria dor, chorando inconsolável. Se fosse para morrer, que fosse logo, para que ela conseguisse acompanhar seu filho. De que valia a vida sem seu bebê?

Seu desespero foi interrompido por um gemido e um ruído de arrastar. Seu coração parou por dois segundos, junto com sua respiração.

— Maria?

— Juvêncio? É você?

— Sou. Tô meio zonzo. Algum filho da puta me acertou a cara com um pedaço de pau...

— Juvêncio, o Felipe... Ele...

— Calma, Maria, eu tô indo. Saco, cadê meu canivete?

— Meu filho está morto...

— Calma, mulher! Não fica histérica! Deixa eu encontrar meu canivete e a gente resolve isso.

— Você ouviu o que eu disse? — gritou ela, descontrolada. — Meu filho está morto, e você preocupado com a porra de um canivete?

— Espera que eu tô indo para aí...

Se Juvêncio pretendia realmente se aproximar de Maria, ela nunca saberia. Um grito assustador, como o de um animal enfurecido, tomou conta do ambiente, seguido do ruído repugnante de facadas e dos gemidos de agonia de Juvêncio a cada golpe recebido. Foram dez, doze facadas no mínimo, até que Juvêncio soltasse o último suspiro gorgolejante, a garganta entupida com seu próprio sangue.

Maria congelou de medo. O assassino ainda estava lá e com certeza ela era a próxima vítima. Podia ouvir sua respiração ofegante. Quase conseguia sentir seus olhos pousados nela, mesmo naquela escuridão absurda.

Não conseguiu se mover, tamanho era o pavor que sentia. A porta, a poucos metros de distância, já não significava nada. Quem quer que estivesse lá não permitiria que ela chegasse até a saída impunemente. Estava à mercê de algum lunático, um psicopata que assassinara seu filho e agora iria matá-la da mesma maneira.

Tomada de uma súbita coragem, decidiu que o desgraçado não iria se safar daquela. Podia morrer, mas levaria o torturador de seu filho junto para o inferno. Ergueu-se lentamente, tentando visualizar alguma coisa na penumbra, algum vulto que servisse de alvo para sua fúria. Estava com as mãos nuas, mas mataria o maldito com os dentes se fosse necessário.

— Vem, seu filho da puta! — gritou, a plenos pulmões. — Vem logo!

Ouviu o som de passos vacilantes tocando o piso frio. Eram passos leves, aparentemente descalços, mas com certeza vinham em sua direção. Maria cerrou os olhos, tentando encontrar seu alvo, mas não conseguiu enxergar nada. A escuridão era completa, inexpugnável.

— Vem! Estou te esperando!

— Mãe?

O coração de Maria deu um pulso. Era a voz de Felipe, seu filho, seu bebê! Estava a menos de dois metros de distância, e ela se jogou em sua direção, abraçando-o com força, lágrimas de alívio escorrendo por sua face.

— Filho! Você está vivo! — gritou ela, beijando as bochechas do garoto várias vezes, mesmo sem conseguir enxergar direito seu rosto. — Você está bem? Oh, meu Deus, obrigada! Obrigada, obrigada, obrigada!

Tomada pela felicidade, Maria quase se esqueceu completamente do perigo que ainda corriam, mas rapidamente voltou à realidade.

— Vamos embora daqui! Tem um louco matando gente. O Juvêncio, o garoto...

— Mãe, tá tudo bem — respondeu Felipe, com uma voz tranqüila. — Ele me ajudou. Me ajudou a me livrar dos meus inimigos.

— O que você está falando, Lipe? A gente tem que sair daqui agora. Não dá para confiar nesse tipo de gente. Vamos, acho que dá para chegar à porta antes que ele faça alguma coisa. Vamos embora, e a gente volta com a polícia e bota esse desgraçado na cadeia.

— Mãe...

— Lipe, pelo amor de Deus! Você sabe que eu não consigo mais te carregar no colo, mas vou fazer isso se você não se mexer imediatamente! Oh, Deus, eu achei que você estava morto quando trombei com... aquilo ali.

— É o Toninho. Foi ele que me trouxe aqui, e foi o primeiro a ser punido. Ele se alimentou do seu sangue e me acolheu. Ele é legal.

— Ele, quem, Lipe? Do que você está falando?

— Do vampiro, mãe. Ele tá preso, mas consegue beber o sangue pela parede como se ela fosse uma esponja. E, cada vez que ele bebe, mais eu consigo enxergar no escuro e mais gostosa fica a sala.

— Do que você está falando, Felipe? Não dá para ver nada nesta escuridão, e aqui está frio como uma geladeira! Vamos embora, por favor! Não acredite nas histórias que esses moleques te contaram. Não tem vampiro nenhum aqui! Por favor, vamos embora.

— Eu não quero ir embora, mãe. Ele me acolheu e aqui é o melhor lugar em que já estive em minha vida. Eu não posso ir embora, ele precisa de mim...

— Já chega, moleque! — impacientou-se Maria. — Chega desse papo! Vamos embora agora!

Maria agarrou a mão de seu filho, disposta a arrastá-lo daquele lugar, mas sobressaltou-se ao perceber que ele segurava firmemente o canivete de Juvêncio, aparentemente encharcado de sangue. Soltoou o garoto, assustada, percebendo finalmente o que acontecera naquele túmulo imerso em escuridão. Não conseguiu reagir, apavorada, até que sentiu a pontada aguda em seu estômago e olhou espantada para o rosto de seu filho, que denotava uma frieza e total falta de emoção pelo que acabara de fazer. Sentiu as pernas vacilarem e caiu de joelhos, levando as mãos ao abdome aberto que jorrava seu sangue. O mesmo abdome que por nove meses carregou seu filho, seu Lipe, a luz de sua vida. O mesmo Lipe que agora apertava o canivete de Juvêncio contra seu pescoço.

— Ele me disse que você não compreenderia. Desculpe, mãe, mas eu preciso fazer isso — sentenciou ele, antes de enterrar fundo a lâmina.



— Putz, que cheiro!

— Pois é. Lugarzinho imundo...

— Então, foi aqui?

— Hein?

— Não se lembra? Um moleque, há uns dois anos, matou um monte de gente, inclusive a própria mãe, bem aqui neste lugar. Saiu em todos os jornais.

— Você sabe que eu não gosto desse tipo de coisa. Se dependesse de mim, o jornal podia vir sem esse caderno...

— Foi feio. Disseram que ele estripou todo mundo. Coisa de fazer legista vomitar. E só descobriram porque ele saiu quando ficou com fome e o viram caminhando calmamente, coberto de sangue.

— Como está o andamento das outras equipes?

— Só falta a gente. O resto já liberou.

— Então, vamos acabar logo com isso, que este lugar me dá arrepios.

— Olha, cara, ainda tem mancha de sangue no chão. O concreto deve estar tão velho que ficou poroso e chupou o sangue como uma esponja. Isso aqui não sai de jeito nenhum.

— Como você sabe que é sangue? Nesta escuridão, pode ser qualquer coisa.

— Olha aqui, cara. Se isso não for sangue, não sei o que é.

— Você tá é louco para encontrar algum *souvenir* macabro. Esquece essa história e vamos terminar a inspeção. Este lugar me dá arrepios.

— Você já disse isso.

— Disse e repito! Vou ficar feliz quando botarem todo este esqueleto abaixo.

— Sei lá, eu me sinto meio mal. Esse prédio é antigo, tem as estruturas sólidas, dava para aproveitar ainda...

— Cara, não viaja. A gente é pago para implodir e não pra atestar valor histórico. Isto aqui está um caco, tem mais é que botar abaixo. Além do mais, a prefeitura já condenou o prédio, não tem mais o que fazer. Vai ser até melhor.

— Ei, olha aquilo!

— O que foi agora?

— Tá vendo o remendo de cimento na parede? Foi lá que o moleque disse que estava o vampiro emparedado que o inspirou. Tem até a mancha da mão dele ainda. Disse que de alguma forma o tal vampiro havia se assimilado às paredes e bebia o sangue através do concreto.

— Papo de maluco. Onde já se viu? Que idade tinha o moleque?

— Era criança ainda, dez ou doze anos.

— Que horror...

— Ei, e se a gente pegasse as marretas e abrisse essa parede? Só para ver se o tal vampiro existe mesmo. Ninguém vai se importar com um buraco na parede e, se a gente encontrar alguma coisa, pode ficar famoso.

— Tá, e depois a gente vai pro terraço esperar os alienígenas nos darem uma carona. Cara, isso é só uma história que o moleque inventou para explicar o que aconteceu. Imaginação de criança que foi longe demais.

— Mas...

— Chega dessa conversa. Vamos embora, não tem mais nada aqui. Amanhã a gente volta e planta os explosivos. E, se tiver um vampiro aí mesmo, vai virar poeira junto com o resto do prédio.

— Não custa nada, cara. Vou pegar as marretas e já volto.

— Ei, volta aqui agora!



Felipe ajeitou-se novamente, sentindo um leve formigamento nas pontas dos dedos graças à posição

desconfortável. O concreto frio doía em suas nádegas, mas ele não se importou. Nada mais importava.

— E aí?

— Tá aqui. Acho que elas tão boas ainda. Mas deixa o volume baixo que senão vai detonar rapidinho.

— Merda de polícia. Precisava desligar a força?

— Liga o bagulho e vamos ver o que tá acontecendo. Aquele lugar não era nada. Era apenas uma caixa de cimento sem vida. Uma cela imunda e super lotada, um depósito de gente, infinitamente diferente de seu porão.

— Porra, isso tá muito ruim. Aumenta o volume.

— Assim a pilha vai acabar.

— Dane-se! A gente precisa saber o que eles tão planejando. Deixa desligado nos comerciais.

— Fica calmo que não tão falando nada da gente.

— Saco. Quantos colchões a gente vai ter que queimar até esses caras prestarem atenção?

— Eles só vão levar a gente a sério se matarmos algum dos reféns.

— Meu, eu não tô aqui pra matar ninguém. Mais dois meses e eu tô fora.

— Calma que não pega nada. Fala pro povo que tá no telhado tacar umas pedras nas viaturas. Se assim mesmo eles não se ligarem, a gente mata um.

Lá fora, o mundo não significava mais nada. Era apenas outra caixa abarrotada de gente sem sentimento. Já não havia mais esperança em nada. A vida de Felipe havia terminado naquela noite, há dois anos, quando abandonara seu porão para ser jogado naquele lugar.

— O Mudinho, vem cá que tão falando do teu prédio.

— Que prédio, meu?

— Você não sabe? O Mudinho aqui matou a própria mãe nesse prédio. Coisa feia.

— Esse franguinho?

— Fica esperto, cara! O nego é foda. Aumenta aí pra ele ouvir.

— As pilhas...

— Foda-se, meu, cala essa boca!

“...e, às duas horas da tarde de hoje, o velho hotel foi implodido, mesmo sob os protestos de centenas dos invasores que até o último instante tentaram impedir a destruição de seu antigo lar. O velho hotel ficava na zona central da cidade e ficou famoso há dois anos, quando foi cenário do brutal assassinato de quatro pessoas por um menor de idade, uma delas sua própria mãe...”

— Aí, não disse?

— Shhh!

— Mas eu falei! O cara é foda!

— Fica quieto que eles tão falando da gente!

“...coincidentemente, na mesmaarceragem onde está, neste momento, acontecendo uma rebelião que já dura quase quatro horas. Segundo informações da polícia...”

— Ah, não, agora não >!

— Eu avisei. Essas pilhas tavam no osso. Agora, já era.

— Tá, desencana. Chama os caras, vamos reunir os reféns. A gente leva eles pro telhado e, se os caras não ouvirem, a gente mata um ou dois.

— E você?

— Eu espero aqui. Vou juntar as coisas. Vai que quando você voltar a gente sobe lá junto.

Destruído. O único lugar que poderia trazer algum alento à vida miserável de Felipe estava destruído e nada mais lhe restava, a não ser passar os dias arrastando aquela existência desagradável.

Mas, no fundo de seu cérebro, ouviu um sussurro leve, quase um suspiro. Seu corpo se retesou e seus sentidos se tornaram alertas pela primeira vez em muitos meses. Ele estava vivo! Não haviam conseguido destruído, nem mesmo com dinamite. E estava livre novamente.

Quase automaticamente, Felipe moveu o braço em direção a um objeto ao seu lado, que aparentemente havia sido jogado ali durante a confusão da tarde, e agarrou-o entre os dedos, apertando com força, sentindo o fio da placa de metal afiada e pontuda quase rasgar sua pele. Sua visão se focou novamente e ele ordenou a si mesmo que se erguesse.

— Que foi, Mudinho? Cansou de ficar de boabeira e vai ajudar a gente? Chega mais, mano. Os caras vão voltar daqui a pouco. Ei, o que é isso aí na sua mão?

“Maissss...”

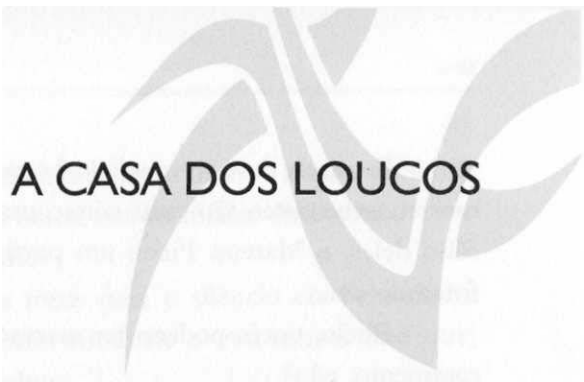


CAMILA FERNANDES

NESTE TEXTO há uma mistura agridoce de inocência e arrependimento. A história inicia-se de maneira leve e audaciosa, para crescer em volume e intensidade a cada página percorrida.

O retrato surreal e ao mesmo tempo pós-modernista contido é tão envolvente que só poderia ter sido concebido por uma ilustradora de profissão, cujos trabalhos refletem seus escritos, e vice-versa.

A Casa dos Loucos fala em tom intimista, acessível e facilmente reconhecível por qualquer um, o que ressalta ainda mais o horror da situação, pois testemunhamos pessoas comuns tomando atitudes incomuns, como se a realidade e a ficção se mesclassem homogeneamente, tornando sua leitura muito mais que um ato frugal, mas uma experiência que compartilhamos com a protagonista.



A CASA DOS LOUCOS

ACORDAR de um susto, o coração saltando dentro do peito, os olhos rasos de lágrimas.

Tenho certeza de que você já passou por isso pelo menos uma vez na sua vida. Ou quase.

Comigo, sempre aconteceu. Aquele sábado foi uma dessas vezes. Era quase sempre a mesma coisa. Mas naquele dia algo ficou entalado na minha garganta. Eu não acreditava em presságios ou intuição; o concreto cinza e os esbarrões da gente ranzinza da cidade haviam me tornado impenetrável a tudo o que fosse abstrato. Um pouco de superstição teria me feito bem vinte anos atrás. Eu não teria posto o pé fora de casa nem por decreto naquele dia.

Mas eu tinha vinte anos, cabelo moderninho e um vestido cor-de-abóbora. Por que diabos não iria a uma festa?

No carro, lembrei-me de várias razões. Era noite de sábado. Havia coisas melhores para fazer que não envolviam em hipótese alguma a companhia da minha família.

— Devia ter dito isso há quarenta minutos, Laura. Estamos quase lá!

Cinqüentão de pólo e calças caqui, meu pai olhava para trás, mãos no volante, esperando que eu partilhasse do seu entusiasmo.

— Tenho mesmo que ir?

— É claro que tem, boba! — Minha mãe estava estupidamente eufórica, como uma criança a caminho do *fastfood*. O rosto, esticado na última plástica que tentara, sem sucesso, tirar dez anos de sua aparência, se arreganhara num sorriso. — Nós não vemos a Branca há mais de quinze anos. Ela vai adorar ver como você cresceu!

— Eu era criança, nem me lembro dela.

— Bom, ela deve ter mudado bastante depois que o marido morreu, sabe como são essas coisas, mas você vai se lembrar do filho deles, o Mateus. Ficou um partidão. Alto, olhos verdes, formado em...

— Então, vocês podiam ter marcado logo a data do nosso casamento, não?

— Não me lembro de ter te ensinado a ser sarcástica — resmungou meu pai, subitamente sério.

Eles eram mesmo esdrúxulos. Eu já pensava assim, mas não sabia até que ponto ia essa estranheza. Meu pai se exercitava obsessivamente para manter o aspecto de manequim de vitrine e pintava o cabelo de um louro cor de gema de ovo. Minha mãe atacava o corpo com dietas milagrosas e remédios para emagrecer e enchia a cara de cremes importados. Entrara sem medo na sala de cirurgia para esticar os olhos, arrebitar o nariz e passar a faca nos pneus da cintura.

— Você é jovem e lindinha, mas um dia vai entender por que a sua mãe tem que fazer isso — dizia sempre, com a solenidade de quem cumpre uma missão divina.

Cruzáramos a cidade desde a nossa casa na zona norte até ali. Estávamos agora no extremo sul da metrópole, vizinhança recortada por ruas largas, silenciosas e arborizadas. Muros muito altos escondiam mansões. Minha mãe voltou a buscar minha atenção:

— Ela voltou *podre* de rica da Europa e vai nos apresentar a muita gente importante.

— E nós lá temos grana pra acompanhar o estilo de vida desse povo?

O olhar dela, agora, era de uma severidade militar.

— Não seja ingrata! Eu não sou sua mãe? Não te alimentei nestes peitos até eles murcharem? — Ela agarra os próprios seios de maneira repulsiva. — Agora, custa muito você fazer algo para agradar sua mãe?

Complexo de culpa era o meu ponto fraco e a tática preferida de minha mãe. Revirei os olhos, resolvi mudar de assunto.

— Ela faz *o quê*, mesmo?

Em se tratando dos meus pais, o silêncio era bem-vindo. Mas durou segundos intermináveis e estranhos. Até que, finalmente, minha mãe soltou:

— É esteticista.

— E esteticistas ficam milionários na Itália? Ou seria França?

— Ela tem uma clínica.

Não me convenceu. Eu ia argumentar, mas o carro parou diante de um imenso portão escancarado e eu soltei um palavrão involuntário.

O casarão cinzento parecia ter sido restaurado. Certamente teria abrigado alguma família da pequena nobreza no século XIX. Diante dele se espalhava um gramaço impecavelmente verde com vias largas para os carros e

os pedestres. Atrás dele, uma sucessão de árvores cuja silhueta em bicos rasgava o horizonte. A palavra para o quadro era *avassalador*. Não fossem os automóveis de luxo sendo estacionados por manobristas de terno, eu pensaria ter sido transportada no tempo.

Lá dentro, encontrei mais ou menos o que esperava. Grã-finos com pólos de grife e sapatos italianos e suas mulheres tipo cabide de peças da última moda, compradas em Paris e Nova York. Mas também havia um bom sortimento de novos-ricos com jóias e modos espalhafatosos, um batalhão de mulheres de carreira com olhar decidido e, claro, o punhado infalível de músicos e artistas plásticos de boina, óculos amarelos e trajas *neo-hippies*. Tipos que a gente logo identifica. As idades dos convidados variavam incrivelmente, dos vinte aos sessenta anos, alguns deles, ainda, acompanhados de inexpressiva prole adolescente. A música estava alta, mas ninguém dançava.

Cigarro, martini, gel no cabelo, decote no umbigo, magreza anoréxica, lipoaspiração, silicone, barriga de cerveja, água oxigenada, calça colada na bunda. Gente de todos os tipos. Decadência para todos os gostos. E tenho certeza de que senti cheiro de maconha.

Eu mal acabara de recolher essas impressões quando fomos alcançados por uma figura que atravessara o salão para vir ao nosso encontro. Eu me retraí instantaneamente quando ela se aproximou.

A mulher era muito alta, de quadris largos, peito farto, braços fortes, maçãs protuberantes e um sorriso voraz na cara branca. Olhos e cabelos pretos. Não passava dos quarenta e usava um vestido de festa roxo, antiquado. Ela interrompeu minha coleta de informações visuais com um abraço de esmagar costelas e fui sufocada por um par

de mamas vertiginosamente grandes. Entrei em piloto automático para ouvir os cumprimentos de praxe.

— Que bom que vocês vieram...

— Amiga, você não mudou nada...

— Eu peguei essa menina no colo quando era pequenininha assim...

— E os seus filhos, cadê...

— Preciso apresentá-los a uma...

— Adorei o vestido, é tão ousado, tão...

— Você vai se lembrar do meu menino. *Matheus*]

Em resposta ao berro, um rapaz surgiu de trás da mulher. Esguiço, alto como a mãe, mas calado como um túmulo, não disse uma palavra enquanto apertava minha mão. Olhos pacíficos cor de azeitona, sorriso vago, cara de anjo de cemitério.

— Por que você não leva a Laura para conhecer o jardim dos fundos?



O dito jardim dos fundos era, na realidade, um vasto declive apinhado de ciprestes e pinheiros bastante antigos. Seus galhos filtravam o luar em raios pálidos. Eu tinha a sensação de caminhar na nave de uma catedral gótica. O verão terminara e a noite me deliciava, fresca, não chegando a ser fria. Mas não podia dizer o mesmo da companhia, completamente gelada e nada deliciosa.

— Você é sempre assim tão espontâneo? Ele não pareceu perceber a ironia.

— Eu me sinto um pouco deslocado nessas festas, sabe — disse. — Na verdade, em tudo o mais. Preferia não ter vida social, mas, com uma mãe como a minha, não

é possível. Ela nunca está contente com o que eu faço. É que ela queria uma menina.

Achei que sua ingenuidade poderia me entreter satisfatoriamente e fingi lhe dar toda a atenção do mundo.

— Jura?

— Juro!

— Tá, e daí?

— Daí... daí que... bom, ninguém tem o que quer, não é mesmo?

— O que é que *you* quer?

— Pra começar, gostaria de te ver sorrir.

Bajulação nunca foi exatamente meu afrodisíaco predileto, mas ele me pegou desprevenida, não podia lhe negar esse mérito. O tal partidão que minha mãe tanto defendera começou a parecer um pouco mais interessante. Nós paramos de andar.

— Bom, conta uma piada. Aí, veremos.

Ele retomou o passo lento e eu o acompanhei.

— Então... — disse — era uma vez... uma menina de vestido cor-de-sol-às-cinco-da-tarde-no-outono que se perdeu no bosque e encontrou o Lobo Mau e então ela perguntou a ele... “Nossa, para que esses dedos tão compridos?”

— Não tinha isso na historinha...

— Vai, pergunta!

— Nossa, para que esses dedos tão compridos?

— Para estraçalhar menininhas!

Não tive tempo de achar graça na piada, se é que tinha. Perdi o equilíbrio quando tentei me proteger dos dedos pegajosos que começaram furiosamente a me fazer cócegas. Logo eu, que não agüentava. Mal conseguia ouvir o riso estúpido do sujeito sob o meu próprio, que era um

escândalo. Eu estava rolando na relva, quase sem ar, condenada a gargalhar enquanto tentava inutilmente exigir que ele parasse.

Ele meteu as mãos por baixo do meu vestido e o ergueu. Começou a soprar o meu umbigo. Cócegas com som de flatulência. Eu convulsionava. Parte de mim sorria e parte de mim chorava.

Foi quando senti uma dor aguda no ventre. Berrei mais alto do que gostaria: instinto, (“errei as mãos como martelos e o soquei. Ele saiu de cima de mim, mas ainda o acertei várias vezes com minha bolsa até que se afastasse.

— Seu filho da puta! Você me mordeu!

Eu me levantei. Estava furiosa, queria agredido, mas não me aproximar. Vi pinhas caídas no chão e atirei duas ou três contra o idiota, que se protegeu com os braços, sem, no entanto, tentar me deter ou fugir.

Eu estava sem fôlego. Meu rosto queimava de vergonha e raiva. Mateus tinha levantado minha roupa e mordido minha barriga. Ele olhava para mim, pasmo, como se acabasse de sair de um transe. O volume sob suas calças denunciava o que o boçal realmente queria.

— Qual é o seu problema? Você é retardado, é?

Ele me encarou, mais besta que Romeu diante da sacada.

— Você é tão gloriosamente arrogante!

— E você, pelo jeito, é um merda que nunca encostou em mulher. Vê se fica longe de mim! — Comecei a andar em direção à casa, sem tirar os olhos dele. Apesar do sarcasmo, eu estava com medo. — Palhaço!

Lá dentro, pensei em procurar imediatamente meus pais e falar que estava passando mal para podermos ir embora. Mas a pele da minha barriga ardia — vai saber

que tipo de bactéria o sujeitinho tinha na boca — e eu precisava de um banheiro. O que imaginei ser um no andar de baixo estava trancado. Então, subi uma longa escadaria de mármore para procurar por outro no segundo piso.

Longe da vista alheia, verifiquei meu próprio estado. Que ódio! Havia uma nódoa vermelha à esquerda do meu umbigo que logo se transformaria naquele hematoma que toda garota quer ter. Os dentes não haviam rompido a pele. Eu me sentia raivosa, insultada, humilhada. Mas logo a dor iria passar.

Comecei a me esquecer dela à medida que me interessava pelo interior do casarão. Não era todo dia que eu podia explorar uma construção secular com mobília e artefatos escolhidos a dedo. Talvez eu passasse a mão num bibelô qualquer. Indenização por danos morais, é claro.

A escada me conduziu a um corredor de quadros que deviam ter custado muito caro em algum leilão europeu. No final desse corredor havia uma porta aberta e, saindo dela, uma luz fraca. Caminhei para lá em silêncio, esperando flagrar alguma cena interessante.

Era um quarto de menina, antiquado como tudo naquela casa. Havia uma adorável cama com dossel e uma cômoda com um grande espelho, diante do qual alguém examinava o próprio rosto.

Ela se voltou quando surgiu na porta. Não pareceu surpresa; disse, como se adivinhasse o que eu pensava:

— *E* não mordo. Pode entrar.

Tinha oito anos, dez, no máximo. Usava um vestido de festa cor-de-rosa, muito rodado. Os cabelos estavam presos no alto da cabeça por um laço de fita. O rosto era bonito e contrariado.

— Sabe, eu tenho que agüentar essas festas chatas — falou. — Mas para todo o resto eu sou nova demais.

Então, ela pegou uma tesoura de costura, esticou o rabo-de-cavalo e cortou-o precariamente. A lâmina cega mascou os fios.

— O que você está fazendo?

— Cortando o cabelo, é claro.

— Mas por quê?

— *Ela* nunca fica satisfeita, sabe. Queria outro menino.

Eu gostava de crianças. Especialmente das estranhas. Talvez porque eu própria tivesse sido uma criança bem esquisita. Talvez porque eu ainda sonhasse demais com você, maninho. Simpatizei de imediato com a menina.

— Eu sei como é — respondi.

— Seus pais também queriam um menino?

— Acho que eles não queriam coisa nenhuma.

Eu me sentei na cama. Ela me lançou um olhar interessadíssimo e, segurando o tufo de cabelo preto sobre a boca como um bigode, disse, com cuidado:

— Então, você é o que gente grande chama de “acidente”?

Caí na gargalhada.

— É, sou, sim!

— Então, por que não te mandaram para um orfanato?

— Ah, meus pais não fariam isso. Não são tão ruins assim.

— Os pais são sempre ruins.

Disse aquilo como uma máxima. Eu me perguntei a que tipo de situação a própria família a estaria submeten-

do e senti um calafrio. Ao mesmo tempo, quis me convencer de que estava diante de uma pirralha mimada que apenas não ganhara uma viagem para a Disneyworld no aniversário.

— E você, também foi um acidente? — perguntei.

— Não. Eu sempre fui Amanda.

Ela apanhou um lápis para olhos e começou a desenhá-la uma barba no próprio rosto.

— Quer brincar de maquiagem?

Por que não? Logo eu estava sentada diante da cômoda enquanto ela pintava meu rosto com toda sorte de sombras e batons. Fiquei parecendo uma prostituta diabólica, mas a mocinha até que tinha talento.

De repente, ela se ergueu e me puxou pela mão.

— Que foi?

Amanda me levou para o corredor e entramos em outro quarto. Ela encostou a porta suavemente enquanto eu observava o recinto. Papel de parede escuro, móveis pesados e extravagantes. Um tanto grotesco, mas luxuoso. Pelo tamanho da cama de casal, logo concluí que era o quarto da dona da casa.

Ela foi direto até o enorme guarda-roupa, abriu uma porta, remexeu no fundo de uma pilha de tecidos e puxou de lá uma garrafa.

— *Vodca*? Por que sua mãe guarda vodca no quarto?

— Festas a dois. Nunca pergunte — respondeu ela, com o olhar de quem sabe mais do que deve. — Você quer?

— Acho que ela não ia gostar.

— Eu quero mais é que ela se dane!

Ela já havia aberto a garrafa e a inclinava de encontro aos lábios quando eu a tomei de suas mãos.

— Tá maluca, menina! Não pode beber esse negócio! É muito forte!

Ela não fez caso da reprimenda. Em vez disso, um sorriso apareceu no meio da barba pintada:

— Então, bebe você, ora essa.

Olhei para Amanda. Olhei para a garrafa. Quer saber? Eu estava com uma mordida na barriga, com o saco cheio e com cara de puta. O resto só podia ser lucro.

Entornei a garrafa e engasguei na hora. A menina gargalhou, deliciada. Eu nunca tinha bebido vodca pura. Resolvi insistir. Se eu exagerasse na dose, desmaiaria e meu tormento acabaria mais cedo. Se não, ficaria apenas alegre ou teria o prazer de vomitar em algum tapete importado.

Lembro-me desse dia como de um sonho etílico. Sempre fui fraca para a bebida. A medida que o álcool penetrava no meu corpo, a criança presa nele saía. Não demorou muito para começarmos a tirar as roupas do armário. Meu corpo não era suficiente para preencher as vestes gigantescas da matrona; mesmo assim, meti-me num vestido branco e num casaco de *minke*, dei várias voltas no meu pescoço com um colar de pérolas e calcei sapatos de salto agulha número 39. Amanda envergava um terno do falecido pai, a gravata de nó frouxo no pescoço, as mangas do casaco e as pernas das calças dobradas várias vezes e um cachimbo enorme pendendo dos lábios de querubim.

Agora, éramos travestis. Parei por um instante, olhando fixamente para Amanda. A visão daquela linda menina vestida de homem, o rosto pintado, os cabelos

cruelmente tosquiados, era perturbadora. Um ser de dois sexos que não pertencia a nenhum deles.

Esses pensamentos me provocaram mal-estar. Eu ia sugerir que colocássemos tudo de volta aos seus lugares e esquecêssemos aquela brincadeira boba. Mas ela apanhou uma caixa de música da cômoda da mãe, abriu-a, revelando uma bonequinha de capuz vermelho, e deu corda. O ritmo da canção me soou familiar. Eu lembrava de tê-la ouvido quando criança sob os versos:

Quem tem medo do Lobo Mau, Lobo Mau, Lobo Mau?

Quem tem medo do Lobo Mau? Lobo Mau!

E a boneca de vermelho girava, muito trêmula. Parecia que o Lobo Mau estava mesmo na minha cola naquele dia.

Amanda ficou de pé sobre a cama para alcançar a minha altura e começou a me conduzir numa valsa desproporcional. Não sei por que aquilo era tão divertido e bizarro. Ela se desequilibrou e caiu sentada na colcha de veludo. Eu subi, ergui-a pelas mãos e começamos a pular como numa cama elástica. Logo caímos juntas, rindo e resfolegando.

— Doe quando meu irmão mordeu sua barriga?

Ergui a cabeça para olhar para ela.

— Como é que você sabe que ele me mordeu?

— Eu vi quando você estava trocando de roupa, ora essa! — respondeu ela, com a certeza absoluta das crianças.

— Ah, é! — suspirei. — Sabe, ele até que seria bonitinho se não fosse doido de pedra. Desculpe, hein.

— Não, ele é doido de pedra mesmo!

— E você é outra!

Ríamos muito, sem razão alguma, a não ser o fato de eu estar bêbada e de ela não ter mais que dez anos. Possível apenas na embriaguez dos sentidos ou na inocência da juventude, a sensação de não precisar de sentido, objetivo ou compostura era altamente sedutora. Eu me entregava a essa sensação com a convicção de um kamikaze.

A música começou a ficar cada vez mais lenta, a corda acabando.

— Eu odiava essa historinha — disse Amanda.

— É meio boba, né? A Chapeuzinho saindo do estômago do lobo e tudo...

— A Chapeuzinho teria que ser idiota pra achar que um lobo de pijama era a avó dela. Até parece! Ela sabia que era o lobo. Ela queria mesmo é ser devorada.

— Hum... acho que essa versão da história não era para crianças.

— Se ela fosse esperta e quisesse se defender, teria um canivete ou um *spray* de pimenta naquele cestinho de comida. Chapeuzinho Vermelho não queria escapar coisa nenhuma e ficou louca da vida quando o tal caçador, leñhador ou sei lá quem chegou lá e estragou tudo!

— Amanda, quem falou isso pra você?

— Ninguém me falou. Qualquer um pode ver.

Ela se sentou na cama. Seu olhar era perverso demais para sua idade. Mas, pensando bem, tudo nela era perverso demais.

— O que você ia pensar de uma menina que entra sozinha no bosque cheio de lobos com uma roupa toda vermelha? Ela está é querendo chamar atenção. Nenhuma menina faz isso se não quiser ser devorada. E tem uma idade em que as meninas querem mesmo que alguém as *coma*, não é? Por isso mesmo é que você entrou no bosque

com o Mateus. Ele é o lobo e você é a menina assanhada de vestido laranja. Você estava doidinha pra ser mordida!

Menina louca! Como sabia que aquilo tinha acontecido no jardim? E como é que tinha o atrevimento de falar comigo naquele tom?

— Quer saber, Amanda? Saco cheio. Tchau mesmo.

— Não!

Ela gritou tão alto que me assustou. Correu para a frente da porta e ficou de costas para ela, olhos arregalados e suplicantes colados em mim. Mas minha paciência era curta e ela tinha me irritado.

— Não vai embora. Você é minha única amiga.

— Eu volto outro dia — menti, aborrecida.

— Se você ficar, eu vou ser boazinha.

— Anda, sai da frente.

Em vez disso, ela me abraçou pela cintura, colando a cabeça na minha barriga. Sua voz era de choro, talvez genuíno, quando falou:

— Me leva com você. Não quero ficar aqui sozinha. Eu não sabia se a repelia ou se a consolava.

— Tá, tá, chega de choro. Pára de chorar.

Ela ergueu os olhos para mim. Eram pretos como os da mãe. Estavam brilhantes de lágrimas. Mas, subitamente, pareceram severos. Sua voz saiu com firmeza inesperada.

— Você não chorou quando seu irmão morreu, não? Empurrei-a. A vodca fizera de mim uma mulher menos inibida, mas não menos coerente.

— Eu não disse pra você que tive um irmão.

Juro que seu rosto se encheu de uma maldade demoníaca quando ela continuou:

— Você ainda sonha com ele? Ainda acorda no meio da noite vendo aquela carinha toda queimada? E será que ele aponta um dedo torrado pra você pra mostrar que a culpa foi sua?

Eu não mandei minha mão se mover. Mesmo assim, ouvi o estalo quando ela atingiu em cheio o rosto de Amanda. Em um instante eu estava fora do quarto, sem parar para pedir desculpas ou ver se ela ia chorar. Mas eu a ouvi do corredor, e ela gargalhava.

— Churrasco de irmão, churrasco de irmão...

Fora do quarto. Risadas atrás. Lágrimas à frente. Comecei a soluçar. A pintura derretia no meu rosto. Derubei o casaco de pele no chão. Atordoada. Escorada na parede.

Diaba. Maldita. Como ela podia saber?

As alças do vestido largo escorregaram dos meus ombros. Eu tropecei nos sapatos enormes. Caí. Não parei mais de cair.

Já fazia tantos anos que eu nem me lembrava mais...

Mentira. Eu nunca me esqueci. Conseguiram mascarar a recordação, mas não apagá-la. Varreram a sujeira para debaixo do tapete. Minha sujeira. Mas como eu ia saber? Não passava de uma criança. Só tinha dez anos. Você tinha seis. Mesmo assim, eu não devia ter esquecido de virar o botão do fogão para desligar o gás. Coisa de criança. Mas eu devia saber.

Também foi coisa de criança você acender a luz da cozinha sem prestar atenção ao cheiro de gás empesando o lugar todo. Meu Deus, o cheiro, Luís, como é que você não percebeu?

Bastou a fagulha do interruptor buscando a energia elétrica que acendia a luz. O forno explodiu. E a coisa

mais frágil de todo o cômodo, um menininho de cabelos louros, virou...

— Churrasco de irmão...

As pessoas chamam essas coisas de tragédia de família. Os psicólogos disseram que não era culpa minha. Para os orientadores do centro espírita, eu teria de enfrentar um carma negativo nesta vida, mas poderia superar a minha imperfeição praticando o bem e o desprendimento material e coisa e tal. Na igreja, o padre me mandou rezar e disse que me confessar regularmente me faria bem e que Jesus amava todas as crianças e me perdoaria se eu fosse uma boa cristã. Não ajudou em nada no enterro. *Um anjinho que volta para o colo do Senhor. Ele foi para um lugar melhor.*

Será mesmo, Luís? Você está num lugar melhor agora, tocando harpa e se divertindo horrores enquanto trouxas como eu lamentam a sua ausência? Ou já encarnou no embrião de um bebê que está prestes a nascer do outro lado do mundo e que eu nunca vou conhecer? Ou tudo o que você já foi deixou de existir no momento em que o seu coração parou?

Caixão lacrado. Vodca com lágrimas. Eles haviam convencido a todo mundo, menos a mim. Meus pais não me culpavam, mas eles nunca mais foram os mesmos. Nem eu.

Não podia criticados por serem loucos. Eu também era.

— Churrasco de...

— Cala a boca! Cala a boca! Cala a boca!

Eu teria berrado mais alto do que isso, mas a voz não saía. Como nos pesadelos, quando há um inimigo sem rosto apertando o seu pescoço.

Eu me arrastei pelo corredor. A escada era tentadora. Um passo em falso e eu poderia acabar com tudo. Fácil...

Afastei-me da idéia e dos degraus. Minha cabeça latejava. Minha alma também. O final do corredor era escuro. Eu poderia ficar ali até que o mundo inteiro se esquecesse de mim.

A última porta do corredor estava fechada. Girei a maçaneta. Abriu. Que bom...

Era uma alcova de penumbra, carvalho e veludo. Cadeiras diferentes umas das outras com o estofado roído por traças. Papel de parede cor de sangue pisado. Não era o cheiro de mofo que estava me deixando zonha.

Havia uma porta de ferro e vidro colorido. Vi trai de igreja... parecia. Púrpura. Eu não conseguia distinguir os desenhos. Havia um castiçal com três velas acesas. Velas novas; o recinto parecia estar preparado para alguém. Eu queria mais luz, mas tive medo de procurar por um interruptor. Tão zonha. Abri a porta de vidro. Um quarto pequeno. Uma cama de ferro retorcido. Vontade de deitar...

A menina-diabo botou alguma coisa na vodca. Essa foi minha última conclusão antes de tombar na cama.

Eu queria apagar completamente. Achei que havia conseguido quando tudo ficou preto. Mas meus ouvidos continuaram funcionando. Eu sei porque escutei o que *eles* disseram quando passaram pela porta de vidro.

- Demorou muito para fazer efeito?
- Um pouco. Só usei o necessário. Mas aí está.
- Você conseguiu de novo, meu bem.
- Eu sei do que as garotas gostam, mamãe.

— Gostaria que seu irmão também soubesse. Ele quase estragou tudo.

— Perdão, mamãe.

Eu queria abrir os olhos, mas não conseguia. Mesmo assim, reconheci as três vozes.

— Ela é cor-de-rosa. Por causa do sol.

— Gosto quando elas são rosadinhas... Apaguei.



Meu despertar foi lento. Meus sentidos estavam embotados; durante alguns minutos, vi o mundo através de uma fila de véus que foram sendo retirados, um a um, dos meus olhos, e eu comecei a enxergar com clareza.

Ainda estava tonta. Minha língua estava amarga e desejei como nunca uma escova dental. Comecei a tremer. Percebi que a temperatura baixara muito; talvez já fosse de madrugada, quando sempre é mais frio. Ah, sim. Eu também estava nua. Vodca com sedativo. Para quê?

Eles haviam chegado perto de mim? Havia me *tocado*?

Tentei me levantar. Meu corpo todo doía estranhamente. Absurdamente. A medida que recuperava meus sentidos, ia percebendo que essa dor se concentrava em focos. Um deles era junto à dobra do meu braço direito, exatamente onde se enfia a agulha num exame de sangue. Outro era num local estranho, nas costas, abaixo da escapula esquerda. O último era na parte interna da coxa direita. E em cada um desses pontos havia um curativo feito de gaze e esparadrapo. Arranquei o curativo do braço com cuidado. Um novo hematoma. Bem no meio dele, uma ferida muito pequena. Agulha?

Levantei-me. Perguntas demais em minha cabeça. Meu vestido estava ali, suas alças cuidadosamente penduradas nos braços de um mancebo de madeira negra, e eu o vesti. Meus sapatos estavam junto à cama e eu os calcei. Encontrei minha bolsa na cadeira de veludo. Até a garrafa traiçoeira fora deixada ali, ainda com boa parte do seu conteúdo, um estranho prêmio de consolação. Meti-a dentro da bolsa; sentia-me indefesa e aquilo era a coisa mais parecida com uma arma que eu tinha ao alcance da mão. Esperava não ter de quebrá-la na cabeça de ninguém.

Então, saí em busca de respostas.

Fora do quarto, silêncio. A festa terminara. Fui tateando as paredes para me sentir mais segura na quase completa escuridão. Agarrada ao corrimão, descí as escadas e só no andar de baixo comecei a ouvir vozes. Uma grande porta que ficava atrás da escada, sob os quartos, estava entreaberta. Sorrateira como uma barata, me achei contra a parede e me esgueirei para dentro apenas o suficiente para ver pela abertura um cômodo mobiliado como uma sala de visitas íntimas.

Eles não me viram. O fogo aceso na lareira lançava uma luz dourada sobre suas faces, aconchegando-os no calor. Meus pais estavam sentados num sofá. Branca, a matriarca da casa de loucos, estava numa cadeira com todo o aspecto de um trono. A caçula pervertida estava de pé ao seu lado, como um pajem. Faltava o primogênito mordedor, mas todos sorriam e confabulavam em voz baixa, como amantes.

Consegui escutar o que meu pai dizia:

— Então... vocês utilizam as agulhas porque...

— Os dentes laceram demais a carne. O processo se torna mais lento, mas nós fazemos o possível para evitar o sofrimento desnecessário.

— É muito piedoso. — Essa era minha mãe. Sou maravilhada. Meu coração palpitou. Usaram agulhas em mim para não usar os *dentes*?

— É claro que usamos uma agulha muito especial. — Branca riu e vi que manuseava distraidamente uma agulha de seringa que minha imaginação, no típico exagero dos desesperados, estipulou ser do tipo que se usa para injetar medicamentos em cavalos.

A matrona se ergueu, remexeu a lenha com o atizador e o deixou ao lado da lareira. O fogo crepitou. Ela voltou a se sentar.

— Bom. Podemos começar?

Sem cerimônia, ela puxou para fora do vestido um seio maciço. Parecia carregado, o bico vermelho pronto a amamentar uma cria ansiosa. Em seu olhar havia um convite.

— Você pode ser o primeiro, meu querido.

Cobri minha boca com as mãos para não externar num grito o nojo que senti então. Meu pai, um dos joelhos no chão, inclinou-se para ela e lentamente colou os lábios naquele seio. Ele o sugou, primeiro com cuidado e logo com sofreguidão, as mãos crispadas na roupa da mulher, como se temesse ser arrancado de seu regaço. Os olhos de Branca se fecharam e seus lábios se entreabriram num sorriso involuntário de prazer doentio.

Então, aquele grito me escapou.

Alguém atrás de mim me agarrou pelos ombros e me empurrou para dentro do cômodo até eu cair sentada numa cadeira, bem ao lado do fogo. Era Mateus. Ele

manteve as mãos nos meus ombros enquanto se inclinava, a boca quase colada à minha orelha.

— Sabe essa marquinha na sua coxa? — murmurou. — É minha. Eu escolhi o ponto mais macio do seu corpo.

Meu pai se apartou da mulher, hesitando em me olhar nos olhos, voltando, desajeitado, para o seu lugar. Tirou do bolso das calças um lenço que esfregou nervosamente na boca. Sujo de vermelho. Ele tinha bebido o sangue dela.

Minha mãe suspirou, fitando-me como se eu fosse um mal inevitável. Mas foi a matriarca quem falou.

— Não assuste mais a menina, Mateus. Seja um cavalheiro uma vez na vida. — Ele obedeceu à mãe, afastando-se, enquanto ela se recompunha e me lançava um sorriso condescendente. — Você acordou mais cedo do que esperávamos, querida. Está se sentindo bem? Um pouco fraca, talvez? Vou preparar uma refeição leve para...

— Não quero refeição nenhuma — consegui dizer. — Quero saber que palhaçada é essa *agora*.

Imagine-me ali, parada, estúpida, esperando pela revelação que num piscar de olhos deveria fazer aquela noite parecer prosaica.

— Seus pais estão ficando velhos; quem chega a uma certa idade começa a se preocupar com o futuro, porque o tempo passa cada vez mais rápido. Mas existem certos segredinhos para retardar os anos.

— Você é jovem e lindinha, mas um dia vai entender por que a sua mãe e o seu pai têm que fazer isso. — Ouvi essa frase pela milésima vez na vida.

— Eu não disse que eles eram ruins? Voltei-me; era Amanda quem sorria agora.

— Olhe para mim, Laura — continuou Branca, delicadamente. — Isso. Seus pais a amam. Nunca duvide disso, entendeu? Eles lhe deram a vida. — Sua expressão, agora, era autoritária; eu não conseguia desviar meus olhos dos seus. — O que lhe pedem em troca é muito pouco. Um bocadinho da sua vida. E você nem vai sentir falta.

— Como... como assim, um bocadinho... — Eu não conseguia raciocinar o bastante para formular uma pergunta inteligente. A sala estava abafada com o calor concentrado e eu comecei a suar, também por medo.

Foi Amanda quem acabou com minha dúvida. Ela se sentou ao meu lado, no chão, os braços roliços cruzados sobre as minhas pernas e a cabeça entre as mãos. Disse, com doçura:

— Seu sangue, Laurinha. — Aproximou as pontas do polegar e do indicador, quase tocando-as uma na outra. — Só um golinho, assim.

— Vocês beberam meu sangue.

— Isso mesmo.

— Não, mentira. Mentira. Se alguém bebesse meu sangue, o bagulho que vocês puseram na bebida faria todo mundo desmaiar também.

— Um sedativo não faz efeito em nossos corpos como faz no seu, querida. Somos pessoas muito melhores do que já fomos — disse Branca. — Eu sei que é difícil para você compreender o quanto somos... *peculiares*. Mas olhe para mim. Eu pareço ter sessenta anos? Talvez quarenta? — Riu com gosto. — Algumas poucas gotas de um sangue jovem e vigoroso como o seu e oferecemos a esse atormentado casal de meia-idade que são seus pais alguns anos a mais de juventude. Você não acha que é um preço justo?

Olhei para meus pais. Pareciam intimidados, talvez envergonhados. Mas minha mãe recordou mais uma vez tudo o que eu lhe devia como filha e me encarou como a galinha fita a minhoca.

— É verdade. Você pode não entender agora, mas... — Ela se aproximou de mim e apertou minhas mãos, julgando assim poder transmitir seu entendimento para mim. Sua voz ganhou um tom de alegre confiança: — Eles *não estão mais envelhecendo*, Laura. Sabe lá o que é isso? Jovens para sempre. Imagine nunca mais ficar doente, não ter cabelos brancos, não precisar repor hormônios. Nós podemos ser assim também. Não seríamos exatamente como eles, entende? Eles nunca poderão desistir do que são, mas nós podemos fazer isso a qualquer momento, quando quisermos. É só parar de beber. Não seria ótimo decidir *quando* e *quanto* você quer envelhecer? Você gostaria disso, não gostaria?

Respirei fundo e engoli em seco. Perdera todo o meu costumeiro dinamismo verbal. Olhei para Branca, que sorria. Seus dentes eram tão claros. Tão claros e pontiagudos.

— Você tá querendo dizer — gaguejei — que eles são imortais?

— Isso, meu bem!

— Eles pararam de envelhecer e podem fazer com que a gente também não envelheça e pra isso eles têm que beber o sangue de alguém... e a gente tem que beber o deles?

— Sim, sim.

— E vocês escolheram dar o *meu* sangue pra eles.

— É importante que seja de alguém jovem e saudável. É igualzinho a doar sangue no hospital. E você não sentiu nada, sentiu?

— Vocês já sabiam disso antes de nós virmos pra cá?

— Mas é claro que sabíamos. Foi por isso que viemos. A festa era só uma desculpa, boba!

Eu não acreditava nas palavras que estavam na ponta da minha língua.

— Mãe... mãe, isso é loucura, eles são *vamp*...

— Psiu. — Ela selou meus lábios com o dedo indicador. — Quieta. Nós *não usamos* essa palavra.

Olhei ao meu redor e todos assentiram. Meu pai se aproximou também. Fechando o cerco.

— Agora, você tem que prometer não contar nada do que está acontecendo aqui a ninguém — explicou. — Isso é um segredo muito valioso. Não, não chore...

Eu não queria chorar, mas meus olhos estavam úmidos e as lágrimas começaram a escorrer, deixando rastros pretos no meu rosto.

— Pai. Mãe. Isso não vai trazer o Luís de volta.

— Ninguém está falando do Luís, filha...

— Isso é errado, só pode ser, vocês sabem! Minha mãe me incinerou com os olhos.

— Errado? Errado seria eu ter que ficar velha, enrugada, doente e inválida quando posso continuar linda e jovem!

— Laura... nós não queremos morrer!

— Todo mundo morre, pai. — Minhas pernas estavam bambas, mas eu me levantei mesmo assim. — O Luís morreu. Eu vou morrer. Vocês, também. Porque eu não vou me vender pra um bando de v...

— Cale-se!

O choque da palma da mão da matrona contra minha face me fez perder o equilíbrio. Só por me apoiar na lareira é que não caí no chão. Meu pai quis me amparar. Eu o rejeitei aos trancos. Minha face esquerda ardia e eu a protegi, por instinto, com uma mão. Mas, com a outra, segurei firme o que sem querer alcançara: o atizador de fogo.

— Isso não era necessário, Branca — murmurou minha mãe.

— Há palavras que proibimos nesta casa. Sua filha nos ofende, gritando-as contra nós — a gorda serpente sibilou. — Avaliem o que estamos lhes oferecendo. O mínimo que exigimos em troca é um pouco de respeito!

Não pude prever o que aconteceu então. Eu me apoiava na lareira, apertando o atizador. Então, pisquei. Não pensei. Quando abri de novo os olhos, havia girado o corpo e acertado a cabeça da megera com o ferro. Ela foi ao chão. Um vergão vermelho marcou seu rosto da têmpora até o queixo. Não se ergueu mais.

Não sei se tal golpe seria capaz de matar uma pessoa ou uma criatura daquele porte. Nem tive tempo para refletir sobre isso. Amanda gritou — um grito de estourar os tímpanos — quando o corpanzil de sua mãe desabou. Ela correu, ajoelhando-se ao seu lado. Fez-se um momento de silêncio em que o ar pareceu tornar-se sólido e prendi a respiração. Os olhos pretos da menina que há pouco me adorava se encheram de um ódio selvagem.

— Ela machucou a mamãe, Mateus — rosnou. — Mata ela! *Matai* Ele veio para mim feito uma bala humana. Mais uma vez, fechei os olhos, tudo ficou negro e Deus guiou minhas mãos — ou o diabo o fez. Pois, quando

voltei a ver, minha arma improvisada estava em riste, cravada, feito Excalibur na rocha, no estômago do rapaz bonito que gostava de morder barrigas. Ele estremeceu, caiu sobre um joelho, depois outro, e tombou de lado, olhar fixo em mim, lábios abertos em muda maldição, mãos crispadas sobre o ferro que penetrava sua carne.

Naquele momento, eu me alheei ao calor da situação; fui ao extremo da insensibilidade, anestesiei minhas emoções e tornei-me fria como a morte premeditada. Só assim pude pensar com clareza em lugar de, como Amanda, gritar e sacudir o irmão caído, ou, como minha mãe, balbuciar, em choque, o nome de todos os santos que conhecia.

— Corre daqui, pai — disse ao único ali que parecia ainda lúcido. — Leva a mãe com você que eu vou atrás. Anda, vai, vai, *vai!*

As pernas de minha mãe eram geléia e ele foi forçado a arrastá-la, mas não questionou a ordem.

Olhei ao meu redor. Branca não se movia e Mateus parecia desmaiado, mas Amanda desaparecera. Melhor ainda.

Agora, imagine que eu tinha sobre o meu ombro direito uma miniatura de mim mesma em vestes brancas, com asas de pombo e auréola, e no esquerdo, uma versão de mim num colante vermelho, brandindo um tridente. A primeira me diz que a vingança é inimiga da virtude e que a Providência se encarrega de punir os maus. Já a outra me diz que, para quem consegue viver com a morte de um irmão na consciência, liquidar um punhado de doidos perigosos é sopa no mel.

Tirei a garrafa de vodca da bolsa e esparramei seu conteúdo por sobre os móveis, pelo tapete, até chegar à

lareira. O fogo fez um som gostoso quando saltou para o chão e começou a correr. De novo, o fogo. Acho que ele nos persegue, Luís. Ou somos nós que o perseguimos?

Saí em busca de meus pais, que acabavam de cruzar o salão principal e se aproximavam da ante-sala, rumo à saída. Logo, tudo aquilo seria esquecido, pensei por um instante. No momento seguinte, meu pai estava caído, uma coisinha raivosa colada ao seu corpo, guinchando e chutando e arranhando. Minha mãe gritava e chorava, escarrapachada no chão.

Arranquei a coisa de cima dele, puxando-a pelos cabelos. Meu pai sangrava na base do pescoço. Gritei quando aquele rostinho se voltou para mim, transformado na pavorosa carranca de um monstro-criança. Amanda tinha uma faca e desferiu um golpe que cortou superficialmente minha face esquerda. Segurei seus pulsos para impedi-la de golpear novamente, mas ela fechou as mandíbulas no meu braço. Delicadas. Incrivelmente fortes. Ainda supliquei aos berros, estupidamente, que meus pais fugissem. Quando a sobrevivência urge, o macho e a fêmea mais dedicados podem abandonar uma cria defeituosa ou sem chances de subsistir. Os dois provaram isso ao me obedecer.

O fogo, feliz com tanto material para consumir, acenava, cobiçando as cortinas do salão. Tive o impulso de atirar a pequena fera na sala que ardia. Em lugar disso, cedi à tentação igualmente mórbida de empurrá-la contra a parede. De novo, de novo, de novo e de novo, até que ela parou de se mexer.

A mãozinha ficou frouxa no cabo da faca pequena, dessas que se usa para descascar frutas. Lembro-me de ter depositado o corpo no chão. Fitei o file te vermelho que

surgiu entre os cabelos negros e coleou vagaroso pela pele rosada da testa. Acho que dobrei meus joelhos junto ao corpo e os abracei com força, embalando-me. Amanda podia estar morta ou desmaiada. Àquela altura, não fazia diferença.

— Não é uma criança, não, não. Bicho, monstro, coisa infernal — peguei-me repetindo, empenhada em convencer a mim mesma de que nada fizera de errado. Eu não havia ferido uma menina inofensiva, mas exorcizado um demônio em forma de gente. O horror rastejava num canto da minha mente, pronto a tomar conta de tudo. Só eu sei a persistência com que ele freqüentou meus pesadelos durante anos seguidos.

Mas, naquela hora, tentando me concentrar na necessidade de deixar o lugar, contive meus soluços e me ergui. Respirei fundo. Pus um pé na ante-sala. Antes que pusesse o outro, fui esmagada contra a parede pelo peso de um corpo conhecido.

— Sempre te pego de surpresa — falou Mateus.

Senti o calor do sangue que escapava do buraco em seu ventre empapando minha roupa. Apesar do ferimento sério, ele estava de pé. Minha resistência se foi; comecei a chorar timidamente.

— Eu gostei de você, Laura. Tão prepotente e desregrada no seu vestidinho laranja. Só o diabo sabe o que você faz quando um rapaz se interessa por você, não é? Poderia ter acertado meu coração de uma vez, cravando uma estaca bem no meio dele, *assim!* — Solucei quando ele lançou a mão fechada contra meu peito, como se nela estivesse a estaca, mas detendo o gesto antes de me ferir. — Aí, eu saberia que era amor. Mas você não ama coisa

alguma, ama? Seus pais não te ensinaram isso. Eles só souberam amar a si mesmos. Coitadinha de você.

Ele falava com audácia, mas eu percebia o estremecimento em seus membros e em suas palavras; de alguma forma, ele estava ficando sem forças. Eu supunha que uma pessoa normal não seria capaz de se levantar e conversar calmamente depois de ter o abdome perfurado por uma haste de ferro. Mas Mateus, como eu temia, não era normal.

— Larga de mim — implorei. — Eu quero ir embora!

— Você machucou minha mãe e minha irmã. Pode até ser que elas estejam mortas. Eu vou morrer daqui a pouco. Nem saber que destruiu toda uma família feliz comove esse seu coração de lápide?

— Quero mais é que você vá pro inferno! — berrei, repelindo-o com minhas mãos, meus pés e todas as minhas forças.

Ele cambaleou. Vacilou. Era a minha oportunidade. Saltei para a sala e peguei a faca do chão. Faltou-me coragem; não avancei. Ele veio sorrindo.

— Você nunca vai ser capaz de entender o que nós somos, não é? — sussurrou ele. — O que *you* poderia ter sido se usasse um pouco essa sua cabeça oca. Pode ter me ferido, mas ainda não me matou. Para sobreviver, preciso devolver ao meu corpo o sangue que você derramou. Eu posso tirar esse sangue de você e não vou me preocupar em te deixar viver depois disso. Tem que passar por mim para sair daqui e vai acabar direto nos meus braços. Por que não usa essa lâmina para cortar sua própria garganta? Pode acreditar... vai doer menos do que o que eu vou fazer quando te pegar.

Considerarei a idéia. Mas, depois de resistir como resistira até ali, a rendição era uma alternativa ridícula. Eu ainda tinha lágrimas nos olhos e respirei fundo antes de responder:

— Vem pegar.

Ele deve ter reunido o que lhe restava de força para investir novamente contra mim com a obstinação de um touro. Mas, em lugar de cair direto na ponta da minha faca, ele se desviou no último momento, agarrando meu pulso. Gritei. No momento seguinte, eu estava no chão, sentindo o peso do monstro sobre mim.

— Não pode me pegar de novo com esse truque, meu bem — rosnou no meu ouvido. Uma de suas mãos prendia a minha, que segurava a faca, enquanto a outra me puxava os cabelos. Minha garganta estava inteiramente exposta e ele pareceu fascinado pelo movimento que eu fazia enquanto arfava. — Quieta. Assim. Agora...

Foi sua vez de gritar quando usei minha mão livre no ferimento em seu ventre. Empurrei fundo, tanto quanto podia diante do nojo e do pânico. Ele se dobrou sobre mim e, em sua agonia, me soltou. Usei a arma de Amanda, sem ver onde acertava.

Desviei o olhar do corpo contorcido com a faca enterrada na garganta. Mas fitei-o por tempo suficiente para formar mais uma nítida imagem recorrente em minhas futuras noites de sono. Meu rosto estava borrado de maquilagem e sangue. Meu vestido estava vermelho.

Atravessei a sala. Passei pela porta. Estava fora.



O que se seguiu a isso são imagens que pulsam na escuridão das minhas lembranças. Não me lembro de ter ido para o pronto-socorro. Lembro-me, porém, de minha mãe, o sangue-frio já de volta às suas veias, dizendo que o arranhão em meu rosto e o corte entre o peito e o pescoço de meu pai haviam sido obra de um cão temperamental. Os médicos não eram burros. Mesmo assim, fomos aconselhados a sacrificar o animal.

Não me lembro da minha cama na madrugada, nem do meu sono, se o tive, nem de termos recebido alguma visita da polícia ou visto manchetes sobre uma mansão incendiada nos dias seguintes. Parece que o mundo me fez o favor de apagar tudo o que aconteceu naquela noite.

Na mesma semana, pus tudo o que eu possuía numa mala. Não sei se o fiz por causa dos meus atos naquela noite ou se por causa dos atos deles. Mas encará-los — sabendo que era minha culpa não haver outro filho naquela casa e que eles eram capazes de vender sangue do seu sangue por um pouco de juventude — tornou-se insuportável. Saí do estado com minhas poucas economias e nunca mais os vi. Minha vida depois disso é outra história.

Também não voltei a ver *gente* como a da casa dos loucos e, até hoje, aquela parte de mim que crê numa força superior reza para que isso não aconteça.

Deixo estas confissões ao pé da sua lápide, Luís, numa carta que nunca será lida. Este é o meu tributo a você.

Espero que me acolha sem ressentimentos quando chegar a minha hora.



GIORGIO CAPPELLI

AO PUBLICAR suas primeiras histórias em quadinhos e tiras de jornal, Giorgio Cappelli já exibía suas qualidades como autor flexível e espirituoso.

Não é diferente em *Acerto de Contas*. Nessa aventura, adolescentes confusos e criaturas da noite se confrontam em situações inusitadas. Com admirável sutileza, o autor costura características díspares numa única trama: o suspense à comédia, o romance à crueldade, o dilema da vida à iminência da morte.

O leitor irá se deliciar com o reencontro de elementos clássicos em vestes modernas: o lobo em pele de cordeiro e o diabo não tão feio como o pintam, o herói relutante e a donzela nada desamparada. E descobrirá, nas entrelinhas do texto leve, um significado muito mais profundo: o bem pode triunfar, mas o mal jamais adormece.



ACERTO DE CONTAS

— EM QUE altitude estamos, aeromoça?

Tantas e tantas vezes escutara a frase que há algum tempo já vinha pensando, seriamente, em mandar gravar sua voz em vários idiomas; quando a ocasião se fizesse oportuna, só teria o trabalho de sacar um *CD player* da bolsa e acionar o aparelho. Nunca levou a idéia avante, porém; adorava a parte de sua profissão em que precisava ser atenciosa e simpática.

A autora da pergunta tinha entre três e quatro anos, cabelos longos, escuros e cacheados, e olhos pretos muito espertos. Sentava-se do lado da janela do avião, com um adulto ressonando baixinho na poltrona próxima ao corredor.

— Uns oito mil metros — respondeu a aeromoça.

— Isso é pouco ou é muito? — insistiu a garotinha, empenhada em parecer adulta.

— Ah, é muito, muito.

— É muito pra gente ou pra anjo?

— Hmm... — fez a aeromoça, invocando algum lugar de sua memória. — Acho que é muito pra gente, mas é pouco pra anjo. Por quê?

— Porque eu vi um.

— Onde?

— Bem ali — retrucou a garotinha, encostando o dedinho no vidro.

A aeromoça, sorridente, abaixou-se até a altura da janela, mais pelo instinto da boa educação e menos pela curiosidade. Lá fora, as nuvens se desmanchavam no escuro do céu. Inúmeros pontinhos de luz muito distantes salpicavam a terra.

Os olhos da aeromoça escancararam-se sem que ela conseguisse evitar. A mão espalmada bateu pouco acima do vidro da janela, recobrando o equilíbrio e salvando sua cabeça de encontrar, logo abaixo, a coxa do passageiro que ainda cochilava. Felizmente. Seria muitíssimo constrangedor se ele acordasse com ela em tal posição.

A surpresa vencera a mulher que, como a criança, não desgrudou mais da janela.

— Um anjo. Viu só? — sorriu a pequena passageira.

Aos poucos, a aeromoça se convencia daquilo que observara. As nuvens brincavam de mostrar e esconder uma silhueta esbranquiçada, de cabeça erguida, cabelos negros e vestes alvas, postada quase à ponta da asa do avião, onde podia ocultar a própria presença. Sua pose remetia incomodamente à de uma gárgula. O frio e o vento fortíssimos pareciam não importuná-la.

Em busca de mais detalhes, ela dissecava com o olhar a estranha aparição. O rosto pálido daquele ser — anjo ou homem — revelava apreensão. Quando pequena, aprendera que os anjos trajavam-se de branco. Mas onde estavam as asas? E, se era mesmo um anjo, por que admi-

rá-lo trazia-lhe tamanha sensação de desconforto no peito?

A aeromoça manteve-se observando a criatura, que teimava em só olhar para a frente. Ela e a menina eram as únicas testemunhas acordadas.

— Estranho um anjo de cabelos pretos, não? — comentou para a companheirinha. Para seu espanto, encontrou-a dormindo profundamente.

Voltou o olhar para fora da janela. A criatura sumira.

Um peso em seu braço a fez gritar de pavor.

— Pe-perdão! — gaguejou o passageiro, puxando a mão de sobre o braço da aeromoça e tremendo de vergonha. — E-eu só queria um ca-cafezinho!

Ela não demorou a notar uma multidão que a admirava sem entender o porquê de seu grito. Uns reclamavam que haviam acordado. Outros comentavam um suposto assédio libidinoso. Risinhos e frases soltas aqui e ali. A voz do piloto pedindo que apertassem os cintos para a aterrissagem desviou a atenção dos presentes. Talvez tivesse sido bem menos embaraçoso se ela houvesse caído de cabeça sobre a coxa do homem que a assustara, pensou, enquanto caminhava pelo corredor estreito do avião.



O edifício que vinha buscando, logo abaixo de seus pés, nunca lhe parecera dos mais altos. Mesmo se não tivesse a visão acostuada pelas prolongadas décadas de vida no escuro, ele teria achado o local; o quadradinho solitário iluminado por uma luz amarelada em um prédio totalmente apagado gritava mais do que qualquer dos ar-

ranha-céus da cidade, desenhados por milhares de janelas acesas e encimados por anúncios pulsando com todas as cores.

Enquanto descia em direção à única janela aberta, no vigésimo andar, experimentou o vento frio beijar-lhe as vestes brancas e elegantes, umedecidas pela longa viagem aérea.

O som de uma respiração fraca trouxe-lhe arrepios. Poucos como ele captavam uma frequência tão baixa. Apressou-se em cruzar a janela. Deu com a sala muito bem organizada de um escritório. A menos de seis passos, um idoso corpulento debruçava-se de lado sobre uma mesa, a olhar para o nada.

Com agilidade sobrenatural, o homem de branco venceu a distância entre a janela e a mesa. Ali, depositou um pacote surgido de dentro de suas roupas. Inclinou-se para alcançar o senhor, tomou-o nos braços e devolveu-o à posição sentada. Quem presenciasse a cena não saberia explicar como um homem pouco alto conseguia erguer alguém bem maior e mais pesado sem esforço e usando de tanta delicadeza.

Aos poucos o velho recobrava a consciência nos braços do visitante. Quis saudado; a voz saiu estremecida.

— Continua o mesmo enjoado de sempre, não? — respondeu o homem de branco. — Tantas doenças por aí e você foi contrair uma para a qual só se acha remédio na Europa!

Sempre gentil, despiu o idoso de seu paletó e arregaçou-lhe a manga da camisa. Sacou do pacote uma ampola e uma seringa descartável com tal agilidade que pareceram ter-lhe brotado dentre os dedos. Aprontou a dose.

Primeiro, a agulha tinha de penetrar uma veia. Depois, empurrava-se o embolo da seringa. O homem de branco concentrava-se para não tremer. Só então administrava o medicamento. Bem devagar, para que o organismo fragilizado pudesse assimilá-lo.

E esperou, com a paciência sublinhada pela ansiedade, até que o idoso se recobrasse. Isso não demoraria. Por toda a vida tivera uma saúde de atleta. Conhecia-o muito bem. Tão bem que podia apostar: a próxima palavra pronunciada seria de gratidão.

A palavra demorava a vir. A cor não lhe voltava às faces. Enquanto mantinha o amigo prostrado sobre seu braço esquerdo, recordando as contingências que firmaram a aliança entre seus destinos, o homem de branco temia pelo pior.



Na tão aguardada noite em que finalmente ele teria uma oportunidade de ficar a sós com sua escolhida, o garoto grandão de camiseta preta e cabelos crespos castanho-claros presos no rabo de cavalo conheceu que *um lugar legal, um pusta som* não descreviam o prometido por inteiro. A festa se desenrolava num extenso gramado; luzes ambientais de postes de mercúrio iluminavam mesas e cadeiras de metal espalhadas em grupos. Por ele passavam garotos e garotas de sua idade, roupas extravagantes cuidadosamente escolhidas em brechós. O cheiro adocicado de *marijuana* disseminava-se impune pelo ar. Ao alcance de um soco, um rapaz oferecia a outro um quadradinho colorido que nem com muita inocência ele acreditaria tratar-se de uma bala. Mal chegara e já estava pensando em

dar meia-volta e quebrar um recorde olímpico de atletismo até sua casa. Não pôde fazer isso. No meio da multidão, uma garota chamou-o pelo nome:

— Hélio!

— Stela?

Quase não a reconheceu. As roupas de couro agarradas, revelando curvas até então inéditas, demoliram na hora o conceito de “magrinha” que ele fazia dela. Foi a única boa surpresa da noite. Stela havia colorido o cabelo em mais de três tons, pusera no rosto uma maquiagem que a empalidecia e usava nos lábios um batom negro, algo em que Hélio só reparou pouco antes de ganhar um beijo no rosto.

— Ih, ficou uma marquinha! Parece que você se sujou com carvão!

O rapaz não respondeu.

Stela conduzia-o pela mão através dos participantes. A maioria se vestia com roupas escuras e portava um pretenso ar ameaçador. Só mesmo ela para abrir caminho com educação entre tantas figuras que não davam passagem. Ele não teria tanta paciência e talvez arrumasse uma briga. Pararam diante de uma rodinha de jovens e Stela apresentou uns tipos com os quais Hélio não sentiu vontade nem de conversar.

— Você disse que não conhecia ninguém aqui... — observou o garoto, contrariado.

— E não conheço! Acabei de fazer amizade com esse pessoal. Cê tem fogo, Hélio?

— Não — respondeu secamente, mesmo sem ter a intenção.

— Ah, tudo bem! — disse ela, tirando um cigarro de um maço e aproximando-o da mão estendida de um sujeito com um isqueiro aceso.

E fumava, ainda por cima! A Stela simpática e atenciosa que Hélio conhecia cedia lugar a uma estranha de estilo oposto à do colégio. Que diferença da menina da classe ao lado da sua, que conhecera jogando vôlei, que vibrava quando ele marcava um ponto, com quem trocou tantos e tantos olhares antes de, por fim, começarem a se falar! Onde tinham escondido a garota com quem desde o começo tudo acontecia espontaneamente, que gostava das mesmas coisas que ele, que parecia ter tanto em comum, a única menina que o fazia dar risada?

Hélio tratou de imaginar uma desculpa para arrancar-se com Stela dali. Tanto ela quanto o resto, porém, pareciam fascinados pelo único rapaz da roda que falava. O mesmo sujeito que acendera o cigarro de Stela com um isqueiro. Tão alto quanto Hélio, mas bem menos encorpado. Louro de olhos azuis, cara de bobo, aparentava um pouco mais de idade que os demais, trajava um sobretudo preto e usava luvas.

— ...e se vocês pararem para pensar — dizia, ajeitando os óculos de grau — a religião cristã nada mais é que um ritual primitivo envolto numa aura de sofisticação! Quando Jesus fala, na última ceia, “Tomai e comei, isto é meu corpo que é dado a vós”... É um ritual de canibalismo disfarçado! Todo mundo fica, sem saber por quê, com um tremendo sentimento de culpa e nem percebe! A Igreja está fazendo uma lavagem cerebral nas pessoas há mais de dois mil anos!

— É verdade! — concordou uma das garotas.

— Tudo a ver! — atestou outro rapaz.

Para não cair na gargalhada, Hélio desviou o olhar. Seu humor virou pó ao notar que Stela, embora não apoiasse verbalmente os disparates do loiro de óculos, encarava-o, fascinada.

— E o que dizer, então, da maior tentação de todas as religiões? — observou outro rapaz, de fora do grupo, fazendo todos os olhares da roda se voltarem para ele. Sua face pálida era angulosa e exótica.

Seus cabelos lisos, repartidos no alto da cabeça, terminavam pouco abaixo das orelhas. Vinha caminhando com calma e elegância, segurando uma taça metade cheia de um líquido vermelho. Tinha a voz bastante clara, mesmo com a música ambiente em alto volume.

— A grande tentação — prosseguiu, enquanto ia até os curiosos — que *todas* as religiões pregam para conquistar o maior número de fiéis que puderem.

Por favor, não perguntem! Não perguntem! pedia Hélio, em pensamento.

— E qual seria essa tentação? — indagou Stela. A música abafou o gemido alto de Hélio.

— A promessa da vida eterna — concluiu o desconhecido. — É o ponto comum das religiões. Não há exceção. “Seja bonzinho, faça o bem, e você viverá no paraíso por toda a eternidade.” Agora, e se alguém lhes oferecesse a vida eterna sem que fosse preciso *ser bom*... E aqui mesmo?

Num gesto afetado, entornou a taça e o líquido vermelho sumiu entre seus lábios.

— Proposta interessante a sua... — disse o loiro. — Como é seu nome, mesmo?

— Pierre Delacroix — devolveu o intruso, estendendo a mão direita e pronunciando o nome em um so-taque francês carregado demais.

— Sou Ezequiel. Tudo bem, Pierre? — o loiro de óculos sorriu e cumprimentou-o educadamente. — E quem poderia oferecer para nós essa dádiva da vida eterna? Você?

— Isso depende de quem realmente estivesse disposto... ou disposta... — prosseguiu Pierre, sem largar a mão de Ezequiel e encarando-o ameaçadoramente. — É uma coisa séria.

— Séria, como? — perguntou Stela.

— Até que ponto você daria seu sangue por uma causa?

O loiro puxou a mão. Mostrava-se assustado. Tomou fôlego para a resposta; e um som agudo e repetido, a princípio baixo, começou a crescer. O rosto anguloso e pálido de Pierre empalideceu ainda mais. Com suas sirenes, a polícia avisava estar chegando de surpresa.

Foram precisos poucos segundos para que não se entendesse mais nada. Gritos, correria, mesas, cadeiras e garrafas derrubadas ao chão, atropelos, jovens se espalhando, tomados pelo pânico. Quem sabe por causa da presença de Stela, Hélio não se permitiu o medo. Enquanto os “amigos” dela eram os primeiros a dar-lhe as costas, ele agarrou-a pela mão, correndo para o lado a que menos gente se dirigia.

Atrás deles, vários policiais perseguiam adolescentes, fazendo o uso de cassetetes para impedir qualquer um de escapar. Aos que já tinham desistido da fuga, a polícia premiava com fortes golpes nas pernas e nos braços, sem distinção entre garotos e garotas.

Enquanto a força policial imaginava-se numa grande cruzada contra os tóxicos, Hélio conseguira embrenhar-se com Stela no meio de um bosque.

— Pra onde a gente tá indo? — perguntou Stela, mal conseguindo respirar.

— Se eu não estou errado, esse tipo de parque sempre termina em um muro ou em uma cerca. De lá, a gente consegue escapar.

— E se você *estiver* errado?

— Aí a gente volta lá pros guardas. Tá a fim?

— Não! — respondeu Stela, apressando a corrida, incentivada pelo pavor.

Embrenharam-se no meio do bosque escuro. Apesar de tentarem não fazer barulho, um galho ou folha seca perdidos na grama, quando pisados, não colaboravam. As vozes e barulheira da festa iam cada vez mais longe. As árvores ficaram mais espaçadas umas das outras, até que Stela e Hélio acharam uma pequena clareira. Sorriram. Pouco mais adiante, uma e outra árvore quase encostavam em uma edificação de cimento não muito alta. Havia encontrado o muro que Hélio supusera existir.

— Aquela árvore ali! — escolheu o rapaz — Dá pra pular o muro por ela!

— Tá! — aprovou Stela, esbaforida. — Es... espera só um pouquinho.

Stela nunca pareceu tão frágil aos olhos de Hélio. Não o largou ao apoiar-se num tronco de árvore. Seu olhar cansado trazia um quê de ternura. Com a mão livre, acariciou os cabelos soltos de Hélio. Sorriu. Aproximou-se para um beijo. O rapaz, porém, evitou o contato mais íntimo.

— Que foi? Tô com mau-hálito? — brincou ela.

— Não. É que...

Nem precisou continuar. A decepção estampava-se tão forte no rosto de Hélio que Stela soltou-se, envergonhada. Ambos baixaram as cabeças. Hélio girou devagar em torno de si e se dirigiu ao muro.

— Nada disso! — gritou uma figura de preto que parecia ter nascido da terra diante deles. O jovem de face angulosa que se intrometiera na conversa minutos atrás.

— O que é que você quer, seu mala? — gritou Hélio, bastante irritado.

— Continuar nosso papo — insistiu o intrometido.
— Nosso papo sobre *vida eterna*.

E sorriu largamente, revelando caninos bem acentuados para um ser humano.

— Sim, sim! — aprovou Stela, avançando. — Fale mais sobre isso!

Ela, no entanto, impediu-o de concluir a frase; comprimiu-lhe os testículos com uma violenta joelhada, seguida de uma pancada com o cotovelo no rosto ossudo. O infeliz desabou, batendo a testa na grama e espirrando sangue pelo nariz.

Três fatos simultâneos seguiram-se à agressão: o jovem espancado se contorcia e chorava, Stela ajoelhava para apanhar algo caído e Hélio se recobrava da grata surpresa.

— Trouxa...! — disse Stela, erguendo-se e exibindo a Hélio uma dentadura falsa, com caninos pontiagudos, que acabara de apanhar. — Quer enganar quem com essa história? Logo eu? Só pelo cheiro eu já sago quem é vampiro!

— Olha, eu sinceramente cheguei a acreditar nesse cara! Mas como você soube...?

— Ele não é um vampiro. *Aquele ali*, sim.

Tanto Hélio quanto o rapaz derrubado na grama acompanharam a ponta do dedo indicador de Stela e puderam admirar, incrédulos, um homem descendo dos ares, em pé, roupas azul-marinho de veludo e capa preta um tanto transparente tremulando por obra de uma forte ventania que não soprava até então.

O homem de azul pousou suave. Os fartos cabelos negros para trás não se haviam despenteado. As faces exibiam mais saúde do que as do jovem desmascarado por Stela. Aparentava pouco mais de trinta anos e era mais baixo que Hélio. Na verdade, era pouco mais alto que Stela.

— Vai embora! — gritou a garota, puxando um crucifixo preso a correntes ao redor de seu pescoço e se colocando entre Hélio e o homem.

— Deixa de ser louca! Nós é que temos de ir embora! — bradava Hélio, puxando Stela pelo braço.

O recém-chegado examinou Pierre, ainda caído na grama.

— Suma — ordenou, autoritário mas cavalheiro.

O rapaz ergueu-se e fugiu, apavorado e tropeçando.

O homem que viera do alto caminhou lentamente para Hélio e Stela. Não escondia o tédio pela situação. A garota segurava a base do pequenino crucifixo e esticava o braço ao máximo, aos brados:

— Eu já falei! *Vai embora!*

— Pelo amor de Deus, Stela! — implorava Hélio, desentoando a voz pelo pânico.

O garoto puxava-a para perto de si, querendo levá-la o mais longe possível daquele lugar, mas Stela parecia ter fincado os pés no solo. O homem de azul dava

passos lentos, com a confiança de quem pressente uma batalha ganha.

— Me deixa, Hélio! — rebatia Stela — Se tá com medo, vai embora!

— E deixar você sozinha com esse monstro? Respirando com dificuldade, Pierre corria com uma das mãos no nariz, olhando para trás de vez em quando. Percorrera uma boa distância. Ensaiaava um nova espiada quando um sujeito corpulento de roupas cinzas lançou-se sobre suas pernas e levou-o de volta ao chão.

— Peguei mais um! — avisou, gritando. Três outros policiais chegaram e imobilizaram o fugitivo, que urrava e urrava, esperneando e se debatendo para escapar.

— *Me larga! Me Laaargaaa! Ele vai nos matar!*

Os berros de desespero distraíram Stela e Hélio por um mísero segundo, tempo que bastou para o homem diante deles desaparecer.

— C... cadê o vampirão? — estranhou Hélio.

O aperto forte prendendo os cotovelos de encontro às costelas eliminou suas dúvidas. Surgira entre Hélio e Stela, aprisionando cada um com um braço. Hélio viu que Stela, como ele, tentava se soltar. Inútil. Era o mesmo que querer quebrar um cabo de aço. Como alguém podia ter tanta força?

A capa preta e semitransparente serpenteou sozinha e envolveu os três. Antes que os jovens pudessem reagir, o couro das luvas do vampiro pressionara-se contra seus lábios.

O estômago de Hélio esfriou de súbito. Ao olhar para baixo, surpreso, notou que voavam acima dos prédios da metrópole.

Seus urros de horror abafavam-se nas mãos do vampiro. Stela, furiosa, debatia-se e berrava. Seus esforços produziam tanto resultado quanto os de Hélio. Ninguém iria escutá-los. Iriam morrer naquela noite.

O vento gelado e os minutos de tensão faziam lacrimejar os olhos de Hélio e Stela. Infelizmente, a tensão iria aumentar: à sua frente, novo som repetitivo, indefinível, chamou-lhes a atenção. Um helicóptero crescia veloz até eles. O vampiro percebeu, jogou o próprio corpo na vertical e estacionou no ar.

Conforme a distância encurtava, o helicóptero reduzia a velocidade. Chegou mesmo a ficar parado diante dos três. Hélio pôde enxergar, sobre sua cabeça, as hélices maiores girando e o piloto, cara a cara com os três, bem visível. Falava ao rádio e só olhava para baixo, na direção do heliporto iluminado, alheio aos três corpos flutuando no espaço a seu lado. Nesse momento, Hélio entendeu por que o vampiro usava a capa daquele jeito: ela o ocultava em seus vãos na escuridão.

Ainda sem conseguir deixar de tremer, Hélio avisou-se pairando sobre uma belíssima cobertura iluminada.

Seis pés encontraram gentilmente um piso ladrilhado. O vôo noturno terminara.

Ao mesmo tempo em que a capa escura dançava no ar, revelando as três pessoas que continha, o homem libertou os dois passageiros de seu abraço. Stela, percebendo-se livre, pressionou o crucifixo ainda em mãos contra a carne descoberta do antebraço que a agarrara. A sensação de dor fez o homem de azul saltar para longe. Em pleno ar, girou ao redor de si com graça e caiu, de cócoras, sobre a grade de apoio da cobertura.

Então, a criatura deixou clara sua fúria. A testa esticou e recuou, marcada por sulcos e veias saltadas; as pupilas desapareceram dos olhos, agora esferas avermelhadas e de brilho opaco; o nariz sumia entre duas fendas; a boca aberta, repleta de lanças pontiagudas, quase se retorcia do avesso. Stela sentiu uma pressão no pulso.

— Chega! Não enfrenta esse cara! — ordenou Hélio, voltando a trazê-la para si.

— Essa briga não é sua! Fica fora! — retrucou Stela, transtornada pelo ódio.

— Vem! Vam'bora! — insistiu Hélio — Deixa ele aí! Eu te acompanho até sua casa!

— Eu já estou em casa — respondeu a menina, com a voz chorosa. Hélio segurou a respiração. Pensou que tivesse ouvido errado. A garota deu dois passos na direção do terceiro, ainda de cócoras no mesmo lugar.

— Por que você *sempre tem que estragar tudo?* — gritou para o ser de azul. — Por quê, hein, pai?

Pai?

Os olhos de Stela tremiam, represando as lágrimas. Encarou Hélio. Sem querer chorar na sua frente, atirou o crucifixo de metal no piso frio e atravessou o local com largas passadas. Bateu uma porta atrás de si.

— Quer usar o telefone? — perguntou uma voz masculina. O rapaz virou-se bruscamente, achando que a criatura estivesse ali do lado. Seus ouvidos o enganaram. O homem de azul continuava empoleirado na grade. A capa sacudia a favor do vento e suas feições tinham readquirido contornos humanos.

— Q-quê? — desacreditou o jovem.

— O telefone — continuou, apontando para um antiquado aparelho sobre uma mesa de vidro redonda,

cercada por cadeiras. — Ligue para casa, para seu pai ou sua mãe virem buscá-lo. Ou prefere voltar de táxi?

Hélio observava ora o fone, ora seu suposto oponente.

— Acha que irei atacá-lo? — disse o homem, um tanto ofendido. — Apanhe esse negócio no chão, se isso o deixa mais seguro. Viu o que ele faz em mim... — e mostrou a funda queimadura no antebraço.

O rapaz andou até o crucifixo e, sem desviar o olhar do homem, alcançou o objeto pelas correntes. O suor encharcava seu corpo. Arriscou, então, uma pergunta:

— O senhor é mesmo pai da Stela?

— Sim, mas não pai biológico. Eu a adotei.

— Então é verdade esse lance de que os vampiros não podem mais... Hã...

— Duas coisas, por gentileza... — interrompeu o homem. — Evite o jargão “vampiro” na minha presença. Prefiro ser chamado de “filho da noite”, em respeito a meu amo, que já existia muito antes de essa palavra ter sido criada. E não precisa me tratar por “senhor”.

— Tá — assentai o rapaz.

— Sou Morris. Morris Coercescus. Seu nome é Hélio, não? — perguntou, descendo da grade e puxando as luvas de suas mãos.

— Hélio. Hélio Ramon.

— Bastante sonoro. Hmmm... — fez ele, admirando as próprias palmas das mãos, cheias de pêlos. — Tenho isto desde a minha metamorfose. Jamais soube por que cresce mais rápido do que a minha própria barba.

Durante os breves instantes em que seu interlocutor depositava as luvas azul-marinho ao lado do telefone, Hélio aproveitou para verificar-lhe as mãos.

— Quer conhecer minha casa, Hélio?

— E a Stela?

— Deve ter se trancado no quarto. Ah, adolescentes! Desculpe, não quis ofendê-lo.

Embora achasse a situação bizarra demais até para classificá-la como surreal, o rapaz concordou em acompanhar Morris. Abandonaram a cobertura sem saber que a discussão e a conversa haviam sido presenciadas por alguém nas sombras do prédio mais próximo.

Muito à vontade, Morris apresentou os cômodos do apartamento, um duplex enorme, do tipo um por andar. Os aposentos, todos imensos. Uma das salas era repleta de guarda-roupas forrados de vestes elegantes. Com relíquias bem acomodadas de modo a não perturbar a movimentação das pessoas, a sala de estar refletia o gosto sofisticado de Morris. Poucos quadros ocupavam as paredes. Um deles, o único de um corredor, trazia o retrato de Stela, pintado dois anos antes, de acordo com a data.

— Ela gosta muito de você, Hélio — salientou Morris.

— Hã?

— Stela. Ela fala muito de você. Isso, nas vezes em que conseguimos conversar. Estou impressionado por ela ter conseguido conhecer um rapaz da sua qualidade. Educado, inteligente... Se você visse as amigas e os amigos dela...!

— Eu conheço os amigos dela do colégio. Me parecem bem legais.

— Do colégio? — riu-se Morris. — Ela não está nem aí para os amigos do colégio! Ou devo dizer “colegas”? Stela conheceu uns tipos em suas saídas nos fins de semana que estão me deixando apreensivo.

— Se o senhor... hã, *você* está apreensivo, podia seguir ela de noite.

— Minhas noites são ocupadas, como você deve imaginar. Quando posso, eu a protejo. Quem você acha que chamou a polícia para acabar com aquela festinha de drogados? Cada hora Stela inventa uma dor de cabeça para mim! Sabe qual foi a última?

— Qual?

— Transformar-se em uma filha da noite.

— E isso não é bom? Quer dizer, para você?

— Eu me tornei o que sou por lealdade a meu amo. Ele previu que iriam matá-lo e por isso fez de mim um igual. Uns covardes o enfrentaram ao nascer do sol e eu nem pude ajudá-lo! Depois que o destruíram, deixei passar algum tempo, para que relaxassem suas defesas. Para eliminá-los, tive a idéia de trajar as roupas de meu amo. Minha primeira vítima foi o doutorzinho de nome holandês. Adorei fazer chorar aquele cão! Implorou por piedade, tomando-me realmente por meu amo, a quem julgava não haver conseguido matar! Alimentei-me com metade de seu sangue e o atirei, ainda vivo, numa banheira de ácido. Tive muito prazer em ouvi-lo agonizar lentamente, aos gritos. Os restantes tiveram igual tratamento. Nem ao menos dei tempo a seus filhos de aprenderem a falar!

O rapaz ouvia seu coração acelerado como trilha sonora da narrativa.

— É por isso que eu lhe peço um enorme favor...
— prosseguiu Morris, recuperando a serenidade após reviver momentos que o emocionaram além da conta. — Faça Stela desistir dessa idéia boba!

— Eu... Por que justo *você* seria contra uma decisão dessas? Morris mostrava-se quase intolerante ao responder.

— Você já viu algum artista *querer* que o filho siga a carreira? Algum fumante que não reprima seu vício em um filho?

— Não.

— E por quê? Porque eles sabem a medida de sofrimento. Meu caso é o mesmo! Como disse, eu me tornei o que sou hoje por lealdade a meu amo. Stela não tem nenhuma obrigação nesse nível.

— Acho que entendi... — afirmou Hélio, percebendo a sinceridade de Morris.

— Mas não vou forçá-lo a fazer nada que não queira. Você é livre para recusar. Pode deixar minha casa e nunca mais falar com minha filha, se assim desejar. Está tudo em suas mãos. E para provar que não estou mal-intencionado, veja:

Morris deu dois passos para trás e abriu uma porta. Tocou o interruptor e afastou-se. Pediu para Hélio aproximar-se e observar. O rapaz, cauteloso, avançou, enquanto o homem recuava. E, antes de se colocar diante da porta aberta, Hélio percebeu, naquele quarto bem iluminado, um caixão sobre uma mesa.

— Não mostro a ninguém onde durmo — salientou Morris, sorrindo de modo muito brando. — Se conseguir atender ao meu pedido, ficarei devendo-lhe um favor. E não se esqueça de que poderá contar com minha amizade... *eterna*.

A pura menção da palavra, o rapaz sentiu um frio incômodo no coração.



Narrar aqui a insônia que infestou o garoto após os acontecimentos daquela noite seria óbvio e redundante. Hélio preferira voltar de táxi, que Morris chamou e polidamente ofereceu-se para pagar, obtendo uma educada recusa. O pai de Stela tampouco exigiu uma resposta imediata a seu pedido; a porta do apartamento fechou-se sem que se voltasse a tocar no assunto. Morris avisou Stela que Hélio estava de saída. O quarto da filha respondeu com o silêncio.

Hélio queria poder levantar da cama no dia seguinte sem memória da noite anterior, voltar à rotina dos estudos, da família, fingir que nada tinha acontecido, que vampiros não existiam e se existissem iriam gostar de serem chamados de “filhos da noite”.

Se ela quer virar vampira, problema dela! Não é da minha conta. Não?

Ninguém o forçou a procurá-la, pedir seu telefone, sair com ela. Podia ter deixado para lá, como ocorreu com tantas meninas com quem trocava olhares nos *shoppings*, na saída do cinema, no ônibus, perto da rua de sua casa. Agora, via-se acorrentado ao perigo.

Ela nem veio se despedir quando eu fui embora. Você também não sentiria vergonha se seu pai fosse um vampiro?

...acho que sim...

Por todo o fim de semana o assunto fincou-se em seus pensamentos e não o deixou em paz. Até que Hélio convenceu a si próprio de que evitar a garota para sempre não resolveria. Stela era, sim, de sua conta. Por dois motivos. Primeiro: nem seus pais, que considerava os melho-

res do mundo, acreditariam na história. Segundo, e bem mais importante: se voltasse as costas à garota, teria de conviver com sua covardia para o resto da vida. Não agüentaria imaginar a existência horrível de Stela, obrigada a dormir em um caixão e a matar pessoas para sobreviver, seu lindo rosto deformado pela fúria, como ficara o de Morris ao ser queimado pelo crucifixo. Já decidira: tinha de procurá-la e convencê-la a não aceitar aquele chamado para o mal.

Naquele mesmo domingo, estacionou a bicicleta na calçada defronte ao prédio que visitara na noite anterior. Apoiou o veículo num poste, acorrentou-o e atravessou a rua. Procurou saber de Stela com o porteiro do edifício, que o atendeu pelo interfone sem permitir que entrasse. A garota tinha saído. O rapaz voltou à calçada da frente e sentou-se no meio-fio, sob a sombra de uma árvore. Ficaria ali até que Stela surgisse.

Passaram-se horas e horas em que seus pensamentos e olhares ficaram voltados exclusivamente para a cobertura onde a garota e seu pai moravam. Nenhum movimento nas janelas. Na rua passavam poucos carros e menos pessoas.

Resolveu ousar. Correu até um telefone público e ligou. A faxineira atendeu e informou que Stela estava dormindo. Dormindo! Fugindo dele, isso sim.



Segunda-feira no colégio, Hélio chegou mais cedo, plantou-se na entrada, mas não esperou muito até que ela chegasse.

— Posso conversar com você? — cumprimentou-a, sem jeito. Stela consentiu com a cabeça. Hélio começou a escolher as palavras.

— Eu conheço uma garota... chamada Stela. Ela é divertida... meio doidinha, mas muito legal. Eu gosto de conversar com ela, eu gosto da companhia dela. No sábado... eu vi uma Stela que eu não conhecia.

— Hélio, esquece o que aconteceu. Esquece que você viu meu pai...

— Não é do teu pai que eu tô falando. É de você. De você e daquele monte de idiotas sem cérebro daquela festa. Me responde a sério: você gosta mesmo desse tipo de esquema?

— Eu... eu não sei. Eu tô confusa. Sinto que minha vida é uma mentira. Não sei mais quem é a Stela. Eu quero te pedir um negócio.

Hélio pressentiu que escutaria uma péssima notícia.

— Não me procura mais, tá?

Como qualquer pessoa normal pega em uma situação inesperada, o garoto não conseguiu responder. Ela continuou:

— Não é nada com você. Eu sei que você vai entender. Ontem eu te vi da janela do meu quarto. Quis muito descer pra gente conversar, só que não tive coragem.

— Conversa agora, então.

— Desculpa. Eu não quero envolver você com os meus problemas.

Mordeu o lábio inferior, segurando o choro. Baixou o olhar e saiu andando depressa. Tinha prometido a si própria afastar-se do garoto de quem tanto gostava. Sua

cabeça tentava convencer seu coração de que era o melhor para ambos.

Sozinho no quarto, Hélio lembrava-se de seu diálogo com Morris. Não queria que Stela se tornasse uma “filha da noite”. Confessara sua apreensão pelos tipos com quem, segundo ele, a filha se relacionava nos fins de semana. Estaria falando daqueles idiotas da festa? Ela deixara escapar que sabia reconhecer um vampiro. Como não tinha percebido antes? *Stela está se expondo para achar alguém que a transforme em vampira!*

— Eu não vou deixar isso acontecer! — jurou Hélio, em voz alta. Tinha pouco tempo para se preparar. Pesquisou tudo o que pôde sobre vampiros e como combatê-los. Escarafunchou a casa em busca de um crucifixo. Encontrou um de um palmo e meio. Se o que Stela usava queimara Morris, este faria um estrago muito maior. Antes, tentaria dissuadir a garota de concretizar seu plano. No caso de ter de encarar um vampiro, tinha as defesas preparadas.

— Hélio! — chamou a mãe, no andar de baixo. — Telefone pra você. A Stela.

— Hélio? Tudo bem? — disse a garota, do outro lado da linha.

— Pensei que nunca mais escutaria sua voz! — respondeu, tremendo de ansiedade.

— Queria que você soubesse... Já decidi o que vou fazer da minha vida. Sair da sombra do meu pai. E a única forma de fazer isso é me tornar alguém como ele. Eu... estou ligando pra dizer adeus.

Hélio não conseguiu explicar como manteve o sangue-frio num momento daqueles.

— Se vai te deixar feliz, acho que você tem mais é que ir em frente.

— Que bom que você me entendeu.

— E... já que é assim... Eu... eu posso me despedir de você pessoalmente?

— Eu adoraria.

Três da tarde. Nenhum ser da noite apareceria naquele horário. Hélio teria pelo menos até o pôr-do-sol para rebater os argumentos de Stela. Mais uma vez estacionou a bicicleta defronte ao edifício, respirou fundo e identificou-se pelo interfone. Dali a poucos minutos, um elevador rumava à cobertura levando um rapaz disposto a tudo.

Dois sorrisos iluminaram o ambiente quando Stela abriu a porta para Hélio. Não reprimiram seu desejo de se abraçar.

— Entre! — convidou ela.

O rapaz caminhou até pouco depois da porta. Estranhou que as luzes estivessem acesas tão cedo e logo descobriu o motivo.

— Por que as janelas tão fechadas?

— Estou com um pouco de frio. Quer beber alguma coisa?

— Então você já se decidiu... — começou ele, caminhando pela sala já sua conhecida. — Vai virar mesmo uma vampira.

— Vou.

— Quando vai ser isso?

— Esta noite.

— Seu pai já está sabendo?

— Vai saber depois.

— Não acha que ele merece pelo menos uma certa consideração?

— Ele jamais concordaria com isso. Ele quer me manter presa a ele, como um cachorrinho! Ele não respeita as minhas vontades, meu desejo de ser livre, de ter minha própria vida, minha independência. Tô cansada dele!

— E você acha que a melhor saída é virar uma vampira.

— Me dê um único motivo pra eu não fazer isso.

Era a frase que Hélio aguardava. Puxou Stela pela cintura e beijou-a com muita paixão. Ela não resistiu. E ficaram ali, naquele beijo apaixonado, por vários segundos. Por fim, Hélio afastou-a um pouco de si.

— Foi o melhor argumento que eu podia esperar... — sorriu-lhe a garota.

— Que coisa meiga! — gritou uma terceira presença na sala, fazendo as atenções do casal voltarem-se a ela. — Stela, seu pai não ensinou que não se deve brincar com a comida?

Hélio reconheceu aquele sujeito debochado com roupas vermelhas. Os cabelos loiros e os olhos azuis sem óculos deixavam suas feições menos idiotas: Ezequiel, o rapaz da teoria do canibalismo na Igreja Católica. Por isso usava luvas! Queria ocultar sua real condição, que agora exibia sem pudor, fazendo círculos com as duas mãos bem espalmadas diante de Hélio.

— Que cara é essa? — ironizou Ezequiel. — Esperava o canastrão do Pierre Delacroix?

— Como... como é que ele entrou aqui de dia?

— Eu deixei ele entrar ontem à noite, Hélio, e o escondi. Sem meu pai perceber.

Imediatamente, o rapaz sacou seu crucifixo para enfrentar Ezequiel.

— Uaaa! Que menininho mais valente! — retrucou o monstro, circundando Hélio ao mesmo tempo em que insistia em gesticular exibindo a penugem das palmas.

— Vai... embora! — insistia Hélio, ocultando o horror que sentia. — Deixa a Stela em paz!

Ezequiel se transformou num borrão vermelho diante de Hélio. Um murro vindo da esquerda atirou o garoto no chão e fez o crucifixo voar longe.

— Chega de perder tempo! — rugiu Ezequiel, fitando o adversário caído e atordoado. — Onde seu pai dorme, Stela?

— Você prometeu que ia deixar meu pai em paz! — protestou a garota.

— Não conta, Stela! — gritou Hélio, ainda no chão, tentando alcançar o crucifixo.

A mão ossuda de Ezequiel prendeu-lhe o pulso e o apertou com energia. Hélio trincou os dentes, mas não deixou escapar som nenhum.

— Isso dói muito, não dói? — sorriu Ezequiel, com maldade. — E se dói em você, imagine então nela!

Numa rapidez que os olhos não conseguiam acompanhar, o monstro largou Hélio e apareceu atrás de Stela. Ficara de perfil para mostrar a Hélio como torturava a garota. Mantinha-a com um braço dobrado atrás das costas, torcendo-lhe lentamente o pulso.

— Só vou perguntar uma vez. Bem devagar, para você entender...

A cada palavra, Ezequiel curvava a mão de Stela para trás, chegando ao limite que os músculos podiam suportar.

— *Onde... dorme...*

Hélio estava aterrorizado pelo sadismo de Ezequiel.

— *o...*

Stela vertia lágrimas de dor e arrependimento.

— *pai...*

— Eu mostro a sala! — disse Hélio, louco para que a crueldade com Stela terminasse.

O vampiro largou-a no chão, demonstrando uma psicótica frustração por não ter rompido algum tendão ou músculo de sua vítima.

Hélio indicou a porta. Trancada. Ezequiel arrombou-a com um golpe de mão espalmada. Um vampiro que conhecia artes marciais! Hélio jamais imaginaria algo do gênero.

O debochado Ezequiel cedeu passagem aos dois adolescentes. Stela segurava a mão dolorida e Hélio a mantinha perto de si. Só depois que entraram o vampiro passou, fechando a porta.

— Ah! O esquife do grande Morris Coercescus! Tão poderoso e tão indefeso. Sabe, Stela, estava pensando em transformar você em minha companheira, mas, depois do que fui obrigado a fazer, já vi que você não é de confiança. Serão duas sobremesas esta noite! Mas, primeiro, o sangue de Morris virá todo para mim!

Aberta a tampa do caixão, um trovejar ensurdecedor tomou conta do aposento. Ezequiel foi arremessado, em chamas, contra a parede atrás de si. Hélio e Stela, que se encontravam numa posição lateral, caíram de costas, machucando-se levemente. Ainda atordoados, puderam reparar que o monstro se debatia e rugia de ódio. O torso incendiando, as orelhas esticadas até acima dos poucos cabelos intactos. A explosão o jogara com tal força que ele

havia partido a espinha em três, e sentia isso perfeitamente. Voltou o olhar para Hélio e Stela, o rosto coberto de veias grossas que pulsavam com vida própria. Os adolescentes ergueram-se para fugir, sem notar que o vampiro, com o corpo ainda sendo consumido pelo fogo, tentava fazer o mesmo, apoiando-se na parede.

Um sibilo fez-se ouvir. Mas não vinha de Ezequiel, e sim do alto. O fogo, assim que tocara o teto, acionara um sistema de incêndio, e de vários chuveiros diminutos jorraram generosas quantidades de água.

Enquanto o líquido apenas molhava o casal, o corpo de Ezequiel cobriu-se de bolhas azuladas a brotarem-lhe da pele. A dor parecia não caber na boca que se escancarava além do normal, enquanto pedaços do monstro incendiavam-se ainda mais. Ezequiel ensaiou erguer-se outra vez, não mais desejando alcançar seus inimigos, mas a saída. Para cada metro que se arrastava, mais se expunha à chuva corrosiva que rapidamente o destruía.

— É ácido? — perguntou-se Stela, o terror perturbando-lhe o raciocínio.

— Não — corrigiu Hélio. — É água-benta!

Hélio e Stela presenciaram um esqueleto com pontos de carne e fogo rastejar diante deles, agonizando em direção à saída. A porta abriu-se sem que ninguém encostasse nela. O que sobrara de Ezequiel elevou a cabeça, tentando enxergar o que havia adiante com o único olho intacto.

— Morris... Coer...

Em resposta, o mencionado chutou o resto do inimigo perante si, espatifando-o de encontro a uma das paredes do quarto.

— Saíam, crianças — apressou Morris. — Mas não cheguem tão perto. A água que dissolveu meu inimigo também se faz fatal para mim.

Nem Stela nem Hélio sabiam dizer o que ocorrera. Mas Morris, tão cortês e elegante como sempre, desfez todas as dúvidas.

— Eu disse que nunca mostrava a ninguém onde dormia. Vocês é que entenderam que meu quarto era aqui. Essa história de caixões era fetiche do meu amo.

Diante de uma explicação tão lógica, os dois não puderam conter os sorrisos.

— Espero que você tenha aprendido alguma coisa com isso tudo, Stela.

— Sim, pai.

— Peço mil desculpas a você, Hélio, por tê-lo usado para eliminar Ezequiel. Sabia que você nunca contaria onde ficava meu falso esconderijo, mas que poderia ser convencido caso Stela fosse ameaçada. Devo-lhe a vida dela e a minha.

— Um dia a gente acerta isso... — respondeu Hélio.

— Por que você mesmo não o enfrentou, pai?

— Tenho cento e sete anos como filho da noite. Esse Ezequiel tinha, se muito, cinqüenta. Não perco tempo com imbecis que nasceram ontem! Deixei-o divertir-se porque nunca tive a oportunidade de ver minha armadilha funcionando. Stela, vou sair em algumas horas. Desculpe se não os convido para jantar. Juízo, vocês dois, sim?

Antes que o pai de Stela se afastasse, Hélio deu alguns passos até ele.

— Morris! Espera! Se aquele caixão era uma armadilha, onde, afinal, você dorme?

— Raciocine: como dormem os morcegos?

— De cabeça para baixo.

— Lembra quando mostrei meus guarda-roupas?

— Claro! — assentiu Hélio.

— Então conclua sozinho.

O filho da noite retirou-se. Por poucos momentos, Hélio ficou pensativo. Riu ao achar a solução.

— É claro! Seu pai dorme pendurado em um daqueles guarda-roupas!

Pensou mais um pouco e começou a dar mais risada.

— Que foi? — estranhou Stela.

— Pra ele, a expressão “sair do armário” tem um sentido completamente diferente!

— Bobo! — disse Stela, e abraçou-se a ele.



Frente a frente, o idoso e o homem de vestes alvas ocupavam duas poltronas.

— Sinto-me feliz com sua recuperação, amigo — afirmou o de branco.

— Mais uma vez, obrigado — sublinhou o senhor.

— O prédio todo é seu ou você aluga só esta sala?

— Alugo o andar todo.

— E como é que você conseguiu apagar o resto das luzes?

— O dono deste prédio e eu temos alguns segredos. Ou melhor, *ele* tem segredos e eu sei como usados a

meu favor. Aqueles que pregam a palavra do Senhor deviam pensar bem antes de se aventurar fora de casa.

Um silêncio de cumplicidade foi quebrado pelas gostosas gargalhadas de ambos. O homem das vestes claras esfregou o canto do olho. Na palma da mão, uma espessa penugem se revelava.

— Que velho tratante você acabou saindo! Só espero que com a Stela as coisas estejam caminhando com mais respeito! Para o seu próprio bem.

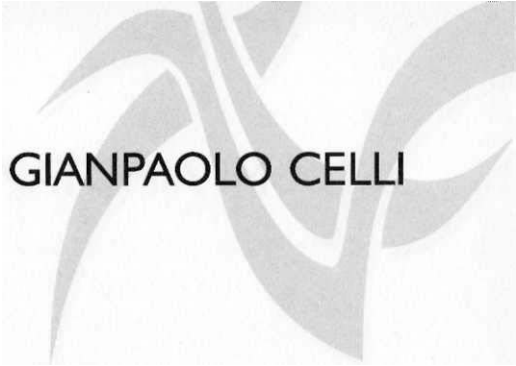
A frase soou num tom indistinto entre a piada e a ameaça.

— Epa! — protestou Hélió. — Não vale mexer no meu ponto fraco! Você sabe muito bem o que eu fui e sou capaz de fazer pela minha Stela.

— *Nossa Stela*. Mas, vá lá, mais sua do que minha.

Morris ergueu-se, despediu-se de Hélió com um abraço e, pela janela, ganhou o céu estrelado. Quantos anos mais restavam ao velho amigo? Afinal, Hélió e Stela não eram eternos como ele. Cedo ou tarde teria de se acostumar à solidão.

Lágrimas avermelhadas rolaram pelo rosto do vampiro.

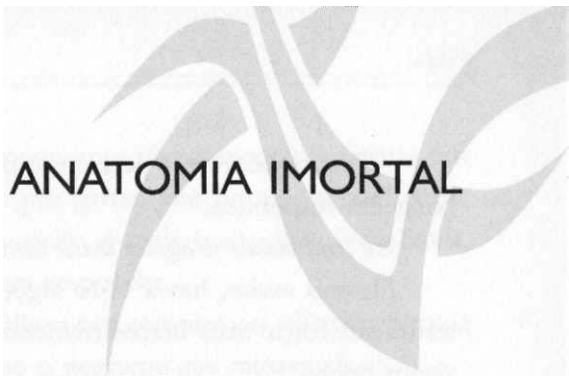


GIANPAOLO CELLI

A ESSÊNCIA PRIMITIVA encontrada na mitologia universal é o ponto de apoio que estrutura todos os escritos de Gianpaolo Celli. Ao ter seus trabalhos publicados na revista Dragão Brasil, ganhou uma visão ampla que aplica com grande mérito às suas histórias, ao mesmo tempo em que consegue ser detalhista em cada um de seus microcosmos.

Nas suas obras, as ações nos dão a percepção exata dos ambientes e movimentos. A trama se revela aos poucos, aguçando a curiosidade, enquanto cuida de manter o leitor sutilmente enredado aos personagens.

A palavra *angústia* pode ser descrita como um sinônimo de *Anatomia Imortal*, conto em que Gianpaolo inseriu doses descomunais de suspense. Ao lermos esta obra, é impossível não nos identificarmos com Anna, absorvendo seu sofrimento e seu desespero, resultantes de sua incapacidade de reação.



ANATOMIA IMORTAL

ANNA acordou assustada. Não se lembrava de haver deitado. Em vão tentou distinguir algo em meio às trevas reinantes. A completa falta de luz, contudo, fazia com que tal coisa fosse impossível até para predadores noturnos, como gatos ou corujas. Mesmo assim, tentou olhar em volta, mas a grossa tira de couro que lhe prendia o pescoço quase fez com que engasgasse.

Tentou novamente, desistindo quando pontos negros surgiram dançando em frente aos seus olhos e uma forte tontura tomou conta de seu ser.

Não conseguia se mexer. Seus braços e pernas estavam presos em mais de um ponto. Largas faixas de couro em volta de seu tórax impediam qualquer movimento. Percebeu que estava completamente nua e presa àquela superfície metálica, nada podendo fazer.

Ainda assim, buscou romper aquelas tiras. Enrijeceu os músculos até a exaustão.

Inútil, notou, sentindo um pânico crescente tomar conta de seu corpo ao se conscientizar de que, quem quer que fosse seu captor, parecia saber muito sobre sua natureza.

Queria gritar, aliviar a tensão que tomava seu corpo, alimentando seus medos.

Não, considerou, seu lado racional falando mais alto. Precisaria daquela energia guardada para fugir dali.

Havia ouvido passos! Ou pelo menos achava ter ouvido.

— Quem está aí? — falou, mais baixo do que gostaria. Jurava ter visto algum sinal de movimento com o rabo do olho.

— Tem alguém aí? — perguntou novamente, agora mais alto. Ninguém respondeu.

Eu teria notado se alguém tivesse entrado, retrucou seu cérebro.

Mesmo assim, havia visto algo, ouvido algo. Novamente testou sua força. Seus braços tremeram de cansaço e medo após algum tempo.

Engoliu em seco. Cada momento ali era uma tortura. A falta de visão e o silêncio faziam com que seus sentidos lhe pregassem peças.

Frio... calor... vento... luzes... movimentos... sons... Não havia nada lá, mas ela via, ouvia e sentia. E a cada sensação seu cérebro respondia com teorias insanas sobre o porque de ela estar ali e quem seria ou seriam seus captores.

— Pessoal?! — murmurou. Queria ter gritado, mas sua voz falhou. Não poderia ser uma brincadeira de seus amigos. Não por todo aquele tempo.

Perfeito demais para uma brincadeira, comentou novamente seu lado racional, impedindo-a de relaxar.

Pensou em chamar seu mestre, mas as palavras morreram em seus lábios. Havia cogitado ser algum teste dele.

Ele nunca faria algo assim, pensou. *Nunca havia feito*, lembrou, evitando que aquele desespero, a cada momento mais palpável, a envolvesse por completo.

O tempo continuou sua jornada inexorável até que seus olhos, vítreos de medo, se fecharam completamente, e a tensão abençoou-a com a inconsciência.



Cãibras terríveis, como se tigres famintos lhe devorassem os músculos, acordaram-na. Ela continuava na mesma posição. Ainda imóvel e envolta nas mesmas trevas. A dor alimentando seu terror e o silêncio fazendo o medo grande demais para ser contido em seu peito.

Eu preciso ser forte, pensou, mas não conseguiu agüentar por muito tempo e terminou por gritar. Por horas ela continuou, esvaziando e enchendo o peito o mais que podia. Não havia, entretanto, ninguém ali para responder.

E, quando sua voz falhou por completo, o silêncio voltou a dominar, onipresente como o negrume que reinava ali.

Por outras sofridas horas, continuou sem sequer conseguir falar. Cada célula de seu ser ardendo enquanto soluços de terror arranhavam impiedosamente sua garganta e lágrimas amargas fluíam copiosamente de seus olhos, mesmo quando novamente ela desmaiou de cansaço.



As lágrimas desceram grossas pela face de Anna quando seus olhos se abriram. Não sentia nada, a não ser o calor febril de seu próprio corpo, que, mesmo sendo

impossível de ver, ela sabia estar inchado e vermelho. Isso, pelo menos, foi o que imaginou quando novamente acordou envolta em trevas. A consciência parecia desligada de seu corpo, como se alguém lhe houvesse desconectado os nervos.

Uma dor aguda em sua barriga a fez voltar ao inferno. Um a um, todos os nervos e músculos começaram a gritar, implorando por movimento, por uma posição diferente.

Aquilo, infelizmente, não era nada. A noção de que algo ainda pior a aguardava gerava uma fobia incontrollável.

— É ruim quando estamos do lado errado do jogo!

A garota quase engasgou de susto. Aquilo não poderia ter sido alucinação. Havia ouvido realmente! Alguém havia falado e estava ali com ela!

Movendo febrilmente os olhos, buscou algum sinal de que não estava sozinha. Sem conseguir, tentou mexer a cabeça, mas a tira que lhe prendia o pescoço mal rangeu ante o esforço.

— Não é verdade?

— Quem está aí? — gritou, apavorada.

— Você nem imagina? — continuou a voz masculina, irônica e algo irritada às suas costas.

— O que você quer comigo? — questionou ela. — Me deixe ir embora!

Por um longo tempo esperou, mas somente o silêncio fazia-lhe companhia.

— Não! — urrou longamente ao perceber o movimento na escuridão à sua frente, o ranger da porta metálica, os segundos de luminosidade e o som da fechadura trancando-a novamente. Aquele pedido de misericórdia

morrendo para dar lugar a um choro convulsivo e desesperado.

Com o passar do tempo, mesmo a dor e o desespero deram lugar à exaustão.



Um arrepio súbito desceu pelas costas de Anna, fazendo-a piscar. O foco de seu olhar voltou do infinito onde havia se perdido. Não se lembrava de ter vestido seu corpete de vinil vermelho, mas ali estava ele apertando-lhe gentilmente o corpo, como uma segunda pele.

Este não é meu banheiro! estranhou, olhando à sua volta e percebendo que sequer estava em casa. Sabia, no entanto, que lugar era aquele. O espelho do camarim do teatro lhe era muito familiar. Um amigo que sempre refletia sua felicidade. Anna sentia-se jovem e bonita e gostava de viver intensamente. *Cada momento de minha existência*, imaginou enquanto passava o batom. Aquela apresentação tinha um significado especial para ela. Era seu aniversário e não importava o quanto seu mestre achasse perigosos seus hábitos mundanos, aquela data ela iria comemorar.

Afinal, não é todo dia que uma garota faz cem anos, sorriu.

A batida pesada da música fazendo o vinil chiar gostosamente a cada movimento seu, cada passo de dança, cada malabarismo.

A platéia estava cheia como ela gostava, cada poro seu formigando com a energia que preenchia o ambiente. E Anna fazia sua coreografia selvagem, dando um *show* de habilidade naquele misto de peça de teatro, circo e apresentação de dança.

Há anos apresentava aquilo com os amigos, lembrou, enquanto dançavam. Não rendia muito, mas pelos menos eles se divertiam.

Mas há algo mais, uma presença, notou, à medida que uma sensação estranha descia-lhe espinha abaixo, amolecendo sua pernas. Concentrou-se. O fogo numa das pontas do bastão que usava circundava-a como uma aura sobrenatural que podia ser mortal.

Bastou virar-se e ela se deparou com aquele estranho sentado exatamente no centro da platéia, os olhos brilhando como chamas de uma caldeira enquanto ele mesmo surgia e sumia ante o espocar da luz estroboscópica que explodia no palco, atrás dela.

É velho demais para estar aqui, diferente demais, percebeu Anna, entre um e outro rodopio, comparando-o com a juventude ao redor, tão misteriosa e ávida pelas trevas que eles mostravam ali. Algo de que gostava de fazer parte. Na verdade, de que fazia parte naturalmente há muito tempo. *Parece duro como aço, frio como gelo,* pensou, sem conseguir deixar de fitar aquele estranho nos olhos enquanto voava no trapézio. Ele sorria abertamente para ela, conscientizou-se, com um misto de medo e curiosidade que há tempos não sentia.

— Oi! — comentou ele, num tom amistoso, assim que os artistas se misturaram ao público da casa, como era de costume.

— Oi! — respondeu ela, sentando no balcão.

— Muito bom. — Ele sorriu, quase como uma criança. — Você é muito talentosa.

— Obrigada... — disse ela, algo encabulada.

— Deve ser difícil manter a concentração assim! — completou ele, aparentemente querendo entabular uma conversa. — Vocês fazem isso há muito tempo?

— Eu diria que há uma eternidade — sorriu ela, em resposta. — E você?

— Sou psicólogo. Estou aqui porque um de meus alunos disse que era bom.

— Você é um professor? — questionou, quase sem conseguir segurar o riso.

— Sim, meu nome é Renato.

— Anna...

— Então... Anna — continuou ele. — Dá pra ver que é divertido, mas dá pra viver só se apresentando?

— Ah... Claro! Isto é, se você não exigir muito da vida. Renato sorriu em resposta.

— É verdade! — continuou ela, algo envergonhada pelo calor que emanava daquele homem. — Pelo menos eu não tenho que ficar indo a um escritório todo dia!

— Realmente! — ele riu. — Mas isso eu também não preciso.

— Mas aposto que você também não ganha lá essas coisas.

— Agora você me pegou! — respondeu ele, levantando as mãos como se ela lhe apontasse uma arma. — Isso sem contar as noites que perco corrigindo provas e trabalhos.

— E você dá aula à noite... — adivinhou ela.

— Parece tão óbvio?

— Um ser noturno reconhece outro — brincou Anna, mexendo sensualmente nos cabelos negros curtos.

— Você bebe algo?

— Deixa que eu pego. Por conta da casa — respondeu ela, chamando o garçom. — O que você vai querer? Cerveja?

— Uísque...

— Hum. Alguém com bom gosto — sorriu ela.

— Agora, vem cá... — falou Renato, após dar um gole em sua bebida. — “Faces do Submundo”?

— É! — comentou ela, um tanto envergonhada. — Nós tiramos as idéias do *show* da Divina Comédia.

— Eu realmente notei alguma semelhança. Mas, vem cá... todos aqueles saltos em meio às chamas... isso não é perigoso?

— A gente se acostuma — respondeu, dando com os ombros. Assim eles passaram quase a noite toda. Sempre que o assunto chegava próximo à sua real natureza, e, estranhamente, não foram poucas vezes, ela conseguia desviar a conversa, normalmente para trivialidades.

É uma pena que eu não possa contar a verdade pra ele, pensou, sem conseguir tirar os olhos da jugular daquele homem, que se tornava dolorosamente aparente quando ele falava. Estava faminta e aquela noite parecia perdida, apesar de ser um alívio encontrar um estranho tão atento às suas experiências. Mesmo assim, olhava constantemente para o relógio.

— Desculpe! Eu terminei estragando a sua noite — comentou Renato embaraçado, ao notada consultando as horas pela quinta ou sexta vez.

— Não é isso — disse ela. Havia achado o professor até que bem charmoso; na verdade, não via nada contra seduzido para que ambos conseguissem o que queriam. — É que eu estou cansada e preciso tomar um táxi para casa — mentiu.

— O que? Não seja por isso, eu te dou uma carona!
— ele respondeu, aparentemente caindo em sua armadilha.

Já no corsa de Renato, ambos ficaram mais relaxados e a conversa tomou um rumo bem mais informal.

— Entendeu? — questionou ela, ao terminar mais uma explicação. O sinal estava vermelho, o carro parado e a face de Anna muito próxima à de Renato. Um magnetismo parecia emanar dele, fazendo-a aproximar-se cada vez mais, lentamente. Os olhos dela já estavam fechados quando ela lhe deu um beijo de língua, longo, úmido e sensual.

O farol alto de um automóvel passando em alta velocidade, entretanto, os fez retornar à realidade.

— Você está tenso! — sorriu ela, enquanto massageava suavemente o ombro direito dele. Fazer o papel de *súcubo*, *femme fatale*, era algo de que gostava.

O bom humor morreu, dando lugar à lembrança, quando ela notou o sorriso crispado e lupino que estampava a face dele.

Esta cidade está longe de ser um paraíso. As palavras de desaprovação de seu mestre surgiram ácidas em sua mente. *E sua atitude não põe só a você, mas a todos nós em perigo.*

Ela mal havia engolido em seco, lembrando que ele dizia que existiam muito mais predadores do que podia imaginar, quando um arrepio desceu-lhe a coluna, tensionando-lhe os músculos das costas, ao ouvir o clangor seco das travas do carro se trancando e um zumbido surdo, mecânico, logo abaixo do seu banco.

Aquilo que estava sentindo não era natural, concluiu ao notar a eletricidade estática em seus cabelos curtos.

— R-Renato... — gaguejou.



Um arrepio selvagem acordou Anna, seus músculos tremendo sem a possibilidade de se moverem. A dor que a inconsciência fizera-a esquecer veio com toda a força, clareando o sonho que há pouco vivenciara.

— Renato! — berrou ela para a escuridão. — Eu sei que é você!

Após um momento o som metálico da fechadura sendo aberta se fez presente.

— Aaah! — gemeu quando a porta se abriu e, no lugar de trevas, havia uma luz branca cegante. Por um segundo achou que seria destruída, mas ela continuava ali quando, minutos depois, seus olhos doloridos e inchados novamente se acostumaram à luminosidade.

— Muito bom! — exclamou a silhueta que ela sabia ser Renato junto à porta. — Só foram necessários três dias para que você se lembrasse. Eu realmente estou tocado.

— O que você quer de mim?

— Você realmente não imagina... vampira?!

A revelação de que ele sabia, provavelmente desde o início, sobre sua natureza causou uma pontada de medo no estômago de Anna.

— Por que você não me mata logo? Seu bastardo! — respondeu ela, num ímpeto de coragem.

— Eu... matar você? — questionou ele sorrindo, chegando mais perto. — Mas por que eu faria uma coisa dessas? Você é a única assassina aqui.

— Foda-se! — foi tudo que ela conseguiu responder. A garganta seca demais para cuspir na cara dele, como gostaria.

— É isso que você faria comigo, não é? — perguntou, malignamente. Ele acariciava o corpo nu da garota com as costas de sua mão. — Não é?! — gritou, esmurrando-a no estômago. — Você, inclusive, deve estar com fome... não se alimenta há três dias! Ou mais, não é? Eu seria seu jantar daquela noite.

— Parece que ela não está pronta para falar — comentou uma voz mais jovem de fora da sala após um prolongado silêncio.

— Alimente-a — respondeu Renato.

A essa ordem, um outro homem, de óculos redondos e um pouco mais novo, entrou na sala. Habilmente introduziu um cateter no braço da vampira e prendeu uma bolsa de sangue próxima a ela.

— Vamos deixá-la “meditar” um pouco mais sobre suas ações — continuou Renato, fechando a porta após a passagem do outro.

— Não! — uivou, longamente. Mas a porta fechou-se, deixando-a novamente nas mãos de seu desespero.



Sem que tivesse percepção do tempo, foram mais dois longos dias e duas intermináveis noites que ela passou sozinha, completamente imóvel.

Ninguém nesse período visitou-a, a não ser o pânico, a dor, a alucinação que continuamente pregava-lhe peças e pesadelos sobre o que a aguardava no futuro.

Em sonhos, seu corpo desceu lentamente numa tina malcheirosa e liquefez-se agonizante em ácido; ela foi deixada à noite no deserto, incapaz de se locomover, e

ficou gritando enquanto esperava o amanhecer chegar e desfazer sua pele, sua carne, sua alma; foi entregue a hor-
ríveis bestas inumanas que a espancaram enquanto faziam
de seu corpo um brinquedo para saciar seu sadismo.

Foram eras de desespero que sempre terminavam
com ela gritando para o vazio, seus músculos fatigados
pela tensão incessante.



Mas novamente a porta de aço se abriu.

— Agora, você está pronta para me dizer o que eu
quero saber? — indagou Renato.

— O que você quer de mim?

— Respostas. Me dê o que eu quero e talvez você
sobreviva.

— Tudo que quiser — falou a vampira, submissa,
fechando os olhos.

— É assim que eu gosto! — sorriu ele, fechando a
porta de metal e ligando as luzes da sala. — Quantos anos
você tem?

— Vinte e seis.

O estalo do esbofetear na cara de Anna ecoou nas
paredes vazias.

— Não é isso que eu quero saber! — falou com
uma calma venenosa. — Quantos anos você tem?

— Cem anos de existência... — respondeu a garota,
resignada. — Vinte e seis de vida!

— Cem anos... — repetiu ele. — Você nasceu en-
tão em 1904... e tornou-se uma vampira em 1930. Inte-
ressante. Como você se transformou?

— Eu não sei!

— Como assim, não sabe? — questionou irritado, novamente estapeando-a.

— Eu fui atacada e simplesmente acordei — gritou ela em resposta.

O silêncio do professor pareceu tão ameaçador que Anna chegou a fechar os olhos, esperando outro ataque. Renato, porém, somente suspirou.

— Fale-me sobre seus poderes.

— Tenho força... — começou, mas foi interrompida por um novo soco no estômago.

— Eu estou avisando... criatura! — exclamou, o indicador em riste e um brilho feroz nos olhos. — Continue assim e seu destino será bem pior do que a destruição!

Ela, entretanto, não respondia. O pavor do quão negro e duvidoso poderia se tornar seu futuro congelara seus músculos totalmente.

— Boa noite! — disse ele, e então novamente caminhou para a porta de aço, apagou as luzes e se foi.

— Não, espere! — Anna gritou, desesperada com a idéia de ficar mais uma noite toda presa àquela mesa, consciente, mas sem nada poder fazer. — O que você quer de mim?! — a garota urrou para o vazio, chorando. — Seu filho da puta!

Mas sua única resposta foi o silêncio.



— O senhor acha que ela irá ceder? — perguntou André.

— Isso, na verdade, não interessa. De uma maneira ou de outra nós aprenderemos com ela.

— Professor, o senhor não acha que mais de nós deveriam estar trabalhando nela? — ousou dizer o assistente. — Senhor... — terminou, tentando não parecer insubordinado.

— Não se preocupe, André. Eu sei que vampiros são difíceis de se capturar e que ela é a primeira desde o final do século XVIII. Relaxe — sorriu. — Todos teremos o que desejamos no final... a Ordem... e eu.

— Sim, senhor.



Mesmo que ignorasse o fato, aqueles oito dias e noites que passara imobilizada à mesa de metal já faziam o efeito que era esperado na vampira. Sem que sequer soubesse quem eram seus captores ou o que queriam dela, Anna estava fraca e amedrontada como nunca antes em sua existência. A dor, que, apesar de atroz, antes era até uma amiga, pois provava que não havia morrido, agora era uma lembrança amarga de que o objetivo daqueles homens, da “Ordem”, seria muito pior do que simplesmente destruída.

Já há algum tempo essas mesmas dores haviam-na tirado de sua inconsciência diurna, de modo que estava completamente acordada quando Renato entrou e iluminou o recinto.

— Boa noite.

— Vá à merda! — respondeu ela, emburrada, já se preparando para um tapa. O professor, entretanto, apenas sorriu irônico.

— Fale-me sobre sua vida — pediu ele — se você sabe o que é bom para você — continuou, maquiavélico.

— Foda-se! — xingou ela.

— Que seja — foi tudo o que ele respondeu, enquanto batia palmas chamando seu assistente. — André?

— Senhor?

— Chega de brincadeiras — explicou. — Arrume a mesa, traga-me os instrumentos e diga ao conselho que os dados serão obtidos da forma mais difícil.

— O quê? — assustou-se ela, aquelas palavras reverberando sinistras em sua mente. — Como assim, “mais difícil”?!

— Sim, senhor! Eu devo chamar os demais pesquisadores? — perguntou o assistente, ignorando a moça.

— Não! O conselho deixou que eu cuidasse do assunto como eu quisesse. Mesmo porque, no fim, todos os dados estarão disponíveis no sistema. Agora, ligue as câmeras e tranque a porta ao sair — sorriu, também ignorando a vampira.

André então prendeu os ombros dela à mesa, soltou a tira de couro que estava abaixo dos seios e prendeu outra pouco abaixo do umbigo. Saiu da sala e voltou empurrando uma mesa baixa com rodas

— Solte-me, André! — Anna implorou quando ele novamente se aproximou. — Por favor! Eu não vou fazer nada com você, eu prometo!

Mas ele nada respondeu. Puxou alguns cabos e prendeu eletrodos na cabeça e no corpo dela. E, sem proferir uma palavra, chegou e saiu, trancando-a com Renato.

— O que você vai fazer comigo? — gaguejou Anna desesperada, quase chorando.

— Você realmente não tem idéia — ironizou ele, enquanto marcava o corpo dela com uma caneta de ponta grossa.

— Por favor! Eu digo tudo o que você quiser!

— Cale a boca! Você teve sua chance — respondeu ele, pegando algo de metal da mesa ao lado.

O grito de Anna foi agudo e penetrante como uma lâmina. Em seus ouvidos, pior até do que nos de Renato, que chegou a ajoelhar de dor. Não havia nada que ela pudesse fazer; no momento em que compreendeu o que o professor faria com aquele bisturi, seu instinto foi mais forte.

— Pare, vagabunda! — murmurou ele, após se levantar novamente, a cabeça latejando devido àquele som. Uma das mãos cobria uma orelha, a outra, contudo, forçava a lâmina contra a garganta da vampira. — Pare, ou eu juro que arranco fora suas cordas vocais!

A sensação da lâmina contra a base de sua garganta fez com que se calasse totalmente.

O bisturi gelado tocando a parte superior do peito da garota trouxe-lhe arrepios de frio e terror. Renato, de maneira lenta e firme, desceu-o, cortando a pele e a carne exatamente por sobre o esterno dela.

Anna quase sucumbiu à vontade de gritar, mas só um olhar daquele homem a fez continuar calada, rangendo os dentes enquanto agüentava aquela tortura.

— Muito bom mesmo! — comentou ele, ao terminar o primeiro corte, quase quinze minutos depois. — Vamos prosseguir.

Ele então continuou, fazendo duas longas incisões diagonais, uma para cada lado da barriga, chegando da parte inferior do peito até as laterais do ventre, na altura do umbigo.

Anna, entretanto, já havia desmaiado antes de ele terminar.

— Vamos ver quanto tempo levará para que estes cortes cicatrizem — falou, enquanto retirava as luvas cirúrgicas, sorrindo para a vampira desmaiada. — Não tão resistente quando nós achávamos, não é? — riu, falando consigo mesmo. — André, por favor, catalogue todos os dados obtidos pelos sensores hoje, sim? — Ele abriu a porta. — E deixe tudo preparado para amanhã!

— Sim, senhor... Senhor, eu posso liberar a ala para os demais membros?

— O quê? — questionou Renato, com uma careta.

— Para análise do material, senhor.

— Não! — respondeu, enfaticamente. — Eu já disse que os dados serão liberados no final da pesquisa.

— Eu entendo, mas o protocolo diz que, a não ser nos horários do experimento, todos devem ter acesso aos laboratórios.

— Eu já disse que não! — replicou Renato, irritado. — O conselho me deu plenos poderes em relação a este caso. Só taça o que eu mandar, sim?

— Sim, senhor! — respondeu André, não acreditando que aquela seria a linha de ação correta e esperando que os sentimentos de Renato não estivessem sobrepujando sua lógica.



Anna tentou resistir o mais que pôde, mas mesmo para ela aquilo fora demais. Queria gritar novamente, mas a dor foi tanta que seu organismo simplesmente apagou.

Eu morri, foi a primeira coisa que pensou. Mas a idéia de que não estaria pensando se estivesse morta sur-

giu-lhe no exato momento em que percebeu que podia ver.

Via tudo de cima, como se flutuasse. Seu próprio corpo ainda estava preso àquela mesa de metal, nu. O profundo corte como um grande Y invertido brilhando vermelho em seu tórax, fechado por diversos grampos metálicos.

Assustada, tateou seu próprio peito buscando os mesmos sinais. Nada!

Não sentia mais nada ali, como se realmente estivesse completamente desligada do corpo.

— Vampira ou não, parece que ela não resistiu... senhor — ela ouviu um daqueles demônios que haviam feito aquilo com ela falando, debruçado sobre seu corpo.

— Vamos nos livrar dela agora, André — escutou o outro, Renato, responder. — E não tenha tanta pena. Ela faria muito pior conosco se pudesse.

Amedrontada, olhou em volta, querendo algum sinal de que a derradeira morte que enganara décadas atrás viesse levada. Nada aconteceu.

Tentou gritar quando dois homens grandes chegaram e, como se carregassem um saco de batatas, pegaram seu corpo e levaram-no embora.

Não é possível! Eu não sou um fantasma!

Mesmo assim, todas as vezes em que tentou parados, passou por eles como se não fossem nada. Como se ela não fosse nada!

— Não! — uivou quando a porta se fechou com um baque metálico, ela novamente sozinha naquela sala, agora talvez para toda a eternidade.



O som seco da porta de metal fez com que Anna acordasse de uma vez. Continuava presa, percebeu. As luzes brancas da sala pareciam machucar seus olhos inchados, como se ela houvesse passado o dia sob elas, e seu peito ardia no local das incisões.

Não estava morta, embora não soubesse se isso a deixava alegre ou desesperada. Ela tentou engolir, mas o movimento transformou o ardor dos cortes em dor.

Foi um pesadelo... somente um pesadelo, compreendeu, não sabendo se ficava triste ou feliz com aquilo.

— Pronta para mais alguns testes? — perguntou Renato, sorrindo.

A vampira, entretanto, continuou calada.

— Vamos ver... — continuou ele, aproximando-se dela para verificar os cortes que havia feito na noite anterior. — Nossa, eles estão quase cicatrizados! André, fotografe os cortes assim que você terminar aí!

— Sim, senhor! — exclamou o assistente, ligando o computador que monitorava a vampira.

Pegando o bisturi, Renato novamente cortou o peito de Anna. A dor da reabertura das incisões foi algo que nunca imaginou sentir. Os músculos de seu corpo estavam tão tensos que por um momento ela achou que arrebentaria as tiras de contenção.

— Pronto! Não foi tão ruim assim, não é? — sorriu ele, enquanto puxava a pele e a carne do tórax aberto dela, deixando a musculatura peitoral à mostra no enorme triângulo que abrira. — Agora, vamos prender estas pontas e verificar o que temos aqui!

Foram quase quatro horas de testes nos músculos de Anna. Cortes, suturas, pinçamentos, religações, choques.

Renato novamente retirou as luvas e se foi, enquanto seu calado assistente, André, prendia uma nova bolsa de sangue ao cateter no braço dela.

— Por que você faz isso se não concorda, André?
— Anna sussurrou, cada palavra aumentando a dor que sentia. — Por que você não me deixa escapar? Eu posso proteger você! — disse, depois de notar que André não falaria.

— A Ordem é boa — murmurou ele enquanto recolhia os dados, os olhos colados nos olhos de Anna; então, foi-se.

A pele e a carne ficavam presas por grampos cirúrgicos para que o tórax se mantivesse aberto. Qualquer tentativa de cicatrização era impossível. Como o computador verificava, os músculos e nervos pinçados doíam muito além do que qualquer humano agüentaria. Ainda assim o corpo buscava sobreviver, impedindo que a mente da vampira alcançasse a inconsciência. E, pela primeira vez em sua existência imortal, mesmo durante as horas do dia, Anna ficou acordada.



— Por que você está fazendo isso? O que quer de mim? — perguntou ela, novamente, quando Renato entrou na sala.

— Entenda, a Ordem não tem nada contra você. O que eles querem é conhecimento sobre sua espécie... ter novamente o controle da situação.

— E para isso você se torna um monstro pior do que qualquer um de nós!

— Você realmente não compreende, não é? — ironizou ele. — O que eu quero é vingança!

— Vingança? Mas eu não fiz nada contra você!

— Contra mim!? — urrou ele. — E os humanos que vocês matam como gado?

— Faz anos que eu não mato mais para me alimentar!

— E eu imagino que isso faça de você menos culpada, não é? — rugiu ele. — Agora, você sabe o que acontece com a mente de um ser humano ao sofrer o choque de um ataque? Sabe o que acontece com o corpo sem a quantidade ideal de sangue para sobreviver?

— E-eu... — gaguejou Anna, sem saber o que pensar.

— Nunca lhe ocorreu, não é? Pois eu vou lhe mostrar! — continuou ele, pegando um controle e ligando o grande monitor que existia na parede. — Veja você mesma!

A imagem mostrava um homem algo mais novo que Renato. Como ele, o sujeito possuía uma face angulosa e um nariz reto. Como Anna, ele estava preso a uma cama por grossas tiras de couro que o privavam dos movimentos.

Apesar de não haver som, percebia-se que da boca sempre entreaberta saía um balbuciar qualquer. Os olhos, apesar de idênticos aos de Renato, naquele homem pareciam não ter o mesmo brilho arrogante, sendo baços e mortícios, como se a inteligência por trás deles houvesse desaparecido há tempos.

Diversos aparelhos estavam ligados a ele, monitorando-o e ajudando em algumas funções motoras que parecia não conseguir realizar sozinho.

— Conheça meu irmão, Victor! — rosnou Renato, controlando seu ódio. — Há quase dez anos ele foi atacado por um de vocês. Como você pode ter notado, ele foi poupado da morte. Sua mente, entretanto, não conseguiu aceitar o ataque sobrenatural de um vampiro. Agora ele é um vegetal. Consciente, embora incapaz sequer de controlar sua coordenação motora. Ele precisa de alguém para lhe dar de comer, para limpar sua baba, sua merda! — continuou, destilando um veneno que parecia querer corroer-lhe a alma.

Anna olhou para aquele homem com remorso. Há muito tempo procurava não matar ao se alimentar, mas não sabia que poderia ter destruído as mentes de suas vítimas, como ocorrera com aquela.

Abriu a boca, mas fechou-a novamente. Mesmo sem ter feito aquilo ou saber quem o fizera, queria pedir desculpas pelo acontecido, mas sabia que isso nada adiantaria para ela agora. Nada poderia fazer.

— Eu sinto muito — foi tudo o que conseguiu balbuciar.

— Acredite, você vai sentir — retrucou Renato, testando uma pequena serra automática que tinha nas mãos. — Pronta para a retirada de suas costelas?

A aterrorizada Anna somente engoliu em seco.

Ela sentia o som surdo da serra circular contra os ossos de suas costelas tão bem quanto o ouvia. Era um tremor junto à base do crânio, que dava ao horrível rosnar da ferramenta um contorno quase tridimensional. As terminações nervosas já sobrecarregadas pelas noites e dias

anteriores continuavam enviando insanos sinais para o cérebro. Muito além de palavras, o que Anna sentia ironicamente podia ser definido por um vocábulo: *dor!*

A consciência de que aquilo que se dera com o irmão de Renato poderia ter acontecido também com algumas de suas vítimas não atenuava o que sentia naquele momento.

— Deus... me deixe morrer! — murmurou assim que, depois de muito tempo, a serra calou-se e um pouco da dor se foi.

— O que você disse? — perguntou Renato, voltando após deixar a parte externa de suas costelas na mesa ao lado.

— N-nada! — gaguejou Anna.

— Não! Você disse alguma coisa, o que foi? — replicou Renato, bravo. — “Deus... me deixe morrer”, não foi? De que Deus você está falando? — continuou ele. — Você não é uma criatura natural! Não é um ser humano sequer para pedir a ajuda de Deus! Você é uma aberração, um monstro assassino!

Isso é demais!, pensou Anna.

— Isso não é verdade! — falou, mesmo sentindo em seu peito a agonia de cada palavra. — Eu matei, é verdade, mas não mato mais!

— Não! Você enlouquece suas vítimas, destrói sua sanidade e as deixa padecer pelo resto de suas existências! Muito digno da sua parte! Realmente eu me sinto péssimo por estar fazendo você sofrer assim!

— Me mate! Por favor! Deixe o sol incinerar meu corpo! Arranque fora meu coração! Eu desisto! — implorou ela, não sabendo mais o que fazer.

Renato, entretanto, não lhe respondeu. Não parecia mais interessado pelo que ela poderia estar sentindo. Ele simplesmente trabalhava, mutilando...



O que aconteceu?, perguntou-se Anna, olhando para cima. Estranhava a ausência da cegante luz branca da sala. Notou que, apesar de ainda não poder se mexer, seus braços e pernas não estavam mais presos. Da mesma maneira, a mesa de metal frio havia sido substituída por uma superfície de tecido macio.

Será que eu desmaiei?, continuou questionando, sem se lembrar de nada após a terrível dor dos cortes. A percepção de que estava fechada num local mínimo deu-lhe uma certa sensação de claustrofobia. Seu corpo, notou, não doía mais.

Respirando profundamente, como que para espan-
tar o medo, Anna sentiu o intenso cheiro de rosas.

Rosas?, estranhou, até que percebeu que havia um buquê logo abaixo de seu peito. *Não é possível... Eu não estou morta!*

O lugar em que estava, entretanto, não deixava dúvida. Aquilo era um caixão!

Mas eu não estou morta!, pensou, lembrando o quanto desejara estar nos últimos dias. Tanto que, ao considerar sua posição, não achou ruim esperar que seu sangue acabasse ali e ela dormisse.

Talvez alguém me desenterre e eu possa continuar minha vida desse ponto, imaginou, resolvendo que aquela era uma boa idéia. *Esquecida dos acontecimentos dos últimos dias.*

O som de correntes e ferrolhos se movendo fora do caixão e o estranho movimento do mesmo fizeram seus pêlos se arrepiarem.

Não é possível!

Mas o cheiro de gás invadindo suas narinas dizia exatamente o contrário. Não ia ser enterrada, mas cremada.

— Não! — gritou de medo, quando viu a chama avermelhada pela janela do caixão. — Vocês não podem fazer isso, eu estou viva... estou viva!

Nada podia fazer a não ser gritar quando o fogo começou a queimar seu peito, e queimar seu peito, e queimar seu peito.



— Aaah! — gritou, saindo da inconsciência em que caíra após o início dos testes em seus órgãos vitais.

Renato, entretanto, parecia nem haver tomado consciência do fato, continuando a tomar notas e a fazer comentários em seu gravador portátil.

Mesmo sabendo que a tira em seu pescoço a faria engasgar, Anna tentou levantar a cabeça e olhar para o que aquele homem fazia em seu peito.

Mal conseguia ver, mas era possível perceber os movimentos que faziam seus pulmões trabalhando e as batidas de seu coração no tórax aberto.

Diversos cortes e queimaduras haviam sido feitos em seus pulmões, que, conforme Renato percebeu, ainda funcionavam bombeando ar. Da mesma maneira, pedaços foram tirados dos intestinos e do estômago atrofiados e

eletrodos foram ligados a eles para testar sua resistência à eletricidade.

Foram tiradas amostras dos seus tecidos e do sangue que já havia passado pelo organismo da vampira.

— Apesar de tudo — relatou Renato para o gravador portátil que tinha à mão — o coração continua batendo, levando sangue a todas as partes aparentemente vivas do corpo. Isso, contudo, parece resumir-se aos períodos de atividade, durante a noite. Durante a inconsciência diurna, toda a atividade no corpo do vampiro cessa, como se ele estivesse realmente morto.



E por mais quase quatro dias, que para Anna pareceram uma eternidade, Renato continuou com aqueles testes.

Cortou-a diversas vezes, queimou-a com ácido e com fogo e injetou diversos tipos de vírus e bactérias em seu corpo. Sempre buscando descobrir como ela reagia àquelas agressões, enquanto calmamente ditava suas impressões ao gravador.

Ela não fechava mais os olhos quando ele terminou. Nem parecia responder a quaisquer estímulos externos. O computador e os sensores ligados a ela, porém, mostravam que a curva de sensibilidade continuava a responder às dores.

— Interessante — comentou ele trivialmente. — Apesar de tecnicamente morto, o corpo retorna à vida durante a noite, voltando ao estado de morte nas horas do dia, quando a atividade mental cessa. Como se o espírito

que anima o corpo o abandonasse com o nascer do sol, voltando com o poente.

Colocou a parte externa das costelas de volta, mas percebeu que os ossos já haviam cicatrizado. Prendeu-as, então, com um pino de aço em cada costela.

— Mesmo sem poder cicatrizar as incisões abertas, o corpo não desiste de sobreviver — falou ele para a máquina. — Cicatriza ferimentos intensos da maneira como estão. Membros perdidos, portanto, só irão se regenerar se ligados ao corpo assim que cortados.

— Apesar de não funcionar para carregar de oxigênio o sangue roubado, o pulmão ainda bombeia ar pelas cordas vocais para capacitar a fala — disse, enquanto recolocava os músculos peitorais em seus lugares, suturando os cortes que fizera. — Do mesmo modo, o coração e todo o sistema circulatório continuam ativos.

Ele então soltou as pinças que prendiam suas incisões iniciais e colocou a carne e a pele de volta a seus lugares.

— Adaptado a uma dieta líquida de sangue, o estômago diminui sensivelmente de tamanho. Sem função nenhuma, os intestinos, assim como os rins e o sistema urinário, atrofiaram-se completamente — continuou para o aparelho, ignorando a vampira catatônica.

Notou que, como o resto do corpo de Anna, aqueles cortes em Y feitos no peito haviam cicatrizado apesar de abertos, de modo que não voltariam a se juntar totalmente. Fixou-os, então, prendendo grandes grampos de metal ao longo dos cortes para mantê-los fechados.

— O sistema reprodutor morreu. A vascularização da área ventral, contudo, parece fazer da função sexual algo possível — concluiu, tirando as luvas cirúrgicas en-

quanto via a quantidade de material de pesquisa que haviam conseguido.

— Valeu a pena! — comentou com uma careta. — Nossos pesquisadores terão material para muitos estudos sobre vampiros.

Olhou com uma certa pena para o magnífico espécime que havia destruído e recriado ali, ignorando o barulho da porta se abrindo.

— O senhor tem certeza que devemos deixá-la ir? — questionou André, chegando por trás de Renato. — Poderíamos guardá-la para futuros experimentos!

— Não, meu caro, a função dela é outra... — comentou, vendo os outros homens que chegavam para levá-la. — Mas não se preocupe, logo teremos muitos deles.

— Mas você acha que eles cairão?

— É claro! — exclamou o professor, cheio de desdém ao falar dos mortos-vivos. — Vampiros se consideram os derradeiros predadores! São tão confiantes em relação à sua imortalidade e ao seu poder, e mesmo assim tão prepotentes e ingênuos, que eu tenho certeza de que cairão — continuou, os lábios contraídos pelo sorriso macabro.

— Sim! — concordou o assistente, sem entender a sutileza do plano. — E com esse conhecimento recuperaremos o controle.

— Realmente! — sorriu Renato. — Haverá uma guerra entre nós. Muitos morrerão, mas no final, nós, seres humanos, recuperaremos o controle, o poder e a glória que nos foram roubados!

— E nós teremos todos os vampiros que quisermos para terminar nossos experimentos — continuou

André, entendendo a magnificência do plano. — E a Ordem recuperará sua posição junto à sociedade.

— Exatamente — sorriu Renato.



Os olhos vítreos de Anna voltaram ao presente com o sonoro tapa que Renato lhe deu na cara. Estava solta, percebeu, notando também o tremor do local em que jazia e a sensação de movimento.

Estão me levando a algum lugar, pensou, imaginado se poderia escapar dali. Seus músculos, entretanto, mais pareciam geléia.

Olhou em volta. Os vidros todos haviam sido pintados de modo que nenhuma luz passasse ou que ninguém visse o que acontecia lá dentro. Estava no que parecia ser a traseira de um furgão, mas não sozinha. Infelizmente para ela, além de Renato, três outros sujeitos estavam ali, fortes, armados e provavelmente prontos para qualquer coisa que tentasse.

Respirou fundo, buscando acalmar-se. Estranhava não sentir coisa alguma após toda aquela tortura. Imaginava, na realidade, por que ainda estava viva.

— Espantada? — questionou Renato, irônico. Sem que Anna percebesse, ele havia voltado sua atenção para ela e parecia conseguir ler claramente o que se passava em sua mente. — Não deveria. Eu disse que não a destruiríamos.

Ela tentou atacá-lo, mas os movimentos de seus membros, além de lentos, pareciam custar-lhe mais energia do que imaginava ter.

— Se eu fosse você, não faria isso. Você precisará de toda a força que tem.

Isso é demais, pensou, amarga, tentando mover-se outra vez. Sua visão ficou embaçada e uma forte tontura a fez voltar ao chão.

Gemeu quando tocou no assoalho do automóvel. A agonia renascendo em seu peito nu quando os grampos de metal tocavam algo sólido.

Passando a mão nos grampos que fechavam as enormes incisões semi-abertas ao longo de seu tórax, ela notou, abismada, o resultado daqueles dias todos, entendendo enfim o que aqueles homens haviam feito com ela.

— Por quê, monstro?! — balbuciou, a dor fazendo com que o medo de todos aqueles dias se transformasse no mais profundo ódio.

— Eu disse que você seria poupada — sorriu Renato, em resposta. — Assim como lhe dei as razões para isso. — Ele sinalizou e um dos homens que estavam ali abriu a porta lateral do furgão. — O que eu nunca disse é que seria fácil!

— Está amanhecendo! — continuou, olhando para porta aberta. Anna olhou também, vendo que lá fora, ao leste, o céu avermelhado já surgia no horizonte, alongando a sombra das casas e prédios ao redor. — Esconda-se e conseguirá viver!

Um outro sinal foi feito e um dos homens agarrou Anna. Ela tentou lutar, mas seus membros pareciam de chumbo. Estava exausta!

— E se ela não conseguir, senhor? — questionou André, diminuindo a velocidade do furgão.

— Alguém explodindo em chamas em plena manhã será o assunto da semana — respondeu Renato, ainda o-

lhando para a garota, sua vingança, seu troféu, sua ascensão... — A guerra é inevitável.

Quando eles estavam a pouco menos de quarenta por hora, a vampira foi atirada no meio da rua quase deserta. Sem forças, ela rolou pelo asfalto, agonizando cada vez que seus ferimentos batiam o chão.

Estava junto ao meio-fio quando parou. Lágrimas de dor e ódio embaçavam sua visão. O furgão escuro e os motivos para sua raiva, entretanto, já se faziam ao longe.

Por um segundo, ficou ali, jogada como uma boneca velha junto à calçada. Nua e com enormes ferimentos no tórax, que ardiam como se quisessem explodir, parecia mais uma lenda urbana do que algo que realmente havia acontecido. Especialmente porque arderia em chamas assim que o sol surgisse por trás dos edifícios.

Não! Eu não vou terminar assim!, pensou. Olhou em volta, buscando algum local que a protegesse do raios solares que já se moviam pela rua. A única coisa próxima, contudo, era uma estreita boca-de-lobo.



Digitalização/ Revisão: YUNA

TOCA DIGITAL

VAMPIROS!

Há séculos essas criaturas povoam o imaginário popular, desafiando ciência e lógica, graças à inexplicável atração que temos pelo assustador, pelo grotesco, pela amoralidade e pela imortalidade que o vampiro sintetiza de maneira tão completa. Mesmo que o preço seja nossa própria humanidade.

Em cada uma das cinco histórias que fazem parte deste volume, um vampiro tentará se ocultar de você. Eles vivem da aposta de que ninguém os descobrirá. Eles fazem parte do cenário. Estão misturados às sombras das vielas sujas ou aos convidados das festas mais chiques. E, caso você se encontre com um, não adianta gritar por socorro. Nesta Necrópole fria e cruel, ninguém virá para salvá-lo.

Necrópole — histórias de vampiros é o primeiro volume de uma coleção dedicada à nova nata do suspense e do terror. A cada livro, um tema diferente, sempre com escritores brasileiros, que apresentam histórias distintas, mas o mesmo cenário: a Necrópole, metrópole que noite e dia digere nossas almas, gerando em seu ventre cadáveres célebres e assassinos anônimos.

NECRÓPOLE



volume 1

EDITORA
ALAUDE



ISBN 85-98497-29-0